ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 1971 N.º 17 416 ANO 51.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

A eleição da princesa das «Teen-Agers» portuguesas

ESCOLHIDAS DOZE FINALISTAS

Foram ontem escolhidas doze finalistas do Concurso das «Teen-Agers» Portuguesas, entre o grupo de 70 jovens apuradas na fase preliminar. O júri, como se pode observar pela gravura acima, estabeleceu um clima de comunicabilidade com as concorrentes, o que não evitou, totalmente, o nervosismo próprio dos momentos que antecedem qualquer prova. Ele não foi, porém, suficiente para afastar sorrisos dos rostos das candidatas, como se prova na outra foto. A selecção, como pode calcular-se, foi difícil, mas o júri chegou ao final com uma apreciável identidade de opiniões, o que nem sempre é possível, quando está em jogo um título de princesa.

(Ler completa reportagem nas nossas págs. 19 e 20)

QUEIXA DA ZÂMBIA NAS NAÇÕES UNIDAS CONTRA PORTUGAL

NOVA YORK, 18 — (U. P.) — O representante da Zâmbia na ONU, Vernon Mwaanga, denunciou o «bloqueio virtual» imposto pelas autoridades portuguesas à Zâmbia, numa carta datada de 16 do corrente e dirigida ao Conselho de Segurança.

Na sua carta, o representante da Zâmbia afirma, designadamente, que existe no seu país «uma penúria grave de géneros alimentícios e de outros produtos de importação», em consequência «das medidas tomadas pelas autoridades portuguesas, depois de Janeiro findo, com vista a interromper as importações de todas as espécies de produtos, feitas pela Zâmbia através dos portos da Beira, Nacala e Lourenço Marques, em Moçambique, e pelo Lobito, em Angola».

O representante zambiano acentua, por outro lado, na sua carta, que, se o Governo fosse obrigado a fazer passar as suas importações de milho (alimento base da população) pela Tanzânia ou pelo Malawi, isso acarretaria, apenas para o período de 1971/1972, uma despesa suplementar de perto de 13 milhões de dólares.

«A Zâmbia não tem meios para suportar, inùtilmente, esta perda de divisas estrangeiras, por causa das medidas que afectam, nos últimos tempos, as suas importações, em portos e países onde antes transitavam normalmente», conclui o representante zambiano.

O actor Humberto Madeira

HUMBERTO MADEIRA É AMANHÃ SEPULTADO

Humberto Madeira vai amanhã a sepultar no cemitério dos Prazeres. Os restos mortais do actor, que

(Continua na 8.ª página)

UM APARTAMENTO junto ao mar PODE VIR A SER SEU

LEITOR DO Diário de Lisboa

Um confortável apartamento mobilado, junto ao mar, a cem metros da praia, pode ainda ser seu. Basta, para isso, muito simplesmente, tornar-se leitor do «Diário de Lisboa». Nada mais fácil, portanto. Basta apenas ser leitor para ficar habilitado a prémios valiosos. Três

(Continua na página seguinte)

HOJE 36 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO Diário de Lisboa

(Continuação da pág. anterior)

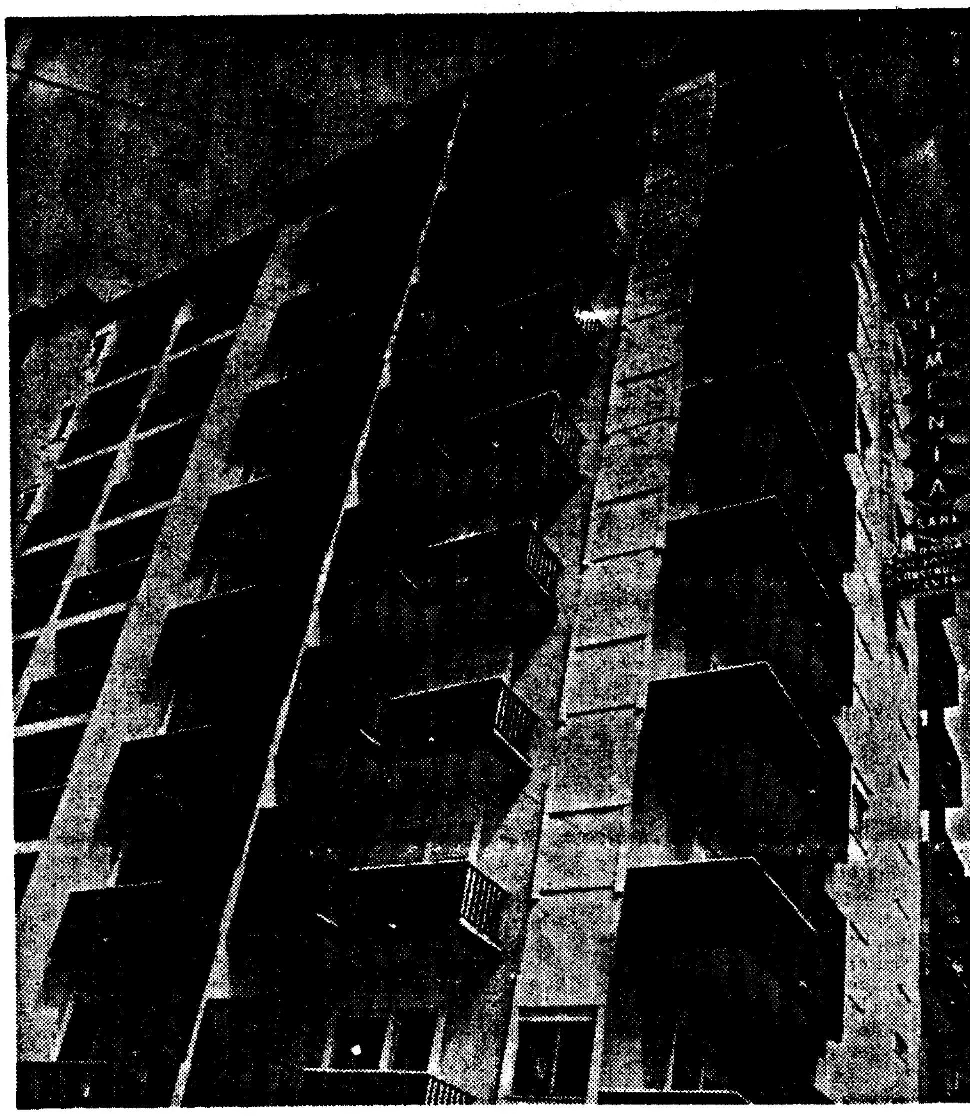
magníficos apartamentos estão ao alcance de quantos participam na segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». Bem perto da praia e da estação de caminho-de-ferro com surpreendente vista para o mar, Empreendimentos Turísticos J. Pimenta, S. A. R. L., estão a completar o seu grandioso centro urbano no Bairro Comendador Joaquim Matias, com características próprias também de complexo turístico de expressivo recorte e dimensão.

Dispondo de fáceis acessos e de uma estrutura funcional bem ponderada, o importante centro urbano compreende 2000 habitações (andares e apartamentos mobilados) numa zona de desanuviados horizontes e sem os efeitos nocivos da poluição, num local magnífico de onde se abrangem deslumbrantes conjuntos panorâmicos.

É, pois, num dos mais invejados locais da Costa do Sol que se localizam estes apartamentos, especialmente concebidos para férias e fins-de-semana (embora podendo perfeitamente servir para habitação pois possuem todo o equipamento indispensável). Os apartamentos caracterizam-se pelo seu estilo funcional e pelo seu conforto bem de acordo co mas exigências da vida do nosso tempo. A decoração moderna e o mobiliário do seu conjunto obedecem ao estilo prático e funcional que presidiu à criação do importante conjunto urbanístico.

Recorde-se que o fabuloso primeiro prémio da segunda fase desta grande iniciativa do «Diário de Lisboa» é constituído por um destes apartamentos confortàvelmente mobilados e por um excelente automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares, carro familiar por excelência embora também com características desportivas. Casa e carro formam, pois, o grande primeiro prémio desta iniciativa, um prémio apetecido por quantos tomam parte nesta realização do nosso jornal. E que se exige aos participantes? Que sejam apenas leitores do «Diário de Lisboa». É o bastante para os fazer habilitar a estes e a outros prémios, também valiosos e tentadores.

Nada mais é necessário do que recortar e preencher (com letra bem legível) o cupão-duplo de identificação que continuamos a publicar, remetendo-o uma única vez (acompanhado de um selo de 1$00), para os nossos serviços — Rua Castilho, 185, 1.° — Lisboa-1. Receberá oportunamente o cartão que o identificará como leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio. Recordamos, no entanto, que nenhum dos prémios será entregue aos contemplados no sorteio sem que estes provem ser leitores regulares do nosso jornal, exibindo a colecção de «cabeçalhos» ao «Diário de Lisboa» publicados no período compreendido entre 7 de Abril último e 7 de Julho próximo com uma margem de faltas consentida de cinco exemplares por cada mês de publicação. Um apartamento mobilado e junto ao mar pode ainda ser seu. Basta apenas ser leitor do «Diário de Lisboa».



É neste edifício grandioso, que se integra no importante centro urbano que Empreendimentos Turísticos J. Pimenta SARL estão a concluir em Paço de Arcos, que se localizam os três apartamentos mobilados primeiros prémios da nossa iniciativa

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome e morada, a localidade onde reside e facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

— Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185 1.° Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

— A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente no cupão-duplo de identificação enviado no dia seguinte após a realização do sorteio entre as 19 e as 23 horas, sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva, tendo o leitor (ou quem o represente) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após o da realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste espaço de tempo) recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio. Abre-se assim ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter coleccionado o número suficiente de «cabeçalhos» o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio tendo que este possua o número de «cabeçalhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato ao do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes. O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas, sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o represente) assim se procedendo sucessivamente em relação aos restantes suplentes.

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971 data em que será encerrada a recepção dos cupões duplos de identificação.

— Fica estabelecido que a partida das viagens que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data da publicação.

JORNAIS ATRASADOS

Os pedidos de jornais atrasados devem ser sempre acompanhados da respectiva importância em selos, cheque ou vale de correio correspondendo 1$50 por cada jornal solicitado

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.° ________ (a)

NOME ________

MORADA ________

LOCALIDADE ________

________ TELEFONE (b) ________

PROFISSÃO (b) ________

(b) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

____

____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.° ________ (a)

NOME ________

MORADA ________

LOCALIDADE ________

________ TELEFONE (b) ________

PROFISSÃO (b) ________

(b) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

____

____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automàticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

AS ORIGENS DA NAÇÃO RUSSA E O NOVO PATRIARCA DE MOSCOVO

Por NIKITA STRUVE

(Professor na Universidade de Paris)

As festivas solenidades que acompanharam a eleição do novo «patriarca de Moscovo e de todas as Russias», realçadas pela presença de numerosos dignitários religiosos, vindos do estrangeiro, contrastaram de maneira singular com a discrição do seu anuncio na Imprensa oficial, algumas linhas, perdidas numa página de jornal, negaram para por 230 milhões de soviéticos ao corrente do acontecimento. A maioria, que nunca ouviu falar do cristianismo a não ser depreciativamente, e que jamais teve a oportunidade de ver uma igreja «em actividade» (regiões inteiras não possuem uma unica igreja) não prestará nenhuma atenção ao acontecimento. Os 20 a 30 milhões de fiéis receberam a notícia com alívio: há alguns anos, seria lícito pensar que as autoridades se oporiam a toda e qualquer eleição de um novo chefe da Igreja. Um punhado de cristãos irredutíveis, desejosos de verem uma Igreja liberta do jugo de um Estado violentamente ateu, procurarão, através de missivas dactilografadas e discretamente transmitidas, chamar — em vão — a opinião religiosa mundial sobre o carácter pouco canónico desta eleição, prefabricada, segundo eles, pelos funcionários do Governo. Passando quase despercebida da massa do povo soviético, aceite sem ilusão pelos fiéis, contestada por alguns «puros», esta eleição, por muito formal e preparada que seja, não deixa por isso de traduzir a sobrevivência de uma fé — o cristianismo ortodoxo — tão velho como a Russia e de uma instituição — o patriarcado — cuja história é tão breve como movimentada.

Cristianismo e Russia formam até á revolução secularizadora de Pedro o Grande uma diada indivisível. A fé cristã presidiu ao nascimento da nação russa e, sempre ao longo da sua história, ajudou-a a enfrentar as catástrofes que a atingiram.

No limiar do segundo milénio, não só por convicção mas também por hábil cálculo político, o príncipe de Kiev, Vladimir, fez do cristianismo a religião nacional do seu principado (988). Através deste baptismo, a Russia de Kiev ingressa de pleno direito na família das nações europeias civilizadas. Os progressos da nova fé e os seus efeitos civilizadores são extraordináriamente rápidos: o Evangelho penetra sem dificuldade nas camadas campesinas e humaniza o jovem Estado, havia ainda pouco tempo bárbaro. Em menos de um século, a Russia cobre-se de igrejas e de mosteiros e toma consciência da sua vocação na ecúmena cristã. Vladimir Monomaque (1118-1125), príncipe modelo e escritor de talento, procura introduzir o ideal evangélico até mesmo nas relações entre os príncipes rivais e no governo dos seus subditos.

As sucessivas invasões mongólicas devastam o país e quebram os destinos europeus da jovem nação. Na mesma altura, os ataques dos cruzados ocidentais — suecos e teutões — acabam por isolar a Russia do Ocidente. Com o jugo tártaro, a Russia perde o seu centro político, o seu vigor moral, o sentido da sua vocação. Competirá essencialmente á Igreja recriar a personalidade da nação desunida.

O SÉCULO XV, APOGEU DO CRISTIANISMO

O século XV pode ser considerado como o apogeu do cristianismo russo. O ícone com André Rublev, o mestre Denis atinge os píncaros da arte universal e revela a profundidade e a harmonia de uma fé que une céu e terra, ultrapassa a ascese pela transfiguração ilumina o Calvário pela alegre luz da Ressurreição, tempera o ultimo Julgamento pela confiança na misericórdia divina. E este cristianismo, simultaneamente austero e radioso, apenas é contemplativo: o monge voluntáriamente lenhador e trabalhador, coloniza pacificamente os vastos espaços desabitados do Norte. Entre o Estado e a Igreja, não existe conflito, mas sim colaboração activa e fecunda com respeito mutuo pelas respectivas competências. Esta situação privilegiada não vai contudo, durar. A União com Roma, assinada em Florença (1439), é repudiada em Moscovo. A Igreja russa aproveita esta traição dos gregos para conquistar a sua independência administrativa. Até então considerada uma vasta diocese de missão, ela dependia de Constantinopla para a nomeação do seu primaz, o metropolita de Kiev, depois do de Moscovo.

Esta sujeição, que o poderio da Igreja russa não justificava, tinha a vantagem de proteger a hierarquia da ingerência do poder civil. A queda de Bizancio (1453), na qual os russos vêem a justa ira de Deus, estimula o orgulho nacional. Não só compete á Igreja russa vigiar a partir de agora a integridade da fé ortodoxa (muito embora a União de Florença tenha sido condenada pelo povo grego), mas o grão-príncipe de Moscovo pode ocupar o lugar vago do imperador bizantino. Moscovo pretende ser a terceira Roma: a primeira tombara na heresia, a segunda encontrava-se cativa dos turcos... A história humana vai terminar com o triunfo da Moscóvia ortodoxa. A Igreja vai ser coduzida, definitivamente á sua custa, nesta política de grandeza nacional que coincide com o fim do jugo tártaro, a unificação dos territórios russos e o aumento do despotismo (Ivan IV).

Um conflito significativo opõe, na segunda metade do século XV, duas tendências monásticas: Nil de la Sora e os seus discípulos, os monges de além-Volga, preconizam a vida de eremita, a pobreza absoluta, a liberdade intelectual, a independência perante o Estado; Joseph de Volock quer, pelo contrário, um monaquismo organizado, disciplinado, rico, ao serviço da sociedade e do Estado. O triunfo dos adeptos de Joseph de Volock vai pesar duramente nos destinos espirituais da Russia... Mais cedo ou mais tarde a Igreja vai encontrar-se em rivalidade com o Estado.

Quando, em 1589, Boris Godunov obtem do patriarca de Constantinopla, em visita a Moscovo, a elevação da Igreja russa ao nível de patriarcado, é menos para honrar uma cristandade próspera do que para dar ao seu reino o brilho que convém á terceira Roma, unica herdeira do império bizantino.

O GRANDIOSO OBJECTIVO DO PATRIARCA NIKON

Mas as pretensões temporais da terceira Roma são arruinadas pelo caos em que mergulha o Estado russo após a morte de Boris e a interrupção da dinastia. Nestes tempos de desolação e de divisões, a Igreja mostra, uma vez mais a sua força moral. Frente ao invasor polaco, o mosteiro da Trindade São-Sérgio (sempre ele!) suporta um cerco de dois anos e permite ao país organizar a sua defesa. É ao escutarem o apelo do velho patriarca Hermógeno, prisioneiro em Moscovo, que as cidades do Norte e do Oriente se levantam para expulsar o invasor.

Uma vez a ordem restabelecida no país pelos esforços conjugados do patriarca Filarete e de seu filho Miguel (1613-1645), o primeiro soberano da dinastia dos Romanov, o patriarca Nikon retoma por sua conta a teoria de Moscovo-terceira Roma, mas transpondo-a para o campo espiritual. Este prelado d uma envergadura completamente excepcional propõe-se desde a sua eleição (1652) um objectivo excepcional: engolobar o temporal no espiritual, suplantar o czar, reformar a Igreja pelo modelo dos patriarcados orientais (para estar ao seu nível de cultura e lominá-los melhor), em resumo, tornar-se uma espécie de «papa» da Igreja ortodoxa... Posta brutalmente em prática, esta política termina rápidamente por uma dupla catástrofe.

Indignados com reformas estranhas impostas pela força, milhares de fiéis entre os mais zelosos, abandonam a Igreja: é o cisma dos velhos-crentes. O czar Alexis Mikhailovitch não tarda a compreender o perigo que corre e faz depor o ambicioso prelado por um concílio pan-ortodoxo. A própria função de patriarca torna-se suspeita aos olhos do Estado. Aquando da morte do patriarca Adrien (1700), décimo primeiro e ultimo patriarca da antiga Russia, Pedro o Grande opõe-se á eleição de um sucessor: vinte anos mais tarde, aboliu o patriarcado e substituiu-o, por um colégio de bispos e de padres segundo o modelo protestante.

Rudemente maltratada pelas imperatrizes esclarecidas do século XVIII, que continuam brutalmente a política secularizadora de Pedro, dirigida pelos piedosos soberanos do século XIX, a Igreja resigna-se a mais não ser do que um serviço publico entre outros... A despeito da paralisia da Igreja (a expressão pertence a Dostoievski), um notável renascimento espiritual, partido das profundezas populares, atesta a vitalidade do cristianismo russo.

1917: A INDEPENDÊNCIA

Para se mostrar amplamente á altura da sua missão, dar o seu pleno testemunho, reencontrar na nação o crédito de que desfrutava com Pedro o Grande, a Igreja apenas tem de vencer um obstáculo: desembaraçar-se da máquina burocrática na qual se encontra imbricada (os funcionários devem comungar uma vez por ano!) e rejeitar a golilha do Estado que a avilta e desfigura. Todos desejam a convocação de um concílio (também esta instituição tinha sido suprimida) e o restabelecimento do patriarcado, garantia de independência... Mas Nicolau II não se resolve a restituir á Igreja a sua liberdade...

Será necessária a queda do antigo regime para que a Igreja, após dois séculos de cativeiro, reencontre, finalmente, a sua independência perante o Estado... Mas não será por muito tempo. O concílio de 1917-1918, reunido em plena tormenta revolucionária, tem apenas tempo para dar á Igreja novas estruturas com eleições a todos os graus e larga participação dos leigos, restabelecer o patriarcado, eleger para este posto, seis dias após o golpe de estado bolchevista, um homem de inegável santidade, o patriarca Tikhon, quando se abate sobre a Igreja uma das mais formidáveis tarefas de descristianização que a His

(Continua na 18.ª pág.)

O ENIGMÁTICO MUNDO DAS MONÇÕES

KIEL, Junho — O oceano Indico é o menos conhecido de todos os grandes mares. Investigar as suas características biológicas e oceanográficas foi o objectivo de numerosas expedições empreendidas entre 1959 e 1965. Os resultados desse intenso trabalho, no qual participaram 22 nações com mais de quarenta navios de investigações oceanográficas, acabam de ser discutidos num simpósio internacional em Kiel, na República Federal da Alemanha. As análises científicas foram muito além da intenção primitiva de procurar novas fontes de alimentação para os países limítrofes.

Pelo facto de ser limitado, ao Norte, por terra e pelas monções, o oceano Índico distingue-se essencialmente dos demais grandes mares. Só recebe água fria, rica em oxigénio do pólo Sul. A consequência é um abastecimento insuficiente de oxigénio na sua zona setentrional. Por outro lado, recebe dos rios enormes quantidades de substâncias alimentares de origem vegetal. As monções fazem com que, na sua direcção, suba à superfície água fria, rica em substâncias alimentares, dando uma elevada produção vegetal e, concomitantemente de plâncton animal. Ao Sul do Equador esta produtividade diminui ràpidamente.

O mais importante resultado do simpósio de Kiel, no qual participaram 200 cientistas, foi a apresentação de dois atlas. O prof. Wyrtky de Honolulu, mostrou aos seus colegas as primeiras folhas do seu «Hawaii-Atlas» dedicado à oceanografia física do oceano Índico, e o prof. Krey, de Kiel, elaborou um atlas da distribuição de plâncton vegetal e animal. Investigadores soviéticos dedicaram-se sobretudo ao problema da distrbuição quantitativa de peixes e de outros animais no fundo do mar. Provaram não haver outro grande mar em que a população, em zonas distantes da costa, seja tão densa como no Índico.

PETER VON RÖNN

FIL

MAQUINARIA PARA A AGRICULTURA

As máquinas e alfaias destinadas á lavoura também se encontram representadas na XII Feira Internacional de Lisboa, onde proporcionam mais uma valiosa oportunidade de serem uteis ao visitante profissional, patenteando-lhe o progresso de uma actividade fundamental para o desenvolvimento económico e social do País.

A importância da mecanização agrícola salienta-se cada vez mais, para se vencerem os difíceis problemas com que se defronta o agro português. A potência média dos tractores, no Continente subiu de 31,0 para 38,2 cv, durante o decénio de 1958 a 1968, sendo aproximadamente, de apenas 5 cv a diferença de potência média dos tractores utilizados no Alentejo e no Minho.

JORNADA DA ITÁLIA

HORÁRIO — Hoje — das 17 às 24 horas
Amanhã — das 15 às 24 horas

ENTRADA 5$00

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

GRANDE OPORTUNIDADE
FÉRIAS NO BRASIL
VISITE O STAND Firestone

* novo casino estoril * casino estoril * novo casino estoril * casino estoril *

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

LES ♡ CHERIES
VEDETAS FRANCESAS DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL

PALERMO and PHILLIPS
ORIGINAIS MALABARISTAS

MARICHA

BENTYBER DANCERS

com
claudette walker · lindsay dolan
Beatnicks * JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DESIREE DESIR
SÓ NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. maiores de 17 anos
NO WONDER BAR A 1,0H maiores de 21 anos
TELEFONE 264521

* novo casino estoril *

5ª SEMANA EM CONTINUAÇÃO DE ESTREIA

O GENDARME EM FÉRIAS...

com
LOUIS DE FUNES
JEAN LEFEBVRE
YVES VINCENT
CHRISTIAN MARIN

No ambiente um pouco louco de Saint-Tropez, o gendarme de novo metido em sarilhos...

Um filme para RIR de princípio ao fim!

Realização de JEAN GIRAULT
Maiores de 12 anos
EASTMANCOLOR - PANAVISION

Um filme SD
Distribuido por EXCLUSIVOS
AGORA NO EUROPA
ÀS 21,30

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES, às 21.45
2 Últimas semanas
AMANHÃ, TARDE POPULAR A PREÇOS REDUZIDOS

Jogos de Sociedade
de J. ALONSO MILLAN
MAIORES DE 17 ANOS

A SEGUIR EM SENSACIONAL REAPARIÇÃO
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ

EM ENTRECAMPOS CONTINUA
O ESPECTÁCULO FAVORITO
DO POVO DA CAPITAL
AO ALCANCE DE TODOS
E PARA TODOS OS GOSTOS

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLONIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

STANDS DE EXPOSIÇÕES — DIVERTIMENTOS — RESTAURANTES — RETIROS — FARTURAS E SONHOS — SORTEIOS, ETC.

ABERTURA AS 19 HORAS

TRINDADE
F. N. A. T. APRESENTA
Hoje, às 21,15 — 1.ª Récita
(M/ 12 anos)
ANDRE CHENIER
de Giordano
Maestro: SILVA PEREIRA
Encenador: GINO BECHI
ELENCO
Teresa Barbieri, Helena Cláudio, Manuela Piçarra, Conceição Ramos, Carlos Fonseca, Luís França, Carlos Jorge, Guilherme Kjölner, Manuel Leitão, Mário Oliveira, João Pessanha, João Veloso.
OSQUESTRA DE ÓPERA
Bailados pelo Grupo de ANNA MASCOLO
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos
ESTE ESPECTÁCULO REPETE-SE NOS DIAS: 21, 24, 26 e 29 de Junho e 2 de Julho

AVISO

A partir de hoje e por impossibilidade da Orquestra de Ópera da Emissora Nacional passa a actuar na temporada lírica popular deste teatro uma Orquestra de Ópera constituída à base de elementos da Orquestra Filarmónica de Lisboa, por especial deferência da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Artística da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

A Direcção do Teatro manifesta o seu público reconhecimento às Entidades acima referidas, pois que a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa e a Sociedade Artística constituem a única forma possível do prosseguimento da presente temporada.

NOS E Costan®
EQUIPAMENTOS FRIGORÍFICOS
SOMOS GARANTIA DE SERVIÇO E QUALIDADE
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: J.J.GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
VISITE O NOSSO STAND NA FIL/71

José Núncio em reaparição

TAUROMAQUIA

À ANTIGA PORTUGUESA

A Antiga Portuguesa e de gala, em honra dos congressistas do I. A. A., com a praça iluminada até no exterior, e com colgaduras, e comtejo com todos e coche e a «Netinha» Noronha.

O 1.', do dr. Ortigão Costa, com todos, foi retirado por total mansidão e substituído por outro que José Mestre Baptista bem farpeou, com música e volta à arena, e flores, com Mascarenhas Bravo, do Grupo de Santarém, que pegou muito bem.

José Nuncio, em desejada reaparição após prolongada ausência, é recebido com palmas, houve-se com manso que barbeou as tábuas e o cavaleiro obrigou a boas farpas. Com arrancadas de manso levou boas curtas e foi bem pegado por João Cortes do Grupo de Montemor-o-Novo.

Luís Miguel da Veiga, também saudado com palmas, tudo fez para obrigar o manso a quatro boas farpas, com aplausos e volta à arena e ida ao centro com Joaquim Mascarenhas que pegou bem, que os touros, gordos, tinham poder.

José Mestre Baptista conseguiu forçar outro manso a boas farpas, tentando animar o pachorrento, pelo que foi aplaudido e deu volta com Zita Cortes.

José Nuncio, por sua vez lidou muito bem o quinto manso da noite, também com típicas arrancadas, mas forçado a boas farpas compridas e curtas. Volta com um do grupo de Souto Barreiros.

E Luís Miguel não teve muito melhor sorte com o ultimo, mas fez com que a noite acabasse em beleza. Cravou boas farpas ao som da música e deu volta triunfal no final de uma noite de mansos.

«El T. P.»

EÇA: Eu vou de monóculo e a menina de monokini...

VEJA, HOJE
ÀS 21.00 E 23.00 H.
NO
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

A VERDADE, NUA E CRUA,
A CAPITAL
de EÇA DE QUEIROZ
COM
ANTÓNIO MONTEZ
NO PROTAGONISTA
GAT GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL
Subsidiado pelo Fundo de Teatro
(Adultos)

AMANHÃ,
NA MATINÉE,
OS ESTUDANTES SÓ PAGAM 50%

A peça «A CAPITAL» está editada por «LIVROS DO BRASIL» e encontra-se à venda em todas as livrarias.
BROCHADO: 60$00
ENCADERNADO: 100$00

Coral da Faculdade de Letras de Coimbra

Na Cadeia Penitenciária de Coimbra amanhã, ás 17 horas, o Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra vai efectuar um espectáculo para reclusos. O C. E. L. U. C., sob a direcção do maestro dr. Manuel Reis e acompanhado pelo seu professor de canto, Giovanni Boyer, interpretará música polifónica clássica, música popular portuguesa em arranjos polifónicos e ainda espirituais negros.

Lemos no «Digame» que «Campillo» houve um dia de se vestir de picador numa corrida de Palha que levara a Madrid e atirara para a enfermaria todos os picadores. Morreu em 1925, sempre com a confiança do sr. José Pereira Palha, e até Vila Franca fomos então com o dr. António Torres Pereira que o ia ver. Mais lemos no «Digame» que morreu o bom toureiro «Mella» que foi o primeiro a matar, touros em Portugal, nos nossos tempos, nas Caldas da Rainha e de Neto Rebelo.

Ao som de alguns novos «E P»

MANUEL FREIRE RECEBEU O «DISCO DE BRONZE» DO ZIP

Gente da rádio (muita) e dos jornais (bastante) foi ontem á tarde ao Villaret ouvir música (alguma) a sério e outra que poderá ajudar a editora a manter também a sua linha de prestígio. O lançamento foi do Zip, que tinha lá a receber os convidados, além do «top» José Fialho Gouveia, nomes como os de João Paulo Guerra, José Duarte, Francisco Santos e Manuel Vieira.

Houve «cocktail», claro. Mas as pessoas estavam sobretudo interessadas no material prensado. Assim, depois de o nosso camarada de Imprensa Baptista-Bastos defender (bem) o disco de crónicas que o Zip lançou há meses (*«quando ouvi a minha voz descobri que já não poderia voltar a escrever certas palavras»*), avançou para o palco o maestro António Victorino d'Almeida, ele e a sua alegria peculiar de mergulhar nas coisas até ao pescoço. De Victorino d'Almeida sai agora um «LP» com interpretações de trechos de J. S. Bach, Beethoven e Albéniz. A propósito Fialho Gouveia resolveu falar franco:

— *Parece que não há um círculo muito numeroso de pessoas interessadas em discos de música clássica...*

Victorino d'Almeida, rápido:

— *Vamos a ver se o disco não é uma catástrofe!*

Quanto á música dita ligeira, João Paulo Guerra anunciou dois discos a prensar (de Marion Love e John Blai) e chamou-lhes «*modernacos*», que também é falar franco. Do grosso do lançamento — cinco «EP» da etiqueta americana «G. R. T.» — encarregou-se o «jazzman» José Duarte, bem informado sobre os movimentos musicais do outro lado do Atlântico. Artistas e conjuntos em epígrafe: Lotti Golden (excelente), Rastus (idem), Saint Jacques, Podipto e Minnie Reperton. Como isto anda tudo ligado, José Duarte não se limitou a falar de música.

Resta acrescentar que a figura central foi Manuel Freire, cuja «*Pedra filosofal*», sobre a poema homónimo de António Gedeão, ultrapassou a barreira dos 10.000 «Discos de bronze» foram entregues por Fialho Gouveia ao homem de Ovar e a Thilo Krassman (orquestrador). Bom, e há um disco novo de Freire: «*Dulcineia*» para ouvir rápidamente, porque é mesmo bonito.

AS AVENTURAS DE MAX PECAS

PARIS, 18 — (A. N. I.) — «O primeiro filme feito para mulheres» é o «slogan» que em alguns jornais franceses acompanha a apresentação de um filme escrito, produzido e realizado por Max Pecas. A película intitula-se «Je suis une nymphomane» e é interpretada por Patrick Verde, Yves Vincent, Sandra Julien e Janine Raynaud.

CANAL 13

AMANHÃ ÀS 15.30 H.

ABC

BILHETES À VENDA (M. 6 ANOS)

MARIA VITÓRIA

M/ 17 anos

Hoje e todas as noites,

2 sessões às 20.45 e 23 h.

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM, EM PLENO ÊXITO, A COLOSSAL REVISTA

• CALA-TE BOCA!...

Um óptimo elenco, com:

JOSÉ VIANA

BARROSO LOPES • DORA LEAL

ÂNGELA RIBEIRO • JÚLIA BABO

A cantora lírica

SUZETE DINIZ

e no «compère»

OCTÁVIO DE MATOS

À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ESPECTACULAR «BALLET» INTERNACIONAL

DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 H.

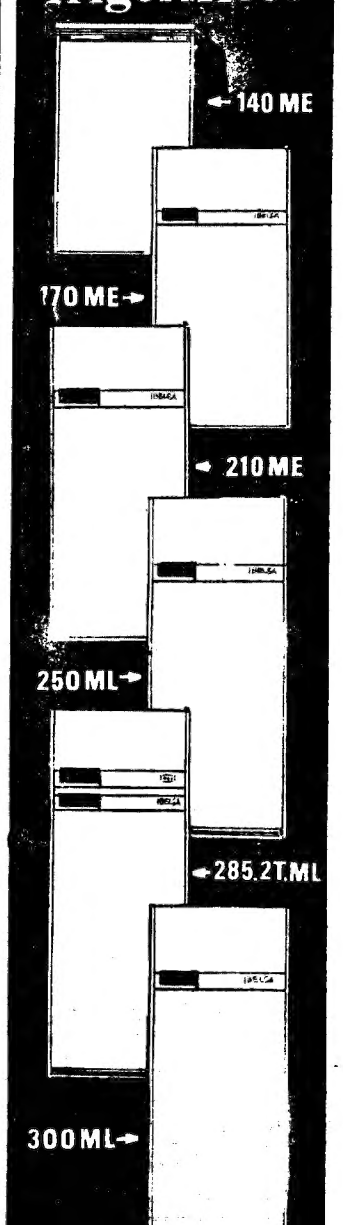
OCTÁVIO DE MATOS no «compère»

plm

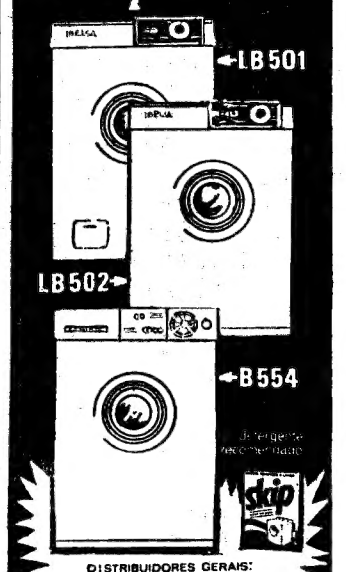
IBELSA* está na moda

*qualidade sinónimo de garantia

frigoríficos



máquinas de lavar roupa



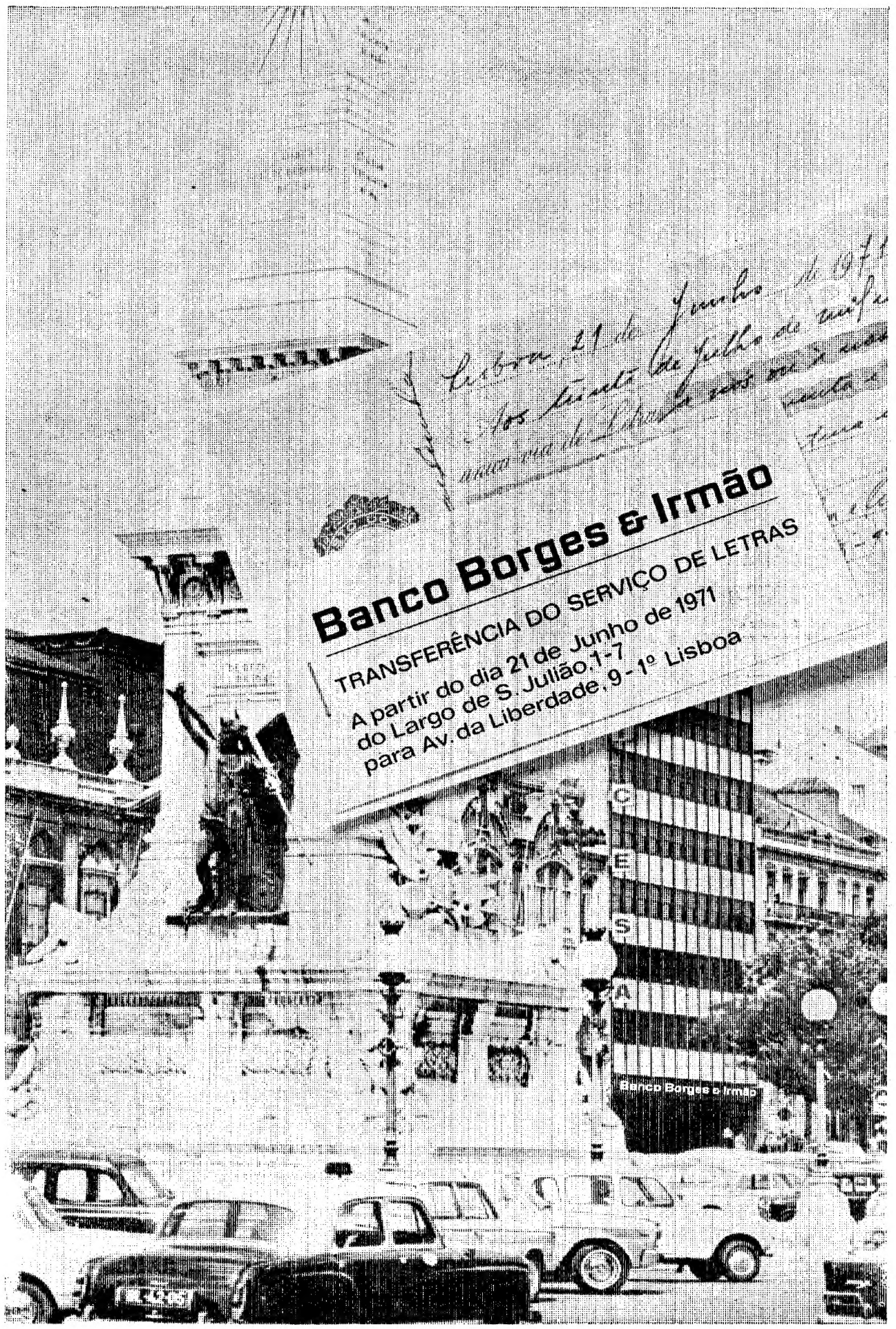
DISTRIBUIDORES GERAIS:

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.

(DIVISÃO ELÉCTRICA) TELFS. 63 61 70 - 42 49 5

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

VEJA NA FIL A NOVA LINHA IBELSA/71



VIDA MUSICAL

A estreia de «André Chénier»

No Teatro da Trindade é cantada hoje em estreia, ás 21 e 15 a ópera de Giordano «*André Chénier*», com Carlos Jorge no portagonista.

O elenco inclui também outros nomes conhecidos: Teresa Barbieri, Helena Cláudio, Conceição Ramos, Manuela Piçarra, Luís França, Guilherme Kjöner, Manuel Leitão, João Veloso, João Pessanha, Mário de Oliveira e Carlos Fonseca.

Dirige o espectáculo o maestro Silva Pereira e a encenação é assinada por Gino Bechi. A orquestra de ópera foi formada á base de elementos da Orquestra Filarmónica de Lisboa, enquanto Mário Pellegrini e Carlos Pasquali prepararam o Coro do Teatro de S. Carlos. Bailados pelo Grupo de Bailado de Anna Mascolo, maquetas de Hugo Casero e cenários de José Manuel.

A FINAL DO CONCURSO DE TEATRO AMADOR

Os júris da fase regional (Zona Norte e Zona Centro-Sul) do Concurso de Teatro Amador das Colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes, organizado pela S. E. I. T., através da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, com a colaboração da F. N. A. T. e Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, seleccionaram para a fase final os seguintes grupos dramáticos:

Centro de Recreio e Cultura D. Manuel de Melo, de Albarraque, com a peça «A Morte de um Caixeiro Viajante», de Arthur Miller; Grupo de Teatro da Casa do Pessoal da «Sacor», de Lisboa, com a peça «Esta Noite Choveu Prata», de Pedro Bloch; Grupo Excursionista «Os Económicos», de Lisboa, com a peça «A Forja», de Alves Redol; Clube do Pessoal da Fima-Lever, de Lisboa, com a peça «Humor Próprio», de Orlando Neves e Pedro Bandeira Freire; Centro de Cultura e Recreio Oliva, de S. João da Madeira, com a peça «Patelão», adaptada por Rui Lebre; Grupo Desportivo da Escola Dramática e Musical Valboense, de Valbom-Gondomar, com a peça «A Forja», de Alves Redol; Grupo Cénico da Delegação da F. N. A. T. de Coimbra, com a peça «Um Dia de Vida», de Costa Ferreira; Clube 22 de Novembro, do Barreiro, com a peça «A Forja», de Alves Redol; Grupo Cénico da Casa do Povo de Arcos-Estremoz, com a peça «Casa de Pais», de Francisco Ventura; Grupo de Teatro Experimental do Centro Paroquial do Montijo, com a peça «O Pecado de João Agonia», de Bernardo Santareno, e Grupo Teatral Freamundense, de Freamunde, com a peça «Amor de Perdição», adaptada por Romeu Correia do romance de Camilo Castelo Branco.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Setenta e oito deputados se apresentaram ontem à tarde no hemiciclo da Assembleia Nacional à hora da chamada. Um deles, o deputado Olímpio Paiva tomou a palavra antes da ordem do dia para se referir ao desagravo ao presidente da Câmara da Moita do Ribatejo, a quem fora enviada uma encomenda postal contendo um engenho explosivo.*

★ Depois, foi a ordem do dia: discussão na generalidade da proposta de lei e dos projectos de lei de alteração à Constituição Política.

Sobre este ponto o deputado Temudo Barata foi o primeiro a usar da palavra. Por duas vezes citou o prof. Oliveira Salazar para salientar que quer a proposta do Governo, quer os projectos dos deputados de revisão constitucional não afastavam, de modo algum, os princípios essenciais da Constituição de 33, apontados por Salazar.

Este deputado que aprovou na generalidade os três diplomas em discussão, acentuou logo de início que qualquer deles não visava substituir a Constituição de 33, mas revê-la, pelo que «*mesmo após ter lido com toda a atenção os pareceres da Câmara Corporativa*» não percebeu nunca qual a vantagem que haveria em rejeitar a discussão na generalidade dos projectos dos deputados. Ao seu espírito estes surgiam-lhe «*como úteis complementos da proposta governamental.*»

★ *Duas vezes, também, foi o prof. Salazar referido na intervenção que se seguiu, a do deputado Mota Amaral. Primeiro quando afirmou:*

«Se o longo período de estabilidade por que passou o País sob o governo de Salazar teve benefícios, também não se pode pretender desconhecer os custos que implicou. E o menor deles não foi com certeza a generalizada apatia, a indiferença dos cidadãos perante a vida pública, a incapacidade, ao menos aparente, para realizarem por si só os seus interesses e tomarem posições perante os da Nação», *e depois, mais adiante, ao considerar:*

«A história desta Câmara, durante o longo consulado de Salazar, é bem a do seu progressivo apagamento.»

★ De resto, o discurso do orador foi, principalmente, uma análise do aparecimento e evolução da Constituição de 33.

«*O legislador constituinte de 1933 tinha perante si um país de características marcadamente agrárias, estável, pòliticamente portanto conservador, traumatizado por décadas de instabilidade e insuficiência governativa.*

Deste quadro social e ideológico e da situação de equilíbrio de forças políticas que veio a resultar da Ditadura consequente ao pronunciamento militar de 28 de Maio de 1926, nasceu a Constituição de 1933 e o regime por ela instituído: autoritário, antidemocrático, antiparlamentar, corporativo.»

Quanto à evolução aquele deputado apontaria o crescente papel legislativo do Governo em detrimento da Assembleia Nacional, a abolição do sufrágio directo para a eleição do Chefe do Estado, aspectos que criticou, embora reconhecesse na Constituição vigente «*soluções políticas felizes*» a par de «*aspectos a vivificar e ampliar*». A industrialização, a emigração, a melhoria do nível cultural, a insatisfação da juventude, o dinamismo de Angola e Moçambique são, segundo o orador, indícios de inequívocas «*modificações no quadro social do País*» a justificar «*reformas, em todos os âmbitos, sem esquecer o estritamente político.*» E assim:

«*Mais importante é, porém, a supressão de certas restrições contidas no nosso texto constitucional, que pràticamente privam do conteúdo efectivo a margem de liberdade e segurança de que os cidadãos hão-de dispor em matérias de tão transcendente importância como a expressão de pensamento, a reunião e associação, a inviolabilidade de domicílio e o sigilo da correspondência. E a experiência até aqui havida quanto a estas matérias e quanto a certos institutos do processo criminal, designadamente a prisão preventiva, que se traduz na desvirtuação das garantias da liberdade individual, aconselha vivamente a que se vá um pouco mais longe na regulamentação dessas garantias no próprio texto constitucional.*»

Neste sentido o deputado Mota Amaral acabou por defender o regresso à eleição do Chefe do Estado por sufrágio directo.

Defendeu ainda o mesmo parlamentar um revigoramento da competência legislativa da Assembleia Nacional, nomeadamente em matéria financeira, para no final manifestar o seu voto de aprovação na generalidade à proposta e aos dois projectos de lei de revisão constitucional.

★ *Subiu depois à tribuna, o deputado Ricardo Horta que durante a sua intervenção se referiu exclusivamente à proposta governamental, a que concedeu a sua aprovação na generalidade, manifestando a sua confiança no Governo.*

A ele se seguiu o deputado Pinto Machado que sòmente focou o problema do regime de eleição do Presidente da República que um dos projectos dos deputados propõe «regresse ao sufrágio directo dos cidadãos eleitores». *O deputado em questão é também um dos signatários do referido projecto e, por isso, veio a ser mais um parlamentar na defesa desse mesmo regresso.*

★ O deputado Almeida Garrett foi o último orador da tarde. O seu discurso pretendeu ser, fundamentalmente, uma resposta «*aos que, arrebatados na sua euforia reformista teimam em considerar*» a actual revisão de «*via reduzida*». O orador assestava as suas palavras no deputado Sá Carneiro. Assim, apoiou fortemente o parecer da Câmara Corporativa que aconselhara a manutenção do actual sistema de eleição do Chefe do Estado, e manifestou-se surpreendido pelo facto de haver quem «*queira ver na simples reafirmação das liberdades do indivíduo a panaceia de todos os males.*» Queria com isto vir a dizer o deputado Almeida Garrett que era o Estado Social o defensor da autêntica liberdade. E mais adiante perguntou:

«*Não será forçar a lógica o querer relacionar com o direito ao trabalho pretensas limitações drásticas da actividade sindical? E não existirá um desvio factual em ver a negação daquele direito num desumano impedimento da emigração, que nunca existiu?*»

Aqui foi o orador interrompido pelo dr. Sá Carneiro, o qual, depois de anotar que a moderna ciência jurídica considera o direito ao trabalho uma conquista e um direito final que se consubstancia por um lado na liberdade sindical (com o direito á greve por parte dos trabalhadores e o direito ao «lock-out» por parte dos patrões), e por outro no direito á livre emigração, sendo estes dois direitos instrumentais em relação ao direito ao trabalho, conforme reconhecimento da própria Câmara Corporativa, perguntou, então, se a circunstância de se coarctar os direitos á emigração, á greve e ao «lock-out», direitos instrumentais para a realização do direito ao trabalho, não vinha anular ao fim e ao cabo o referido direito ao trabalho promulgado pela Constituição? Além disso, o dr. Sá Carneiro não deixou de sublinhar que durante a intervenção do seu colega não vislumbrava resposta aos seus pontos de vista, pelo que agradecia esclarecimentos.

Foi a vez do deputado Almeida Garrett assinalar a vaguidade das afirmações do dr. Sá Carneiro em confronto com a realidade, pois, e concretizando, não compreendia como se aviltara o direito á emigração quando a legal vinha aumentando numèricamente ao longo dos anos, ao que retorquiu o visado:

— *Eu referi-me á disciplina jurídica da emigração, não a números. E se a legal aumentou, talvez a clandestina tenha aumentado mais. V. Ex.ª tem números desta?*

Nenhum dos deputados tinha, e foi o Presidente da Assembleia Nacional que chamou a atenção do deputado Almeida Garrett para o facto de se estar a esgotar o tempo a que tinha direito. Assim se interrompeu e acabou o diálogo com o dr. Sá Carneiro, enquanto o orador concluía a sua intervenção dando aprovação na generalidade á proposta do Governo.

★ *Ao encerrar a sessão, o Presidente manifestou aos deputados a sua intenção de ver concluída, durante a próxima semana, a discussão na generalidade dos diplomas de revisão constitucional.*

CML - Estufa Fria
HOJE, ÀS 21.30 H
BARCA SEM PESCADOR
de Alejandro Casona
pela COMPANHIA DE TEATRO POPULAR — empresa Augusto de Figueiredo
Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana
com Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernando Figueiredo, Leonor Poeira, Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva, Vladimiro Franklim, Alberto Inácio, Igor Sampayo e Augusto de Figueiredo
Bilhetes a 0$00, 5$00 e 20$00 — Venda na P. dos Restauradores, das 8 às 20 h e na Estufa Fria à hora do espectáculo
Maiores de 12 anos

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
IVONE princesa de Borgonha
de WITOLD GOMBROWICZ
Amanhã às 22 horas
ESTREIA
ATENÇÃO: Não é permitida a entrada depois de ter começado o espectáculo.
Intervalo entre o 3.º e o 4.º acto.
Patrocínio, Junta de Turismo da Costa do Sol.
Subsídios, Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian. (Adultos)

Teatro Academia
Telef. 63 66 37
HOJE, às 21.45 h.
122.ª REPRESENTAÇÃO
(M. 12 anos)

Santo e a porca
de Ariano Suassuna
Para crianças:
Amanhã às 16 h.
A GATA BORRALHEIRA
(4 anos)

3.ª SEMANA
UM JOVEM FUGITIVO PARA QUEM SÓ UMA REALIDADE CONTA: — O AMOR —
PODE ESTE AMOR DURAR SEMPRE ...OU APENAS ALGUNS DIAS?
CHRISTOPHER JONES - DEPOIS DO ÊXITO DE "O ESPELHO DOS ESPIÕES" e "A FILHA DE RYAN" NOVAMENTE NUMA GRANDE HISTÓRIA DE AMOR!
PIA DEGERMARK - A CÉLEBRE INTÉRPRETE DE "ELVIRA MADIGAN" e "O ESPELHO DOS ESPIÕES"

A COLUMBIA FILMES apresenta, uma produção DINO DE LAURENTIIS
com CHRISTOPHER JONES • PIA DEGERMARK
no AQUELES DIAS CONTIGO... (BRIEF SEASON)
Argum. de RENATO CASTELLANI e ADRIANO BARACCO Prod.: DINO DE LAURENTIIS
Real. de RENATO CASTELLANI Color
UM GRANDE ÊXITO no SÃO LUIZ

SÁBADO 19 DE JUNHO (21,45) PAVILHÃO DOS DESPORTOS
1.º FESTIVAL DE INTÉRPRETES DA CANÇÃO PORTUGUESA
Um espectáculo inédito ao nível internacional. Promovido pela FOCO
GRANDIOSO DESFILE DE 30 CANDIDATOS • O PÚBLICO ESCOLHERÁ OS 10 MELHORES PARA A GRANDE GALA • CADA BILHETE VALE (1) VOTO
BILHETES À VENDA NAS AGÊNCIAS OFICIAIS
M/ 6 Anos
Patrocínio de: BRONZALINE • MOTORIZADAS MOBYLETTE • DURATUR apartamentos • TELEUROPA electrodomésticos
FILMARTE — VALENTIM DE CARVALHO
MELODIA — DISCOTECA UNIVERSAL
FEIRA DO DISCO — FOCO

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

TRÊS PEÇAS APRESENTÁVEIS MAS NÃO TODAS REPRESENTÁVEIS

A rubrica «Os Homens, os Livros e as Coisas» acabou. Exalou o último suspiro. O anúncio foi dado pelo responsável sem nenhuma explicação para o caso. Acabou, acabou. Paz á sua alma. E a gente que aguente!

É pena. Com Joaquim Manuel Magalhães aprendeu a Televisão portuguesa uma outra face: a apresentação de algumas das maiores personalidades literárias do nosso País e do nosso tempo. Como se tal não bastasse, acrescente-se a desenvoltura no desdobramento dos temas e a alegria de falar de alguma coisa que se ama. Com Joaquim Manuel Magalhães, a Televisão foi convivência, uma actividade saudável.

O facto de ser «Juvenil» ter-lhe-á retirado alguma audiência do público adulto... por fora. Sendo certo que uma boa programação para adultos é uma boa programação para jovens, o inverso já encontra mais resistência na sua aceitação. Infelizmente os adultos (os tais adultos por fora) sentem-se diminuídos pela presença dos mais novos.

Pior para eles. Teriam ás vezes muito que aprender.

●

PROBLEMA DO TEATRO COM PROBLEMAS

Ontem, por exemplo, quando Magalhães se reuniu com três jovens. A propósito de teatro. Fora num concurso, organizado pela «TV Juvenil» para a escolha de três peças. Aqui há tempos. Aqui há meses. Muitos.

Os resultados publicaram-se ontem. Os jovens concorrentes premiados chamam-se Luciano Marmelada e é de Évora *(«Lá em baixo, no Alentejo...»)*, João Cotrim, de Lisboa *(«Devias á minha idade, não posso assistir ao teatro...)* e Alberto Costa, de Aveiro *(«o teatro devia radicar em problemas nossos »)*

Os jovens não se limitaram a falar dos seus trabalhos. Estimulados por Joaquim Manuel Magalhães disseram da sua tristeza pela ausência de teatro na província. Luciano Marmelada declarou que, em Évora, «teatro como meio de cultura é coisa que não existe». Alberto Costa recordou a presença, em Aveiro, de um grupo amador que luta com vários condicionalismos».

Das três peças premiadas, duas (as de Luciano Marmelada e João Cotrim) tratam problemas sociais. Quanto a Alberto Costa, escolheu a atenção ao material literário «Desci á palavra» — disse.

Foi esta a peça colocada em primeiro lugar para efeitos de representação na Televisão portuguesa.

●

REFRESCAR ... COM ÁGUA FRESCA

Era de muito interesse a actividade que estava a desenvolver Joaquim Manuel Magalhães através dos concursos literários. Esses concursos acabaram. Não são apenas os jovens os prejudicados: somos nós todos.

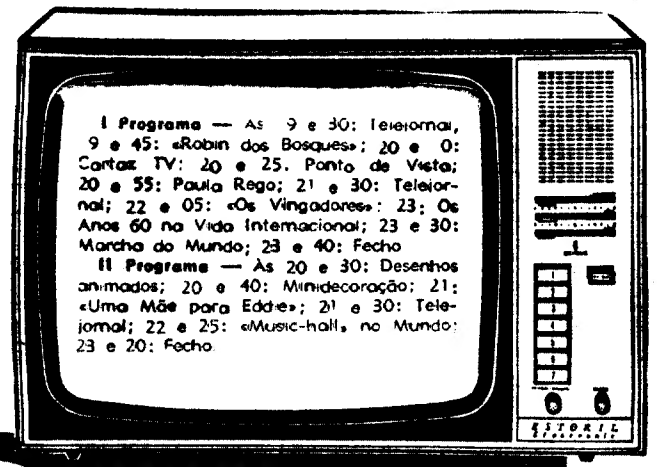
Se tal importância se notava nos domínios da poesia e do conto, ela poderia assumir maiores proporções no campo do teatro. Poderia encontrar aí a Televisão portuguesa material variado e de qualidade para refrescar os seus programas dramáticos.

Não é isto verdade? Não é verdade que, após a organização de um concurso dentro da Televisão portuguesa, haveria que escolher para representar o maior número possível de produções? Não é verdade que as três peças colocadas nos primeiros lugares deveriam ser levadas ao conhecimento dos telespectadores?

Isto parece lógico, desejável e possível. Todos estão redondamente enganados. Das peças em questão, como se disse, apenas uma será dada pela Televisão...

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



AMANHÃ PODE VER..

I PROGRAMA — **Às** 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana, apresentado por Luís Filipe Costa; 13 e 15: Filme de série: «Viver no campo»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Dó, lá, si, com apresentação de Alfredo Alvela; 14 e 25: Universidade na TV: «Jóias pré-históricas», da série «Pré-História». Documentário da CST (Televsão checoslovaca), e «A lenda de um monge japonês», da série a «Vida e a história». Documentário da NHK. Tradução e comentário de Maria Luísa Sabbo e Maria Manuela Furtado; 15 e 15: TV educativa: Educação musical (crianças); 15 e 40: Série juvenil: «Daniel Boone»; 16 e 30: TV infantil: coordenação de Maria do Sameiro Souto, «Fábulas e fabulistas», um programa de M.ª Cândida Mendonça. «O João», narrativa de Canto e Castro; 16 e 55: Desenhos animados: «Kimba»; 17 e 30: Programa feminino: Nós as mulheres; 18: Estúdio sem marcação, um programa para os jovens; 18 e 25: Teledesporto; 18 e 50: Expedição; 19 e 10: Agro-71: 19 e 30: Telejornal; 19 e 40: Série juvenil: «Barreiras submersas»; 20 e 10: E a vida continua; 20 e 25: Ensaio; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Folhetim: «As nossas queridas mulheres; 22 e 35: Variedades: Silvie Vartan no Olímpia de Paris; 23 e 30: Marcha do mundo — Serviço informativo; 23 e 35: Meditação e Fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: O caso da semana; 21: Filme de série: «Viver no campo»; 21 e 30: Telejornal; 22: Teatro lírico: «Os palhaços»; 23 e 40: Fecho.

TUDOR pilhas secas

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 6 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: Vida e trabalho. 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional; 18 e 50: Melodias de Cinema; 19 e 10: Passatempo musical; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Guitarrista. Carlos Paredes acompanhado em viola por Fernando Alvim; 20 e 30: 8.º Episódio do Folhetim «Duas Vidas — Um Destino»; 21: Momento 71; 21 e 20: Ao sabor da fantasia; 22: Noite de Teatro, «Guerras do Alecrim e da Manjerona», de António José Silva, em adaptação do dr Leopoldo de Araújo; 23 e 21: Miscelânea; 24: Fecho

2.º Programa metropolitano — Às 6. Ciclo do Barroco Italiano: 6 e 45 Música de vanguarda: 7 e 30: O compositor do mês: Sibelius: 8 e 35: Sonata n.º 3, em si menor op 58 (Chopin); 19 Música portuguesa. 20: Diário Sonoro. 20 e 20: Paganiniana, arranjo e execução do violinista Nathan Milstein: 20 e 30: Obra para solos, coro e orquestra: 21: Concerto sinfónico — 1.ª parte; 22: Intervalo: Canções de Fauré. 22 e 10: 2.ª parte do concerto sinfónico; 23: A Voz do Ocidente, e 5: Fecho

Programa estreofónico — MF 2 — Às 21: Retrospectiva: Bob Dylan; 21 e 20: Música portuguesa; 21 e 40: Orquestras: 22: Johnny Rivers, 22 e 20; Maurice Larcange (acordeonista); 22 e 30: Canconetas; 23: Programa pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão-Televisão Belga sob a direcção de Léonce Gras (gravações cedidas por aquela estação de rádio); 23 e 31: Música de câmara; 0 e 16. Música instrumental; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 6 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá; 8 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 5: Contraponto; 9 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 2 e 03: Suplemento; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: A noite é nossa; 5 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C.; 17 Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 04: Vértice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22: Noticiário; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 6 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 8 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: 56 rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque 22 e 15: Novas de alenna; 22 e 30: Tiroteio; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 6: Radiorama; 8 e 05: Marcha Tha; 8 e 30: Terço, hênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Programa aos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama 22 e 45: Música variada 23: A 23.ª hora

Estação do Porto — 256,6m — 1169 kc/s — Às 6: Radiorama 8: Marcha Tha 8 e 30: Terço hênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Variedades; 22 e 50: S. João de Vila do Conde; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

FEMSA
MATERIAL ELÉCTRICO DE ORIGEM PARA AS MARCAS:
FIAT
RENAULT - SIMCA
PEUGEOT - VAUXHALL
ALFA ROMEO - DATSUN
Revendedor Autorizado
CARLOS EDUARDO TROVÃO, Lda.
Av. João XXI, 68, A-C Telefs. 77 02 85 - 77 10 14

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista Praça Maraguês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição Praça da República Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PAPELARIA FERROS
Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

XXII CONGRESSO MUNDIAL DA I. A. A.

A QUALIDADE SERÁ O FACTOR-CHAVE DO TRABALHO PUBLICITÁRIO DO FUTURO

«Dentro de 10 anos terão desaparecido muitas agências se continuarem a realizar os seus negócios como presentemente (..). Por volta de 1981 as agências deixarão de ter entre o seu pessoal filhos dos amigos ou o sobrinho do fundador que não conseguiu triunfar na vida. Os amadores terão desaparecido — assim se expressou Leonard Press sobre «O futuro da publicidade», último tema em discussão do XXII Congresso da I. A. A. que hoje terminou no Casino Estoril.

Leonard Press sublinhou que *«as agências continuarão a oferecer serviços completos aos seus clientes, mas o seu carácter talvez tenha de mudar»*.

Não poderá ser possível *«as agências confiarem no facto de que têm grandes departamentos de serviços como a principal vantagem na procura de novas contas. Em acréscimo à qualidade do trabalho criativo da agência, o factor chave será a qualidade dos serviços e não a quantidade de pessoal»*.

Concentração da publicidade em companhias gigantes

O «account executive» (segundo o orador) será também diferente. Será uma pessoa *«altamente sofisticada, possuindo um treino básico como director de marcas numa companhia dinâmica de produtos embalados — normalmente formado por uma escola comercial. Terá capacidade para traduzir as necessidades do cliente à equipa de «copywriters» e ao departamento artístico, e os seus resultados ao cliente, em termos entendíveis por ambos. Os departamentos de suportes, «marketing» e estudos serão também muito diferentes do que são hoje, porque os grandes clientes internacionais poderão encarregar-se da mecânica desses sectores com maior eficiência e a mais baixo preço do que a agência»*.

Acentuou ainda o orador:

— A concentração de acções nas mãos de relativamente poucas companhias gigantes será mais uma realidade em 1981 do que hoje. O que vai um departamento de «marketing» fornecer a P & G, a Lever, a General Foods, a Colgate com as técnicas para o «marketing» dos seus produtos? O «account executive» ou supervisor de «marketing», «research», e de suportes deve ter conhecimento absoluto do produto do cliente e dos seus problemas, mas deve actuar como um jornalista objectivo, levando um ponto de vista novo ao problema. Deve ser capaz de comentar inteligentemente os planos ideados pelo cliente e fazer contribuições de um ponto de vista novo. A agência não deverá manter grande número de empregados nestes departamentos de estrutura que tanto sorvem o orçamento. As agências que se baseiam em grandes departamentos de serviços como substituto à criação de boa publicidade, ou apenas para impressionar o cliente, descobrirão que o seu produto já não tem procura.

Intervenção (provável) dos Governos

A arte de comunicação torna-se especialmente pertinente quando *«as agências de publicidade se virem a braços com o facto de que, por volta de 1981, as técnicas dos fabricantes para pesquisa de produtos se terão tornado tão sofisticadas que todas as grandes marcas de qualquer produto tenderão a ser mais ou menos iguais. Tornar-se-ão produtos indiferenciados»*.

— Como será então possível convencer o consumidor a comprar a marca «A» de preferência à marca «B»? Há que ter em mente que o consumidor, então mais culto, exigirá mais informações sobre os produtos comprados. Se as agências de publicidade e os seus clientes não lhes derem essas informações, os Governos poderão intervir e forçar a indústria a fornecer informações mais exactas sobre os produtos que vendemos — concluiu Leonard Press.

Intervenção de Herman Khan

Ainda sobre «O futuro da publicidade» falaram o dr. Amaro de Matos (*«As relações entre a agência de publicidade e o seu cliente não podem subsistir, na forma actual nas décadas dos anos 80 e 90 deste século»*) e o futurólogo de reputação mundial Herman Khan.

Segundo Herman Khan *«há tendência para uma cultura cada vez mais sensata (empírica, terrena, secular, humanística, pragmática, manipulativa, explicitamente racional, utilitária, contratual, epicúrica, hedonística, etc.), com um pronunciado declínio do sagrado e uma relativa erosão dos tabus, tótemes e da autoridade»*.

Prosseguindo na sua exposição, Herman Khan referiu-se *«à sociedade emergente dos Estados Unidos, na perspectiva do ano 2000, observando que as actividades económicas serão quaternárias e os mercados desempenharão um papel comparável ao sector público e aos «investimentos sociais»*.

Jorge Rodrigues: medalha de mérito (ouro) da I. A. M.

Antes do discurso (improvisado) de encerramento pronunciado pelo dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo, foi entregue a Jorge Rodrigues, secretário-geral da Comissão Organizadora do Congresso e do «Chapter» Português, a medalha de mérito (ouro) da I. A. A., «pela sua energia e espírito de cruzada, pois o número de membros da I. A. A. em Portugal, aumentou extraordinàriamente no espaço de poucos meses, passando dos 25 necessários à formação de um «chapter» para mais de uma centena».

— Por tal motivo — afirmou Jere Petterson, presidente Mundial da I. A. A. — *o «chapter» português é, actualmente, o maior da Europa continental e o quinto do mundo.*

Banquete em Queluz

À hora de encerrarmos a edição, está ainda a decorrer, no Estoril, uma sessão posterior à de encerramento, reservada ao Conselho de Administração da I. A. A., cujo próximo Congresso se celebrará dentro de 2 anos em Dublin.

Esta noite, o ministro dos Negócios Estrangeiros oferece aos congressistas (cerca de 1200) um banquete de gala, seguido de baile, no Palácio de Queluz.

Em três linhas

Na cerimónia da inauguração das novas instalações do Clube Filatélico de Portugal, o eng. Rui Sanches, ministro das Obras Públicas, entregará a Ordem do Infante ao grande filatelista português José Gonzalez Garcia.

///

Segue amanhã para Roma o sr. dr. António Manuel Syder Santiago, que vai assumir as suas funções de secretário do Embaixador de Portugal junto da Santa Sé.

///

Está marcada para o dia 21, ás 15 horas, a reunião da assembleia geral da Liga dos Combatentes que apreciará o relatório e contas da gerência de 1970 e estudará assuntos de interesse para o desenvolvimento das actividades da Instituição. Preside o almirante Sarmento Rodrigues.

OS EMPREGADOS DO B. N. U. CONFRATERNIZAM

Realiza-se amanhã a confraternização anual dos empregados do Banco Nacional Ultramarino. O programa é o seguinte: ás 13 e 15, missa na igreja de São Nicolau, e, a partir das 19 e 30, no Hotel Ritz homenagem aos empregados com 50 e 40 anos de serviço, jantar de confraternização e variedades.

VAI AMANHÃ A SEPULTAR O ACTOR HUMBERTO MADEIRA

(Continuação da 1.ª página)

sucumbiu ontem, pouco antes da meia-noite, à doença implacável que o afligia desde há anos, estão no Instituto Português de Oncologia, de onde sairá o funeral cerca do meio-dia.

Figura eminentemente popular Humberto Madeira, um homem que soube sempre sentir com o povo, com ele comungar e vibrar em espectáculos sem conta, e que nos palcos semeou alegria e emoção, continuou a ter o mesmo interesse do publico nos ultimos anos, já afastado do teatro, segregado da vida, vivendo a sua pessoal tragédia de se sentir afndar pouco a pouco, esvaindo-se-lhe a própria vida. E o publico não o esqueceu e era emocionado que recebia as notícias de além da cortina hospitalar que lhe ocultava o seu actor preferido.

Terminou em tragédia essa comunicação publico-actor: o publico do Parque Mayer, das salas de cultura e recreio, dos grandes espectáculos de beneficência, e o actor Humberto Madeira. Na tragédia que pouco a pouco foi consumindo a esfusiante comunicabilidade do cómico.

Foi um caso de vocação instintiva o de Humberto Madeira que largou o liceu para entrar no teatro. O pai não concordou e empregou-o num escritório, porque teatro não é profissão para um metódico industrial. Lá dentro, porém, o teatro estava-lhe no sangue a referver e Humberto aparecia em festas, sobretudo na Orquestra Aldrabófona, depois no «Solar da Alegria» do Parque Mayer, na Rádio Peninsular e noutros espectáculos da A. P. A. O actor estava feito, amadurecida e provada a vocação.

A carreira e a tragédia

Nascera em Lisboa em 3 de Agosto de 1921 e ia portanto completar 50 anos. Depois desses ensaios, com imitações, entremeses cómicos, que lhe fixaram o nome entre o público, Humberto Madeira estreava-se finalmente como actor no Coliseu de Recreios. A maior e mais popular sala de espectáculos via assim nascer um dos actores mais populares que temos tido. Foi na revista «Retalhos e recortes», em 1942. Depois iria para Espanha interpretar no cinema «O diabo são elas», e para o Brasil, numa revista com Amália Rodrigues como cabeça de cartaz.

Em Lisboa entrava no Casablanca, onde agora está o teatro ABC, e as suas imitações, que continuava também a manter na Rádio, tiveram extraordinário êxito. Ao fim de algum tempo os espectáculos eram proibidos. Mas o que tem de ser tem muita força e, logo a seguir, Vasco Morgado lança-o na revista «Ó Rosa, arredonda a saia», no Avenida. Foi a consagração. Humberto Madeira e Salvador criaram uma das duplas mais célebres e que mais calram no goto do publico até hoje. Oito anos seguidos mantiveram-se na revista.

Em 1964, com Raul Solnado e Carlos Coelho, explorava o Capitólio. Mas, pouco tempo volvido, na revista «É canja», sente o primeiro ataque. Doente agora, para depois ter ilusões de cura, voltando aos palcos e indo até Angola com uma companhia. Internado novamente, nova ilusão de cura e nova vida dos palcos com a revista «A ponte a pé». Em 1968, o prof. Lima Basto manda interná-lo de novo no Instituto de Oncologia. E a sua tragédia prende a opinião publica. Consagração completa no Coliseu do Porto, e Lisboa faria a sua edição consagradora, em Dezembro desse mesmo ano, com espectáculo inolvidável.

Em Janeiro de 1969 o Presidente da Republica desloca-se ao Instituto de Oncologia, onde novamente ele estava internado, para o condecorar com a Ordem de Santiago. Em Setembro desse ano foi para Nova Iorque, onde sofreu uma operação plástica. Há dez meses voltou ao quarto do Instituto de Oncologia e desta feita para não mais sair de lá. Ali o foi esperar a morte, que veio ontem, no meio da ternura de todos os seus e com emoção para quantos alguma vez lhe sentiram a voz ou lhe viram a figura, com ele riram nas salas delirantes. Desta feita ata-se-lhes a voz com um nó na garganta.

*

Humberto Madeira era casado com a sr.ª D. Luciana Garcia Madeira, pai do sr. Vítor Garcia Madeira e da menina Isabel Maria Garcia Madeira, filho de António Madeira, já falecido e da sr.ª D. Isabel Madeira; e irmão da sr.ª D. Maria Helena Madeira Ralha, casada com o sr. Luís Ralha.

UTIC

Os empregados da UTIC, com mais de 20 anos de serviço, realizam amanhã, um passeio turístico à região do Ribatejo, procedido de um almoço de confraternização.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE FRANGO
Diàriamente SARRABULHO

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef. 40''5
Aos domingos especialidades da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS E COELHO À CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 8'' 60

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M. 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

(Sala no cave) **Restaurante breque**
A deliciosa cozinha Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com músico de fundo estereofónico
Domingo: PERNA DE CABRITO À PADEIRO e ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D — Telefs. 677006 - 679998

CTT
CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

OBRIGAÇÕES CTT 5 3/4 % — 1969

SORTEIO

No dia 1 de Julho próximo, pelas 9.30 horas, na sede da Empresa, na Rua de S. José 20, Lisboa, realizar-se-á o sorteio, n.º 1, das 4111 obrigações que serão amortizadas a partir de 1 de Agosto seguinte, conforme respectivo plano de amortização.

Lisboa, 15 de Junho de 1971

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Na 140.ª sessão do julgamento do caso da herança Sommer, o declarante Carlos Champalimaud continuou a ser inquirido pelo representante do Ministério Público, dr. Antero Dinis. As perguntas respeitaram ao «caso Transformal», em que são réus os irmãos António e Henrique Champalimaud.

Antes da sessão, o patrono do réu revel, dr. Manuel João da Palma Carlos, dirigiu ao Tribunal um requerimento que é, essencialmente, do seguinte teor:

1 — O requerente não se conformou com os despachos (de fls. 12 597 e 12 598), nos quais o Tribunal indeferiu a audição dos inspectores da Polícia Judiciária. Por isso deles quer interpor recurso para o tribunal da Relação.

2 — No despacho do passado dia 11, utiliza-se a expressão «singularíssima revelia do réu António Champalimaud». Ora, não se conhece que a situação de revelia de quaisquer réu, e em qualquer processo, possa revestir várias modalidades. Qualquer processo seguirá os seus termos à revelia do réu, quando se verifique o condicionamento legal, previsto e definido no Código do Processo Penal. Assim, impetra-se do douto tribunal que se digne esclarecer o alcance e o significado da expressão (incluída no despacho em causa).

3 — O tribunal interroga se os advogados do requerente (réu revel) manterão ou não contacto com ele, e em que condições e frequência. A interrogação só pode ser dirigida ou visar, directamente, os mandatários do réu. Acentuando: isso não pode deixar de merecer dos mesmos (mandatários) veemente protesto — por ser matéria a que o tribunal não pode deixar de manter-se estranho, já que se trata de problema de deontologia do profissional do foro, que em tal campo não deve explicações nem aceita reparos de quaisquer magistrados. É isso que, sem quebra do respeito devido, o advogado do requerente se permite observar.

4 — Na mesma parte do despacho a que nos reportamos, equacionam-se dúvidas e interrogações acerca do original da cópia e fotocópias (da carta apenas a fls. 6718, 11 143 e 12 540).

O requerente vem dizendo repetidamente que não tem qualquer receio da verdade. Está disposto a esclarecer todas as dúvidas. Assim explicará:

a) que o original da carta, dirigida á sr.ª D. Maria Luísa Arapio de Sommer, infelizmente já falecida, tinha de estar lógicamente em poder desta, ou por ela ser perdido ou extraviado;

b) O requerente tinha em seu poder tão sòmente uma cópia — uma só — do original dessa carta, a qual se encontra a fls. 12 540 dos autos;

c) antes de ser junto aos autos o que, para melhor compreensão se denominará «cópia-original», juntou-se, a fls. 6718, uma fotocópia, tirada em 1959, em máquina de técnica então existente — de líquidos, — como aliás elementarmente se apreende de um simples relance á fotocópia em causa;

d) posteriormente, para se instruir o parecer técnico junto a fls. 11 059 e segs., extraiu-se fotocópia da mesma cópia-original mas, porque esta fotocópia foi tirada em máquina diferente, muito mais moderna, e de diferente técnica e sistema, uma copiadora Rank Xerox 813, resultou a redução da imagem em relação ao original».

No final o requerimento, acentuava: «O requerente continua na disposição de não deixar de esclarecer o tribunal sobre a mais ligeira duvida que lhe sobre.»

O juiz-presidente, sr. corregedor Bernardino de Sousa, consignou o seguinte desfecho:

«O réu revel requer que o declrante Carlos Champalimaud demonstre publica e rapidamente como foi vítima de um cerceamento de crédito por parte do Banco Lisboa & Açores. Essa demonstração não parece assim tão urgente. Quem se considerou difamado, só reagiu seis meses após as declarações terem sido produzidas.»

Sublinhando, a seguir: «Não é responsável o tribunal da publicidade que foi dada a tais matérias. A discussão e apreciação de questões pendentes só devem ser feitas por meios e órgãos competentes. O tribunal, perante o que acaba de ser referido, continuará a apreciar a causa, serena e objectivamente, alheio a todos que, propositadamente ou não, perturbam o seu labor. Assim, o tribunal indefere o requerimento pelo réu António Champalimaud.»

ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA ACADÉMICA

Os alunos do curso comercial de 1917/1921 da Escola Académica vão comemorar, em Novembro próximo, as respectivas bodas de ouro.

As inscrições fazem-se na Rua D. Estefânia, 195, 1.º, dt.º e na Rua João Saraiva, 28, 28 A, em Lisboa.

VIDA SOCIAL

PROF. VASCO BRUTO DA COSTA

Regressou de Paris, onde participou na reunião do gabinete executivo da União Internacional de Higiene e Medicina Escolares Universitárias, o prof. Vasco Bruto da Costa, presidente do VI Congresso Internacional a efectuar, em Lisboa, de 23 a 27 de Agosto.

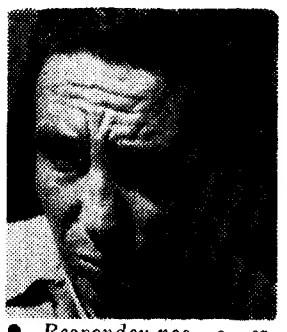
ENG. FRANCISCO MALHEIRO

Partiu para Strasbourg o sr. eng.º Francisco Malheiro, presidente do conselho de administração da SOREFAME, que naquela cidade vai assistir à assembleia geral do C. E. C. T. (Comité Européen de la Chaudronnerie et de la Tolerie), na sua qualidade de vice-presidente daquele organismo internacional.

ora diga-nos...

— Gosta de touradas?

As touradas são um espectáculo popular... a que o povo nem sempre pode assistir.



● *Respondeu-nos o sr. João Afonso Rodrigues, continuo:*

— Gosto.

— Assiste?

— Não assisto porque não tenho vida para isso. A minha vida é trabalhar para a casa, tenho a mulher doente, não dá para isso.

— Vê na televisão?

— Vejo. Tenho imensa pena de não assistir, mas a vida não o permite.

● *Disse-nos o sr. Policarpo dos Santos, corador:*

— Gosto.

— Costuma ir assistir?

— Não, porque os bilhetes são muito caros. Gosto de ver pela televisão.

● *Por fim afirmou-nos o sr. Armando Correia de Sousa, empregado de escritório:*

— Gosto, mas raras vezes assisto.

— Porquê?

— Os preços dos bilhetes são um bocadinho elevados.

O pandemónio do trânsito na Avenida Marechal Carmona

Do nosso leitor sr. Luís Filipe Brandão, de Lisboa, recebemos cópia da seguinte carta enviada ao director dos Serviços de Trânsito da P. S. P.:

«Tem a presente o fim de trazer ao conhecimento de V. Ex.ª o meu desapontamento por verificar a falta de interesse pela segurança rodoviária e, neste caso particular, no que respeita à Avenida Marechal Carmona.

Diáriamente e, em alguns casos, repetidas vezes, esta artéria é cenário dos mais diversos acidentes.

Atropelamentos, colisões, despistes, capotamentos, uns por excesso de velocidade, outros por falta de orientação nos dois cruzamentos existentes. Que medidas foram já tomadas?

Os cruzamentos continuam sem orientação quer automática, quer por agentes, salvo quando há futebol no Estádio da Luz. Controle de velocidade nunca foi exercido.

Trata-se de uma avenida em plena cidade em que se circula a velocidades entre os 80 e 140 quilómetros horários, sem que os condutores estejam sujeitos a qualquer medida repressiva.

Contudo esta artéria não tem características de construção para tais velocidades pois é quase toda ela uma curva e sem «relevés».

Com um pouco de boa vontade e sem grandes estudos, aprovações, etc., poder-se-iam talvez dispensar, para o efeito três ou quatro agentes reguladores de tráfego.

Enfim, V. Ex.ª saberá melhor do que nós qual a solução para o problema. Ficou apenas uma sugestão de um utilizador das ruas e avenidas desta cidade que, por falta de atenção de quem de direito, se tornam cenário das mais trágicas situações.

Desde já me coloco ao vosso inteiro dispor para prestar toda a colaboração que estiver dentro das minhas possibilidades»

Tomás Ribas vai hoje á noite (21 e 30) a Sintra para dirigir uma conferência-demonstração sobre «Dois estilos de dança: o clássico e o moderno». As palavras do escritor e crítico serão ilustradas pelas professoras Wanda Ribeiro da Silva, Águeda Sena (ambas na gravura), Vera Ribeiro da Silva e Ana Pereira Caldas, e pelos alunos José Manuel Faro e Paulo Coelho. Ao piano estará a professora Ana Domingues

TABUENSES CONFRATERNIZAM

A Casa dos Tabuenses promove o seu tradicional almoço de confraternização, no dia 20, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, Rua Portas de Santo Antão, 58, encerrando assim as comemorações do seu 38.º aniversário.

Assistirão os presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Tábua, deputados e outras individualidades.

As inscrições podem ser feitas através dos telefs. 679866, 530758 e 761661.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis. **Consumo mínimo, 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Ana Rosmaninho. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo, 90$00 ✲ Beco dos Curtumes, 10 ✲ Tel. 860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Encerra aos domingos**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop—Soul e Undergraoung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Musica constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente, **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86633.**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BATACLAM
BAR DISCOTECA
Rua Ramalho Ortigão, 39-A Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h. DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h. NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

O QUE ACONTECE
E VAI ACONTECER
DURANTE A SEMANA

PONTO

POR

PONTO

TODOS OS DOMINGOS
NO NOVO SUPLEMENTO
DO «DIÁRIO DE LISBOA»

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 41 da 10.ª época

Açores — 121 XX1 212 X11X; Beira Baixa — 122 111 121 2111; Brados do Alentejo — 112 111 111 211X; Cavalgada do Ritmo — 121 11X 211 X111; Comércio de Portimão — 122 111 112 1111; Correio dos Açores — 121 111 X22 2X11; Correio de Coimbra — 121 X12 2X2 2111; Distrito de Setúbal — 1XX 111 2XX 211X; Ecos de Estremoz — X22 111 X21 X111; Ecos do Desporto — 121 111 21X 2111; Folha de Domingo — 1X1 1X2 X11 2111; A Ilha — 1X1 11X 2X2 2111; Imagens Piedenses — 112 111 121 2X11; Jornal das Aves — 121 111 X2X 2111; Jornal de Sintra — 121 111 22X X111; Linhas de Elvas — 122 X11 XX1 2X11; Notícias de Felgueiras — 12X 11X X12 X11X; Povo Algarvio — 111 111 111 X111; Renovação — 121 111 2X2 2111; Revista de Som — 1XX 111 XX1 2111; O Telégrafo — 122 112 111 2111; Estrela da Manhã — 121 111 2XX 2X11; Jornal do Barreiro — 121 X1X X12 2X1X; Jornal da Lixa — 121 112 212 XX11; Jornal do Sul — 12X X11 X21 2111; Jornal de Viseu — 122 211 X21 2X12; O Norte Desportivo — 12X X11 111 X11X; A Rabeca — 111 X11 XX1 2111; O Templário — 121 X11 121 2111; Peça que não Maça - 121 11X 2XX 2X1X; Mundo Desportivo — 1X1 111 X22 211X; Notícias de Évora — 12X 11X X22 111X; República — 111 21X 211 2111; Bondiazinho — 221 XX1 121 2XX1; Brado Africano — 121 212 2XX 221X; Cidade 71 — 1X2 1X2 211 2111; Domingo Alegre — 12X 111 111 X111; Passatempo — X22 111 12X 211X; Roteiro Sonoro — 122 X11 212 21X1; Terceiro Programa — 12X 112 22X 2112; Vamos Jogar no Totobola — 1X2 111 X11 21X1; Revista Desportiva — 121 XX2 X12 X211; Boletim Desportivo (ENR) — 111 122 11X 111X; De Tudo Um Pouco — 121 11X 212 X112; Às Dez Espere Por Nós — 1X1 2XX 212 2X1X; Dos Fracos Não Reza a História — 111 222 X1X X111; Momento do Totobola (ENR) — 121 X11 211 2211; A Ordem — 122 111 1X1 1111; Diário do Porto (ENR) — 122 111 1X2 1111; Auto-Rádio — 121 111 X1X X111; Campeão Português — 12X X11 222 21X1; Repórter do Dia — 121 11X 212 2111; Repórter do Dia (Angola) — 121 1XX 21X 2X11; O Sorriso da Hora do Almoço — 12X 11X X11 1111; A Voz dos Ridículos — 121 X11 21X X211; O Jornal da Graça (ENR) — 121 211 X12 2X11; O Comércio de Leixões 1X1 111 X11 2111; Estúdio 64 — 112 111 212 2111; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Placard Desportivo — 121 111 X11 2111; O Comércio do Porto — 121 111 212 X111; Correio do Vouga — 121 111 212 2111; Diário de Coimbra — 12X 111 222 X11X; Diário do Sul — 122 111 XX2 X11X; Ecos de Cacia — 112 212 212 2111; Eu Sei Tudo — 121 1X1 1XX 2X11; Litoral — 12X 11X X12 X111; Notícias de Chaves — 11X 211 11X 1111; Rádio Altitude — 12X 111 X11 X111; Reconquista — 1X1 111 212 X111; A Voz do Domingo — 121 211 2X2 XX11; Voz de Lamego — 122 111 211 2111; Notícias do Douro — 1XX 211 111 211X; Passatempo J. J. — 121 X12 2X2 X11X; Colina Sagrada — 121 X11 111 1121; Jornal de Notícias — 121 X1X 21X 211X; Mosaico — 121 111 211 211X; O Primeiro de Janeiro — 121 X11 212 2112; Programa Sem Nome — 12X 211 112 2111; Rádio Clube do Norte — 122 111 221 211X; Rádio Sports — 121 X11 X1X 2111; Resenha Desportiva — 1X1 211 X12 X111; A Lição do Menino Quim — 12X 112 222 2111; Manchete Desportiva — 121 X11 XX1 2111; Penalti — 121 21X 111 2111; Jornal «O Porto» — 1X2 11X 21X 211X; Novidades — 1X2 112 X11 XX11; O Comércio — 121 X12 XX2 2X1X; Diário (Luanda) — 1X1 X1X 2XX 211X; A Nossa Chave — 1X1 111 222 2211; Notícias do Totobola — 121 111 212 X11X; Actualidade Desportiva — 121 X11 111 1112; Defesa de Espinho — 121 111 111 2111; O Concelho de Estarreja — XX2 111 22X 2XX2; Notícias de Guimarães — 121 X1X 212 2X1X; A Voz de Palmela — 121 111 1X1 2X11.

CONCURSO N.º 41

10.ª ÉPOCA

N.º	JOGOS	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1.	Braga-Famalicão	92	3	1	10	1	1
2.	Vizela-Guimarães	11	17	68	2	2	8
3.	Riopele-Varzim	57	17	22	7	2	3
4.	Penafiel-Salgueiros	59	24	13	7	3	2
5.	Boavista-Espinho	86	8	2	10	1	1
6.	Sanjoanense-U. Coimbra	63	18	15	8	2	2
7.	Gouveia-Beira Mar	24	29	43	3	4	5
8.	U. Leiria-U. Tomar	56	20	20	6	3	3
9.	Tramagal-Marinhense	38	21	37	5	3	4
10.	Sintrense-Atlético	10	25	61	2	3	7
11.	Oriental-Peniche	72	19	5	8	3	1
12.	Barreirense-Montijo	90	5	1	10	1	1
13.	Portimonense-Olhanense	65	25	6	8	3	1

E a chave lógica será: 121 111 211 2111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

PEÇA INFANTIL DE ALFONSO SASTRE EM BREVE NA R. T. P.

Na Academia Recreativa de Santo Amaro a jovem companhia Metrul está a ensaiar teatro infantil destinado á TV. O realizador dos programas será Alfredo Tropa

Quinze actores, um realizador da TV, um encenador e uma anotadora da TV estão a acertar as agulhas de duas peças de teatro infantil, que a «Metrul» vai produzir, em exclusivo, para a R. T. P.

«A Boneca Perdida» de Alfonso Sastre, e «O Segredo da Abelha» de Ricardo Alberti, mobilizarão o trabalho de Canto e Castro, Fernanda Figueiredo, Leonor Pocira, Henrique Santos, Adelaide João, Lizette Frias, Lurdes Lima, Benjamim Falcão, Rolando Alves, Luísa Salgueiro, Marta Ribeiro, Luís Mascarenhas, Carlos Daniel, Maria Alexandra e Alexandre Vieira como actores. Alberto Vilar assume funções de encenador, e Alfredo Tropa as de realizador.

Foi na Academia de Santo Amaro, onde a companhia prepara estas peças, que fomos encontrar Alexandre Vieira, o qual a uma nossa pergunta («Pensa que com este teatro vão melhorar os programas infantis da TV?») nos declarou:

— *Achamos que nos programas infantis da TV o teatro deve ser o prato forte, e foi óptimo que a Maria do Sameiro Souto nos tivesse convidado para isso. Esperamos que este trabalho para a TV não se fique por estas duas peças. Pensamos continuar, e procuraremos apresentar sempre um original português e uma peça de autor estrangeiro, o qual no caso presente não deixa dúvidas quanto a qualidade.*

— Alguma peça em vista para o futuro?

— *Gostaríamos de fazer a seguir um original do Lauro Olmo e Pilar Enciso, «El Raterillo».*

Depois do teatro adulto, a Metrul da Academia de Santo Amaro virou-se para o teatro infantil, conforme os seus planos prévios. Vai também virar a qualidade da programação infantil na TV? A ver vamos.

CRONOGRAFO

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISAO SUIÇA

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Incabloc Resistente

100% impermeável

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ao aplicar os seus capitais em **J. PIMENTA, SARL**

Compre também propriedades e o seu capital **valorizar-se-á** ao mesmo tempo que lhe proporciona um óptimo rendimento.

Informações:

Lisboa: Pr. Marquês de Pombal, 15
Tel. 45843 - 47843

O carro mais vendido em Portugal

O aspecto desportivo das suas linhas não é só para disfarçar. O FORD ESCORT tem um motor duma potência e genica que só se encontram nos carros chamados desportivos. FORD ESCORT: o carro familiar mais desportivo, ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou outra maneira, é o carro mais económico da sua classe. E muito espaçoso.
Duas ou quatro portas. Ou Station. Nas versões 1100 ou 1300 GT. São todos FORD ESCORT. Todos têm a garra ESCORT.

VENDAS ESCORT - em 1970 - 4058
até Abril 1971 - 1515
(Estatística do G.N.I.M.F.V.A.)

Ford

FORD À FRENTE

À sua disposição nos Concessionários Ford

SE ALGUMA VEZ PENSOU EM VIAJAR, PORQUE NÃO O FAZ AGORA?

pali

Inicie desde já a viagem de férias ou de negócios que tem tido sempre no pensamento. Consulte qualquer das Agências integradas no plano de CRÉDITO BPM para uma digressão cómoda e tranquila, sem preocupações imediatas de ordem financeira. Terá depois muito tempo para fazer o pagamento... suavemente... sem complicar a vida.

UTILIZE O SISTEMA DE

VIAGENS A CRÉDITO

BPM

UMA INICIATIVA DAS AGÊNCIAS:

ABREU — PORTO - AVENIDA DOS ALIADOS, 207 LISBOA - AVENIDA DA LIBERDADE, 160
ATLÂNTICA — RUA DO CAPÊLO, 4-A
EUROPEIA — AVENIDA DA LIBERDADE, 231/235
HAVAS EXPRINTER — RUA DO OURO, 242
LUSITÂNIA — RUA DO CRUCIFIXO, 33

EM COLABORAÇÃO COM A ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

PARA PUBLICIDADE
DE PLÁSTICO
DE METAL
LETRAS E LETREIROS
DE ESPETAR, COLAR OU ENCAIXAR
DESDE $30
R. Sto. António da Sé, 1
GRAVARTE LISBOA-2

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Maraquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

UMA FLOR DE CANTEIRO

A LENTE da memória

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Não foi assim há tanto tempo. E daí... Já por aqui passaram, mãos cheias de assobios venenosas, não sei quantas «asiáticas». Esta foi das mais ruins, mormente na província, onde as vacinas só chegam tarde e más horas e, quando escasseiam, são hieràrquicamente seleccionadas. Ora, no rescaldo de uma dessas epidemias, aconteceu-me ter de ir ao Alentejo, por motivos de famíla. E quis o ingrato destino que um simpático matrimónio, com o qual em princípnio eu nada tinha em comum, a não ser meia dúzia de recordações da juventude, instasse comigo para ir provar do seu ensopado, servido em baixela rica. Veio depois a assinatura dos livros alinhados na estante. Claro que sim, que é tocante e, ainda por cima, como destas praxes um tanto obsoletas não vem mal ao mundo, dispus-me a cumprir o rito, de sorriso levemente arreganhado. Não, não era em Moura: aí, detestado que sou pelos feudais, só mesmo o povo é que compra os meus romances, e com sacrifício, que os preços são altos (mas estão lá sempre a vila e as suas gentes, mesmo quando o cenário parece outro).

Enfim, tornemos ao casal burguês e bibliófilo, à sua amabilidade com doce de ovos e calda de lembranças... Lá floreei o nome o melhor que pude e cheirei o licor de medronhos. Que dúvida, que é a burguesia que nos lê! E vá com sorte, que uma ou outra semente ainda germina nos rebentos...

Ao desfilar diante dos criados de lavoura — mas que papel a representar! e eles falando-me todos uma linguagem de barro cozido (e onde vi eu esta cara tão ávida e triste?!), senti-me profundamente vexado. O vexame, às vezes, é também às avessas. Então parei, pedi licença ao anfitrião (de samarra tão catita na sua gaiola de dignidade protectora) para falar a sós com aquela criatura esquiva. O pretexto, cómodo, nestas alturas, era (até porque já fiz mais de um) o inquérito linguístico. Pô-la a falar e registar os vocábulos regionais locuções típicas, pregá-los na minha fiel retentiva. Mas não. O que eu desejava era tão-só aproximar-me daquela dor friamente em brasa. A mulher, cor de cinza, mas com uns olhos lindos, tinha gestos de vidro cortante.

— Não a conheço de qualquer lado?

— Que eu me alembre, não.

— Vocemecê tem um ar tão triste...

— Se lhe parece! Morreu-me um filhinho há duas semanas. Com a asiática. Sem tratamento, nem coisíssima nenhuma, que é que o senhor cuida? Não houve nenhum doutor que fizesse «quaso» dele. A gente somos pobres, é pior do que sermos ladrões...

Calei-me. Que havia eu de dizer?

Num canteiro, pouco maior que dois vasos, junto à soleira da porta onde ela se sentou, roxeavam umas flores esquisitas, cor de bagos de romã, com folhas nevoentas.

Para dizer alguma coisa, à despedida, ainda lhe perguntei:

— Que flores são essas?

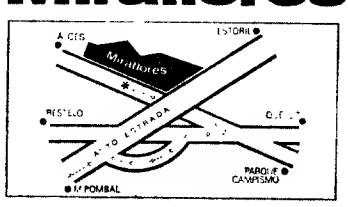
E ela, a boca cheia de luz.

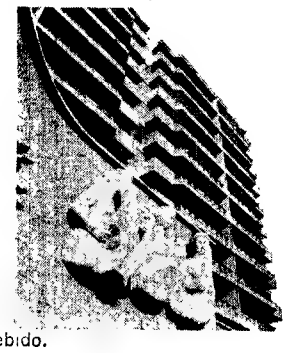
— São flores de raiva, meu senhor. É o nome que eu lhes dou.

Quanto valerá dentro de 6 anos o seu andar que comprou hoje em Miraflores Lux?

Seguramente bastante mais!
E o facto de viver em "Miraflores", com todo o seu encanto e requinte? — Isso não tem preço!
Andares de 5 a 9 grandes assoalhadas, de 720 a 1 670 contos, na zona de luxo (Norte), enriquecida com jardins, conjunto polidesportivo, piscinas, parques infantis e progressivo centro comercial.
Miraflores-Lux: silêncio, ar puro, beleza e requinte.

Miraflores Lux





Perto do seu gabinete de Trabalho — Apenas a 5 minutos do Marquês de Pombal e a 6 do Terreiro do Paço. Você vai num pé e vem noutro! Visite a 1.ª fase de luxo (Norte) ao domingo ou qualquer dia da semana. Será cordialmente recebido.
Departamento de vendas:

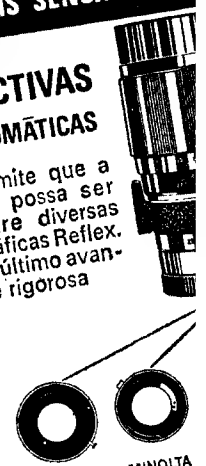
CONCIVIL CONSTRUÇÃO CIVIL, LDA.
Avenida Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte)
Telef. 215087 - 215088 - 215089 - 215080

MCV-1/71

SOLIG
A MAIS SENSACIONAL

T4 OBJECTIVAS
UNIVERSAL AUTOMÁTICAS

Este sistema permite que a mesma objectiva possa ser intermutada entre diversas máquinas fotográficas Reflex. T-4 representa o último avanço em óptica de rigorosa precisão.



OUTRAS ÓPTICAS SOLIGO
DE FAMA MUNI

Objectivas automáticas de 25 m, PENTAX EDIXA, NIKO[illegible] PRA EXACTA, MIRANDA etc..
LENTES PRÉ-SELECTIVAS — intermutáveis T-2 desde 25m/m a do-se a todas as máquinas foto Lentes de aumento, lentes ITV e (projecção), teleconversores e DE PEIXE.

EXCLUSIVO IBER

EM EXPOSIÇÃO NO DA FEIRA INTERNACIO

ESCRITÓ
Andar c/amplas div., nº 6, r/c. Renda 8 contos. Tel.

UMA AMA SINGULAR

JÁ TEM CINCO «FILHOS» MAS PÔS ANÚNCIO PARA OBTER UM SEXTO

Diversas pessoas — fruto da época, que não permite a muitas mulheres a permanência em casa, durante o dia, obrigando-as ao exercício de uma profissão (já não era sem tempo!) — dedicam-se a cuidar de crianças. A «nova» profissão — nova pelos moldes em que se pratica — surgiu nos países mais desenvolvidos, foi andando e acabou por chegar a Portugal.

Amas, «baby-sitters», o que quiserem chamar-lhes. São pessoas que cuidam dos filhos alheios, angariando assim o sustento. Ocupam-se das crianças, geralmente, em regime de «part-time». Outras há, no mesmo estilo, mas que se ocupam «permanentemente» delas, na maior parte das vezes, na sequência de problemas sociais.

Pelos anúncios de oferecimento de amas surgidos nos jornais, o «caso» ainda não adquiriu grande amplitude, no nosso País. É certo que existem instituições especializadas, e muita gente prefere recorrer a elas.

Quando vimos o anúncio no jornal e durante vários dias (AMAS — Amb. familiar, só internos. T. 310660) pensámos que deveria haver uma história a contar. Uma história como muitas outras, de alguém que tomava conta de crianças a troco de alguns escudos. Mas, não: a história era diferente.

D. Maria Odete Ribeiro Ventura Pedro, de 33 anos, recebeu-nos na sua casa da Rua 18, no Bairro da Encarnação. E começou a dizer-nos por que se ocupa de crianças e quem são elas:

— *Primeiro, gosto de crianças. Tomo conta de algumas que foram abandonadas pelo pai ou pela mãe, e aqui se encontram internos, num regime familiar. Sou a mãe deles. Dou-lhes alimentação, roupas, assistência médica. Desde que entram cá em casa, passam a ser meus filhos.*

D. Maria Odete não tem filhos. As crianças aparecem-lhe geralmente por anúncio.

— Quando começou a interessar-se por crianças?

— *Há três anos, eu era governante de uma casa no Areeiro. Um senhor viúvo, que tinha duas filhas, uma com 14 e outra com 21 anos. Por casualidade, apareceu-me uma senhora a pedir esmola. Não podia trabalhar, não tinha onde pôr o filho. Era uma moça nova. Acabei por lhe dizer que tomava eu conta da criança, enquanto ela arranjava emprego. Fui eu, por sinal, a arranjar-lhe trabalho... Mais tarde, a rapariga foi para a Inglaterra e lá arranjou outro filho e veio entregar-mo também. Ao fim de quatro meses, voltou para levar os dois garotos. Surgiu-me a ideia de pôr anúncio no jornal, para arranjar mais crianças. E assim foram aparecendo... O dinheiro que gastava com elas era meu. A filha mais velha ajudava-me e o dono da casa também, porque gostava muito de crianças. Levantava-se de noite para lhes pôr a chupeta.*

— E sempre sem ganhar nada com isso?

— *Sim, sempre, nunca liguei ao dinheiro. Como já lhe disse, gosto de crianças. Cheguei a ter uma espécie de infantário, na casa dos meus pais. As famílias nem podiam pagar, uma série de problemas. Agora, sou casada, não tenho vida para ter mais do que seis crianças. Só tenho cinco, e, por isso, continuo a pôr anúncio no jornal. O*

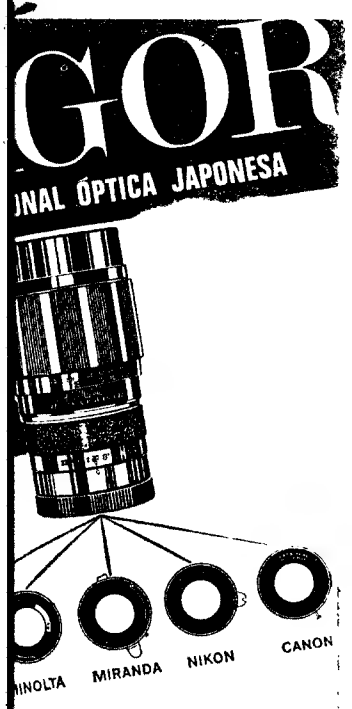
(Continua na 15.ª página)

O Pedro (á esquerda) precisa de um aparelho auditivo que custa contos de réis

«Já me passaram pelas mãos setenta e tal crianças...»

Os três anos que decorreram desde os primeiros meninos — o Pedro e o Paulo — actualmente na Inglaterra, foram de grande actividade. Ouçamos o que D. Maria Odete tem para nos contar:

— *Ao todo, já me passaram pelas mãos setenta e tal crianças. Cheguei a ter 17 ao mesmo tempo...*



GOR INTERMUTÁVEIS
MUNDIAL
25m/m a 400m/m para
PRAKTICA, MINOLTA,
AS — Com sistema de aros
m/m até 800m/m, adaptan-
s fotográficas. E AINDA...
ITV e 16m/m para cinema
s e objectivas de OLHO
EREX LISBOA
NO STAND N.º 645/6
NACIONAL DE LISBOA

TÓRIO
., na R. Prte. Wilson,
Tel. 32 04 30.

PEUGEOT
PICADORA
para CARNE
PEIXE e
LEGUMES
COZIDOS

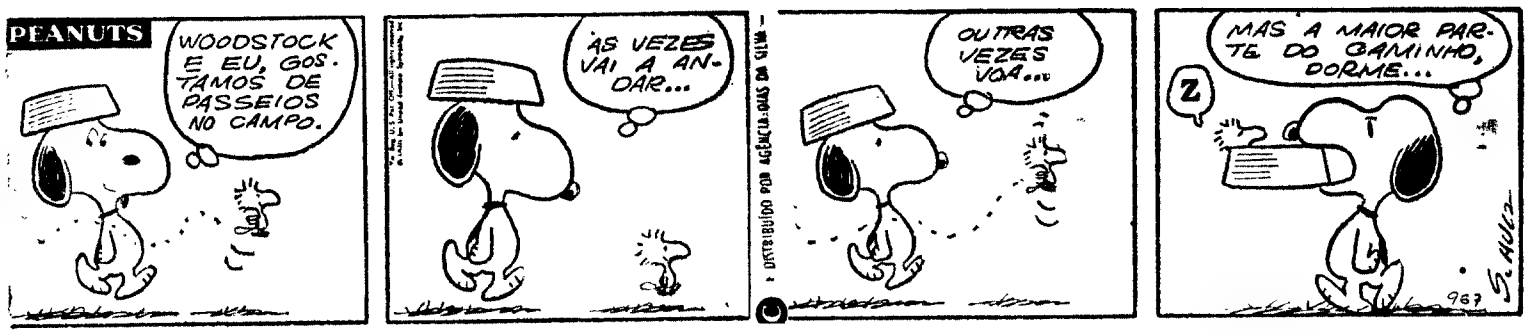
DISCOS E FACAS EM AÇO INOXIDÁVEL | apenas por 565$00
Representante exclusivo: SABEL
Rua de D Estefânia, 98 A-LISBOA
Rua de Sta.Catarina, 1209-PORTO

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

chegaram os incomparáveis!
VENHA ESCOLHÊ-LOS NA SIDIAL!
Eles aqui estão! O novo Sunbeam Avenger 1250. E o novo Sunbeam Avenger 1500 Super. Venha vê-los à SIDIAL. Admire a elegância e a raça destes novos carros: 4 portas, segurança, economia e um toque nervoso incomparável. Venha escolher o seu Sunbeam Avenger.
Ou, se preferir, decida-se pela linha Simca: Simca 1000 GL e S, 1100 GL e S, 1301 S e 1501 S.
Damos-lhe um novo modo de assistência.
Entrega imediata do automóvel e facilidades de pagamento... incomparáveis! Não demore. Venha!

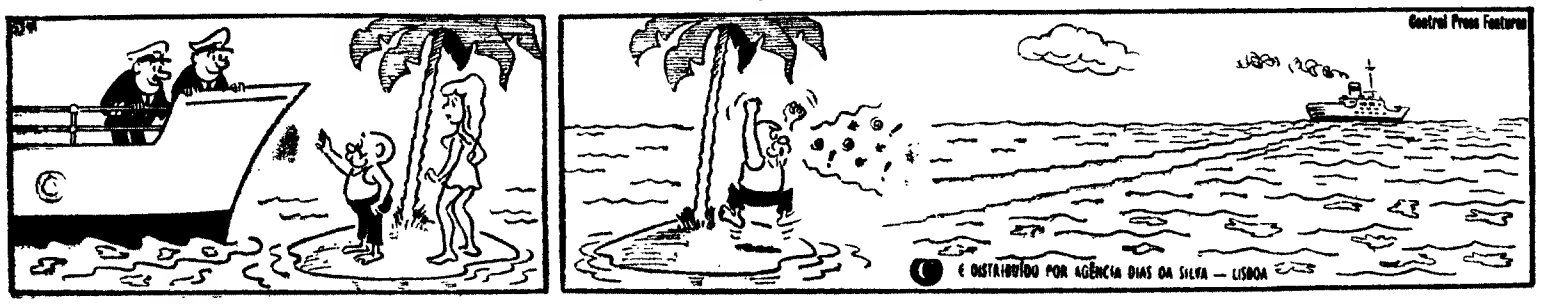
CHRYSLER
SIMCA
SUNBEAM
SIDIAL — Avenida de Roma - 15 B - Lisboa — Tel. 76 70 41
CONCESSIONÁRIO CHRYSLER DE PORTUGAL
Visite a Exposição de 14 a 19 de Junho das 9 h às 24 h

OS PEANUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 18 de Junho de 1941 publicava.

«ROMA, 18 — O Jornal Oficial» publicou uma ordem sobre os haveres dos cidadãos nos Estados Unidos em Itália. Em virtude desta ordem, é proibido a todas as pessoas residentes na Itália (italianos e estrangeiros), compreendndo os comssários, fazer pagamentos aos cidadãos norte-americanos. Toda a disposição tomada pelos cidadãos norte-americanos em relação com os seus haveres ou suas propriedades é anulada de direito. Esta ordem entrou ontem em vigor.»

A DIFÍCIL VISITA AOS DOENTES

VISEU, 18 — Comunicam-nos com certa indignação (e, a ser assim, bem justificada será) que no Hospital da Misericórdia, para se visitar um doente pobre, como são os das enfermarias, não só cada visitante há-de pagar 3$00 mas apenas das 14 ás 15 horas se pode autorizar a visita extraordinária. Visitas ordinárias são possíveis ás 10 e 30 dos domingos e terças-feiras, gratuitas, por meia hora.

Ninguém percebe porque são em dias tão juntos. Mas ainda menos se entende que, pagando-se 3$00 por entrada, somente das 14 ás 15 se permita a cada um ir ali ver os seus doentes. Nem pagando a caridade será ali mais bem compreendida? E o pior para nós é que no hospital não é fácil obter-se informações concretas sobre o que nos dizem cá fora.

«AS COOPERATIVAS E A UNICOOPE»

PORTO, 18 — Amanhã, pelas 21 e 30, o eng. Luís Paulino, presidente da direcção do armazém regional do norte da U. N. I. C. O. O. P. E., orientará, na Cooperativa dos Trabalhadores da Foz, um colóquio subordinado ao tema «As cooperativas e a U. N. I. C. O. O. P. E.».

Palavras cruzadas

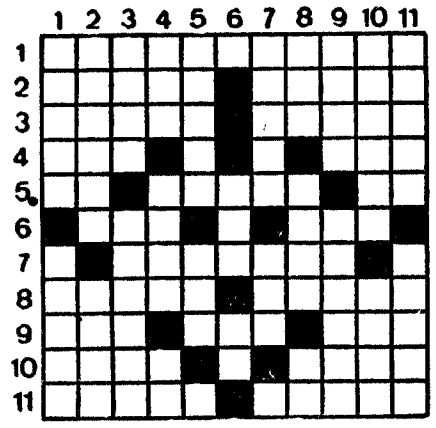
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5926

HORIZONTAIS: 1 — Encadeada. 2 — Apanhei. Encolerizas. 3 — Prendeis. Ribeira de Portugal. 4 — Botequim. Rio da Suíça. 5 — Prefixo de negação. Ser humano. Quinto filho de Jacob. 6 — Língua do grupo tibetano, falada ao N. do Tibete. Magnete natural. 7 — Imparelho. 8 — Arqueai. Defunto. 9 — Ninho. Recusa óxido de cálcio. 10 — Colaborador de Dindorf na nova edição do Thesaurus, de H. Étienne. Apelido (inv.º). 11 — Freguesia do concelho do Seixal. Pronome possessivo (pl).

VERTICAIS: 1 — Termina. Conquista. 2 — Terçado. Escameçam. 3 — Tomar oco. Imundo. 4 — Monarca. Planta espinhosa de Angola. Érbio (s. q.). 5 — Traçado. Rio de França. 6 — Espaço de trinta dias. Ouro (s. q.). 7 — O mesmo que madreperola. (pop.). Patrão. 8 — Irmão do pai. Uma das Cíclades. Livro de versos de António Correia de Oliveira. 9 — Contiga. Peixes do rio Minho. 10 — Atrevida (pop). Pronome relativo (pl) 11 — Guarnecera de asas Salário.

Resolveu completamente este problema? Veja em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5925

HORIZONTAIS: 1 — ANTES. MORTE 2 — Carretarías. 3 — Sia. Ião. 4 — Ossados. 5 — Os. Aso. Co. 6 — Penal. Melar. 7 — Aí Asa. It. 8 — Casares. 9 — QUE. Lãs. 10 — Surrarfamos. 11 — Seios Isara.

VERTICAIS: 1 — AC Sopas. SS. 2 — Nas. Sei. Que. 3 — Trio. Curl. 4 — Eras. Aero. 5 — Se. Solas. As. 6 — Trás. Soir. 7 — MA. Domar. 11. 8 — Oriá. Elas. 9 — Rias. Sama. 10 — Tão. Cai. Sôr. 11 — És. SORTE. Sa.

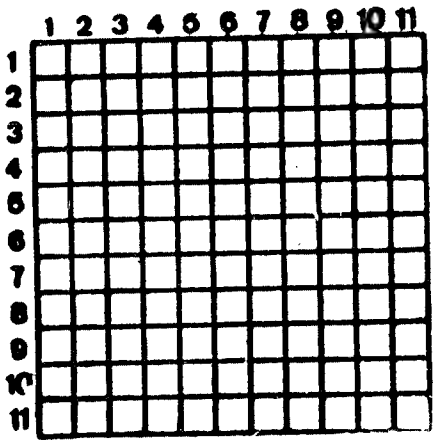
Provérbio: ANTES MORTE QUE MA SORTE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9769

HORIZONTAIS: 1 — Nome de flores. Falta de trabalho. 2 — Orla. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 3 — Apelido. Prender na abita. Cabelo branco. 4 — Irmã da mãe. Espaço de doze meses. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 5 — Rezai. Jarra. 6 — Equipo. Deixo um legado. 7 — Animal doméstico. 8 — Radio. (s. q). Mulher que foi amada por Petrarca. Átomo (abrev). 9 — Suster com estacas, ou ligar a estas videiras. Coloco em mala. 10 — Filtrada. Destino (fig). 11 — Induziriam.

VERTICAIS: 1 — Sobra. Doença dos caprinos. 2 — Encolerizo. Grande afeição. 3 — Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Ilha do Pequeno Belt. Igual. 4 — Faída. Prefixo de negação. Margem de um rio. 5 — Rainha da Arábia também chamada Belkiss. Escavaras. Ilha do estado da Baía. Ouro (s. q.). 7 — Pedaço ou resto de uma vela. Cidade do estado de S. Paulo. 8 — Curso de água natural e abundante. Lê. Freguesia do concelho de Leiria. 9 — Tempo do verbo ir. Personagem do «Otelo» de Shakespeare. Apelido. 10 — Encho. (fig). Acabamento de licença. 11 — Árvore de tronco muito elevado, originária da Índia. Levem á toa.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9768

HORIZONTAIS: 1 — Vinagreta. 2 — Moleito. 3 — At. Serpa. Um. 4 — Fim. Mão. Ana. 5 — Oroi. OCM. 6 — Estranhar. 7 — Seu. Sal. 8 — Oram. Omar. 9 — Pag. Cua. Aba. 10 — Ateia. Lidar. 11 — Somas. Irara.

VERTICAIS: 1 — Safo. Copos. 2 — Tiro. Rato. 3 — Im. Massagem. 4 — Nas. Item. Ia. 5 — Além. Ru. Cãs. 6 — Gerada. Fu. 7 — Ripo. N. S. Ali. 8 — Eta. Chão. Ir. 9 — Ta. Acalmada. 10 — Unir. Abar. 11 — Amai. Trará.

INGLATERRA E ESCÓCIA

VIAGENS ESPECIAIS

LISBOA-INGLATERRA-LISBOA, em avião
EXCURSÕES EM AUTOCARRO PELO REINO UNIDO
(Tudo incluído)

ABERDEEN, LAGO NESS (Lock Ness) e GLENCOE	10 dias	6990$00
PITLOCHRY, LAGO NESS e MONTANHAS	10 dias	6990$00
ESCÓCIA DOS GRAMPIOS e ILHA DE SKYE	11 dias	7620$00
GRANDE TOUR DAS MONTANHAS	10 dias	7310$00
NORTE DA ESCÓCIA e AVIEMORE	12 dias	7980$00
INGLATERRA e ESCÓCIA	14 dias	9320$00

PEÇA-NOS O PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas:

BELOS Turismo

Foram eleitos os novos cor- — Telef. 23291

ÉVORA — Rua da República — Telef. 24254

NAIGAI GARANTIA DE QUALIDADE

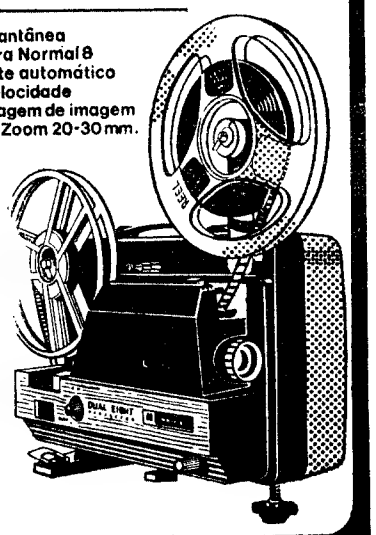
O CONSAGRADO CONJUNTO DE CINEMA

MÁQUINA DE FILMAR SUPER-8

Sistema Reflex TTL-8 f.1.8 Zoom 8-64 mm.

PROJECTOR AUTOMÁTICO DUAL-8

Conversão instantânea de Super 8 para Normal 8 completamente automático variação de velocidade inversão e paragem de imagem Objectiva f.1.5 Zoom 20-30 mm.



UM EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

À PROCURA DO SEXTO «FILHO»

(Continuação da pág. central)

primeiro que aparecer é o que fica!

À medida que falávamos, os pequenos iam aparecendo: o António, de 13 meses; o Fernando e o Vtíor, irmãos, de 3 e 2 anos, respectivamente; e o Pedro, de 5. Só a Maria Eduarda, que já tem 7, não compareceu, pois encontrava-se na escola.

— *Nunca ocultei ás crianças que me foram confiadas que têm mãe ou pai. Eles tratam-me por mãe, é certo, porque eu preencho essas funções, mas nunca lhes ocultei a verdade* — diz-nos D. Maria Odete, que prossegue:

— *Em qualquer altura, os pais podem levá-los. É claro que me custa, mas vou vê-los à mesma! A um deles, ao Tóni, até já quis perfilhá-lo, mas o pai opôs-se. Às vezes, metemo-nos no carro e vamos até Cascais, beber leite e comer bolos. Eles são a minha família. Isso já sucedia quando eu tinha 15 garotos e os empregados da esplanada conheciam-me pela «senhora que tinha 15 filhos», até porque eu não estava para contar a história toda.*

— Tem sofrido a ingratidão de alguns pais?

— *Não, me posso queixar disso. Só a mãe dos garotos que foram para Inglaterra não costuma mandar notícias muitas vezes e isso, como calcula, custa-me. Os pais dos garotos costumam ver vê-los ás quartas-feiras, outras vezes ás quintas, mas nem sempre com regularidade. É claro que estão sempre a surgir problemas de saúde, como sucede com quase todas as crianças.*

Olhe, outra vez, vieram trazer-me um garoto, que não se calava, coitadinho, porque queria a mãe. Ora, eu não sabia que a mãe andava a fugir da Polícia, pois estava implicada num roubo que houvera em Albufeira. Foi bastante aborrecido, tive de ir à Polícia, pois não sabia como havia de proceder, dado que o miúdo insistia em querer a mãe. Enfim, coisas que sucedem.

Nas questões de saúde, eu tenho o máximo cuidado com eles, nem sequer os deixo dormir no mesmo quarto, sem estarem vacinados. Algumas destas crianças nem sequer são normais. Já me sugeriram que tomasse conta de crianças à hora, mas, como já lhe disse, não estou interessada em ganhar dinheiro.

— Quanto gasta mensalmente com as crianças?

— *Sete ou oito contos, depende... Há consultas médicas que importam em 300 escudos...*

Aparelho auditivo precisa-se!

D. Maria Odete tem, no entanto, um problema, que nos conta:

— *Trata-se do Pedro. É atrasado mental e precisa de um aparelho para ouvir. Ora, o aparelho custa contos de réis e eu não tenho possibilidades de lho comprar. O pai enlouqueceu. É uma situação penosa que não sei como resolver...*

A finalizar, perguntámos:

— No caso de os pais nunca mais levarem os garotos que tenciona fazer?

— *Ficam comigo, ficam comigo até casarem, até irem para a tropa!*

A preocupação imediata, no entanto, é o aparelho auditivo para o Pedro.

A «mãe» rodeada pelos «filhos», alguns dos quais «resistem» á objectiva do reporter fotográfico

VAI (OUTRA VEZ) A CONCURSO A CONSTRUÇÃO DO PARQUE DE ESTACIONAMENTO EM COIMBRA

COIMBRA, 18 — Na reunião da Camara Municipal, o presidente comunicou que iam começar as obras dos Arcos do Jardim, o que suscitou do vereador eng.º Azevedo Soares algumas considerações, afirmando que a obra não teve o seguimento que todos desejariam, pois — disse — se aguardava uma outra solução, a qual, veio entretanto verificar-se e tinha implicações com o transito, pelo que concordava que começassem imediatamente os trabalhos, não esquecendo a mudança do local da paragem dos «tróleis-carros» á entrada da Alameda Julio Henriques e respectivo traçado da linha aérea.

A propósito da referência do presidente á recente inauguração, pelo ministro da Marinha, do monumento aos Heróis do Ultramar, o eng.º Azevedo Sobral afirmou que, tal como se previa, o novo recinto serve para manifestações da natureza daquela que ali se realizou e até possui um motivo arquitectónico que justifica a realização de outras. Nestas condições — acrescentou — deixa de ser válida a ideia de que deve manter-se a cota actual da Praça da Republica, merecendo as suas tradição e situação um pouco mais de carinho, dando-se-lhe o arranjo que merece. Por isso — afirmou —, deve desenvolver-se o estudo já presente á Camara, o qual dará áquela praça um ambiente repousante e perfeitamente integrado no ambiente que o Parque de Santa Cruz lhe empresta. Sugeriu que seja analizado, de novo, o problema e que, se possível, se procure uma solução que conceba um certo rebaixamento.

OUTROS PARQUES SUBTERRANEOS

O presidente perguntou então se não seria altura de se pensar no parque de estacionamento subterraneo, acrescentando que não tem sido grande entusiasta do arranjo da Praça da Republica porque viu sempre a possibilidade de se construir ali esse parque de estacionamento. Sobre o assunto falaram, também, o sr. Neves da Costa e novamente o eng.º Azevedo Sobral, que defendeu a sua tese. O presidente declarou que ia novamente ser posto a concurso o parque subterraneo e, se não aparecerem concorrentes, seria então posta de parte a ideia. A terminar o eng.º Azevedo Sobral afirmou que o problema do transito também lhe interessava quanto a outros locais que podiam ser escolhidos mais tarde e utilizados outros parques subterraneos, indicando a Avenida Sá da Bandeira e os Arcos do Jardim para o efeito.

Foi, depois, dado conhecimento das afirmações do ministro das Obras Publicas quanto ao aproveitamento do Mondego e resolvido enviar-lhe um telegrama manifestando o regozijo da Camara pelas referências feitas.

*

Começaram, efectivamente, as obras de arranjo do largo dos Arcos do Jardim. Depois de terem traçado no solo as faixas de rodagem com o novo sentido de transito, começou agora a ser feito o arranjo da placa central, á volta da qual passam a circular todos os veículos.

Terminados estes arranjos, serão feitos outros nos locais de estacionamento e passagem de carros eléctricos e «tróleis-carros» e proceder-se-á á alteração na linha aérea.

Exposição de trabalhos escolares

COIMBRA, 18 — No Liceu D. Duarte está patente ao publico uma exposição de trabalhos executados durante o ano pelos alunos e que tem muito interesse pela qualidade de trabalhos apresentados.

A exposição ocupa corredores e salas dos 1.º e 2.º pisos do edifício e é constituída por trabalhos manuais, desenhos, jornais de parede, decorações, trabalhos colectivos, etc. Todavia, o mais importante trabalho consta de uma tapeçaria representando D. Duarte, patrono do estabelecimento. O autor do cartão é o professor sr. dr. David Torres, tendo como orientadoras as professoras sras. D. Fernanda Claro e D. Manuela Claro e foi executada pelas alunas.

Há, também a distinguir a exposição de temas dos Castelos de Portugal, com elementos recolhidos pelas alunas e que suscita igualmente interesse.

Tribuna livre

COIMBRA: A HISTÓRIA VELHA DE UMA BIBLIOTECA NOVA

Mais duas cidades — Aveiro e Braga — avançaram na ambicionada valorização do seu património monumental. Naturalmente, para conseguirem o seu objectivo, não se quedaram — as suas gentes, claro — de braços cruzados, esperando que, mais tarde ou mais cedo, o «maná» apetecido caísse milagrosamente e se colocasse no local sempre sonhado. Decerto que não foi assim. Houve trabalho, houve canseiras para que todos os projectos não «ficassem» a constituir ilusórias miragens, originando sonhos e sonhos para, depois, se apresentarem como factos inconcretizáveis mas... geradores do desânimo colectivo...

Não foi assim. Os tais sonhos, as tais canseiras, todos esses trabalhos necessários para o arranque, empreendidos — como devem — com amor á terra, a servirem de exemplo vivo a qualquer canto do Globo, contrabizam-se por que... os altos interesses da cidade que se serve são postos bem mais altos do que todos os outros. Esta a razão base. Esta, a tal mola de arranque. Por isso, os auditórios, as bibliotecas e tudo o mais, se erguem orgulhosamente, marcando para as gerações vindouras o gosto e o desejo de servir de alguns da geração presente...

2. — Por cá, nestas margens também abandonadas do cantado Mondego, a «conversa» perde-se no areal ou é abafada pelas árvores amarelecidas de um Choupal, também ele, votado a um abandono quase total.

Coimbra, esta cidade doutora, há muito que ouve falar num Conservatório digno do seu prestígio, de uma Biblioteca capaz de proporcionar as comodidades necessárias aos seus leitores e... a segurança impresindível a quem lá trabalha.

Ouve-se falar, apontam-se, inclusivamente, locais diversos e numerosos que, por si só dizem a grandeza da obra mas... aí está mais um sonho para o publico. Um sonho que se desfaz com a rapidez de um relampago. Depois, as censuras, os desânimos, o «descrédito» em tudo e... todos. E, vistas as coisas friamente, quando, ano após ano, se vai falando nisto e naquilo, em que se veja mexer uma pedrinha para o início das obras?...

3. — É sabido que a Biblioteca Municipal oferece perigo a tudo e todos. O peso dos volumes ali instalados, ultrapassam, de longe, o máximo permitido para que as tais condições de segurança sejam respeitadas como se impõe. Porém, terrenos aqui, terrenos ali, cada um vai puxando a brasa á sua sardinha—defendendo a sua opinião...—, discordando deste ou daquele ponto e... o edifício necessário não toma forma alguma, enquanto, noutras cidades, que preferem a concretização ás palavras, lá se vão inaugurando os auditórios e as bibliotecas. Sim, por que o que importa, fundamentalmente, não é ver o edifício aqui ou acolá — claro, não se supõe ir aparecer no Tovim ou na Quinta da Nora —, mais paisagem menos paisagem. O que interessa é que ele vá aparecendo, se transforme em «doce» realidade.

Mas, embora pareça despropositado, sempre cabe aqui uma paragem para enaltecer «todo esse gosto» que abunda nos indígenas conimbricenses. As coisas importantes... discutem-se até ao âmago, não consentindo que «a estética da cidade» seja atraiçoada num milímetro; as «coisas simples»... abrem-se as mãos e faça quem queira! Vide o exemplo flagrante da tal autorização rápida em montarem mais umas bombas de gasolina, distante de outras, já existentes há anos, e do mesmo lado da via, apenas uns 50 metros. E isto tudo a pouco mais de 500 metros do centro da cidade...

4. — Ao que nos chega aos ouvidos, a cidade de Coimbra tem alguns milhares de contos (dezenas, até), á disposição na Fundação Gulbenkian, para dar início á obra da Biblioteca Municipal, verba essa oferecida, aquando uma delegação das nossas forças vivas se deslocou a Lisboa para tratar do caso. Ora, fazendo fé naquilo que nos dizem, somos impulsionados para apresentar nestas colunas uma série de perguntas que nos assaltam e, para as quais, de momento, não encontramos respostas que nos satisfaçam plenamente. Por isso... contamos com a colaboração voluntária dos leitores...

5. — Quem poderá empecer o início de uma obra necessária — como o pão para a boca — a Coimbra, obra essa já dotada com uma verba que (segundo o que nos informam) comporta mais de metade do valor total do imóvel a erguer? Que responsabilidades não poderão ser exigidas por todos os conimbricenses se, em face de tanta demora — ou desinteresse... — tanta discussão e... tanta «cerimónia» em receber o que já está dado, a entidade dadora deu por terminado o período «natural» em que tal subsídio poderia ser levantado? Como — e com que direito — se tenta incutir no espírito da cidade a ideia de que, o início da nova biblioteca só não se concretiza por carência total de verbas?

Mais, muitas mais perguntas teríamos para fazer mas oremos serem estas as que devem merecer respostas mais detalhadas. Outra coisa não pretendemos do que esclarecer a verdade e, através dela, servir a própria Coimbra.

COSTA SANTOS

Actualidade internacional

VIVA OFENSIVA FRANCESA PARA RECONQUISTAR POSIÇÕES MARÍTIMAS NA U.R.S.S.

Nicolai Patolitchev, ministro soviético do Comércio Exterior, encontrou-se, recentemente, com Giscard d'Estaing, ministro francês da Economia e Finanças, e com Ortoli, ministro do Desenvolvimento Industrial e Científico. Patolitchev esteve, também, em contacto com vários dirigentes de empresas francesas.

Por FRANÇOIS GROSRICHARD

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

Satisfação não dissimulada no Secretariado Geral da Marinha Mercante, na Place Fontenoy, após os trabalhos da comissão mista franco-soviética para o comércio marítimo, que tiveram, recentemente, lugar no edifício da Transat, em San-Bastiano, na ilha de Beauté: o pavilhão francês, durante muito tempo «maltratado», vai, provàvelmente, poder reconquistar diversas posições marítimas.

Aquela reunião tinha, no entanto, começado sob maus auspícios, e os representantes franceses do Ministério dos Transportes e dos armadores não escondiam o seu mau humor. Com efeito, depois do estabelecimento do acordo marítimo de 1967 — renovado todos os anos — o comércio, por via marítima, entre os dois países, revelava um desequilíbrio, muito sensível, em detrimento do pavilhão francês: em quatro anos, a diferença foi-se acentuando cada vez mais, e, em 1970, os fretes cobrados pelos navios soviéticos que transportam mercadorias francesas — ou destinadas á França — atingiram 160 milhões de francos contra os 40 auferidos pelos franceses. De acordo com outros dados estatísticos — os do Banco de França — o comércio marítimo franco-soviético, representou, em 1969, um «deficit», em divisas, de 35 milhões de francos.

UMA SITUAÇÃO ANORMAL

Tornava-se, pois, necessário pôr termo á situação, manifestamente anormal, e parece que os funcionários e os armadores conseguiram alcançar tal «desideratum», á força de firmeza. Com efeito, os soviéticos aceitaram ver, doravante, o pavilhão francês mais bem tratado do que até aqui, tanto no mar Negro como no Báltico.

A Companhia Geral Transbáltica (C. G. T. A.), filial, em 65 %, da «Transat» e, em 35 %, da empresa sueca Wallenius, será a grande beneficiária das concessões soviéticas, nas rotas nórdicas. A C. G. T. B., única companhia francesa a dispor de um serviço regular entre o Havre e Riga e Leninegrado, vai, muito em breve, pôr ao serviço um segundo navio, que, como o primeiro, permitirá embarcar mercadorias e bens de equipamento por «meios de manutenção horizontal» e não com a ajuda de guindastes ou paus de carga (navios ditos de «Roll on-Roll off»). (1)

Preparam-se, para estes navios, instalações especiais em Leninegrado — por iniciativa pessoal das autoridades portuárias — e em Riga, o que permite reduzir de nove para dois dias a duração das escalas. Os armadores franceses obtiveram dos russos a possibilidade de transportar uma tonelagem de mercadorias superior á capacidade do único navio actualmente utilizado pela companhia francesa, quando, de há quatro anos para cá, os soviétivos «monopolizavam» aquele excedente. Além disso, a França vai, daqui em diante, poder interessar-se pela exportação de produtos siderúrgicos, com partida, em especial, de Dunquerque.

A LINHA MARSELHA-ODESSA

Parece que os representantes do Secretariado da Marinha Mercante também conseguiram convencer os especialistas soviéticos no sentido de as numerosas mercadorias «made in France» poderem sair por Antuérpia e Roterdão, onde os navios franceses as embarcariam. Os funcionários da Place Fontenoy vão encetar, em breve, negociações com as autoridades de Varsóvia, a fim de conseguirem que os navios franceses possam participar no importante tráfego que se verifica entre a Polónia e a costa oriental da Grã-Bretanha. Enfim, aplicar-se-á um aumento de fretes, da ordem dos 10 %, nos transportes para Leninegrado.

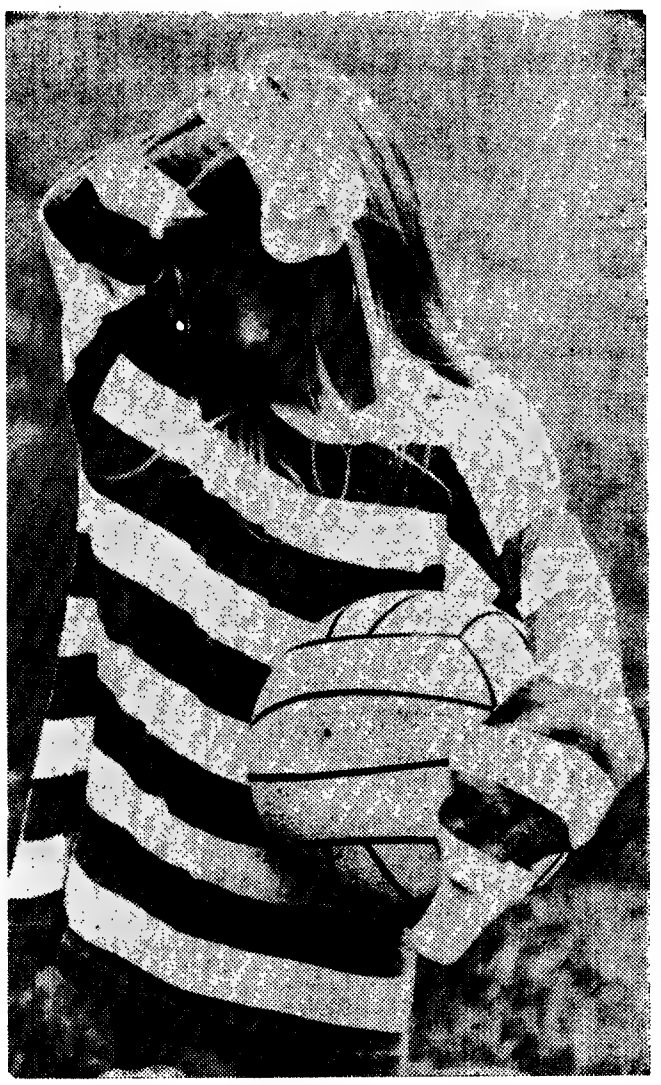
Os portos da Mancha não são os únicos interessados no bom funcionamento do acordo de 1967. Marselha esteve, também, muito atenta às conversações de San-Bastiano. Há vários meses já que se trata de estabelecer uma linha Marselha - Odessa, na qual flutuou, outrora, o pavilhão das «Messageries Maritimes».

Hoje em dia, o candidato «oficial» a retomar o facho é o armador marselhês Daher, que conhece bem os portos e o tráfego do Mediterrâneo Oriental. Os soviéticos desejam esta ligação e os jornais de Moscovo, apressados, teriam mesmo chegado a anunciar que já havia tido lugar a primeira partida para Odessa.

Os armadores franceses estão prontos a concordar, sob a condição de os seus navios poderem escalar, antes de Odessa, os portos de Itália, Roménia e Bulgária, e, no regresso, a Espanha. Os russos, para já, aceitaram a equiparação dos fretes a aplicar no Mediterrâneo aos que entrarão em vigor entre o Havre e Lenigrado.

Último ponto a discutir: o projecto, tão caro ao armador francês Gazocean, especializado no transporte de gases liquefeitos, de fornecer gás natural russo aos Estados Unidos. O metano seria encaminhado, por «pipe-line», do jazigo siberiano de Tyumen (na bacia do Ob) para uma fábrica de liquefação, a construir nas margens do Báltico. Este projecto, se se realizar, necessitará do emprego de oito a nove grandes metaneiros, transportando, todos os anos, 10 milhões de metros cúbicos de gás e teria envergadura semelhante no contrato El Paso, que está a ser, actualmente, estudado em Washington.

1) A C. G. T. B. receberá, além disso, em Abril e Setembro de 1972, dois navios especializados no transporte de automóveis, navios esses que assegurarão a exportação de carros franceses para a Grã-Bretanha e a Suécia.



Na era dos «mini» a imagem pode sugerir uma mini-praticante de uma qualquer minimodalidade... embora a camisola e a bola sejam manifestamente «maxi», relativamente á «proprietária». Mas o que se passa não é nada disso. O que se passa é publicidade. Gina, de cinco anos, filha do dono de um hotel em Hertfordshire, na Inglaterra, faz a promoção de artigos de desporto da casa da especialidade do famoso George Best. O «slogan» é «fica ainda melhor num rapaz». É natural, mas permitimo-nos duvidar que alguém consiga um ar mais «ratão», que a encantadora Gina

TEM PREDIO?
TEM CARRO?
ENTAO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Este car ferry abre-lhe as portas para férias de sonho

Com o seu carro . Ou sem o seu carro

Viva horas deliciosas no mar. Desembarque feliz e repousado. E parta para a descoberta dos encantos de Inglaterra. Ou do exotismo de Tanger e Marrocos. São assim as suas viagens de férias no Eagle. O carferry que lhe proporciona todos os confortos de um navio de cruzeiros. Piscina, solário, amplos salões, restaurantes e bares. Camarotes com ar condicionado e casa de banho privativa. Leve o seu carro. Ou utilize as visitas em "autopullman" que organizámos para si. O Eagle espera-o para férias maravilhosas ou um delicioso mini-cruzeiro. Que custam menos do que pensa.

Southampton · Lisboa · Tanger

Marque hoje mesmo a sua passagem.
O Eagle parte regularmente de Lisboa todas as semanas.

Remeta-nos o cupão, consulte o seu Agente de Viagens ou

E. Pinto Basto & Ca. Lda.
Praça Duque da Terceira, 20 | Telef. 36 15 81 | Lisboa

Desejo receber, gratuitamente, folhetos informativos sobre o Eagle e os programas de férias em Inglaterra e Marrocos.
Nome _____
Morada _____

A partir de 2 730$

Viagem de ida e volta a Inglaterra (4, 8 e 10 dias de estadia), incluindo camarote, refeições a bordo e o transporte gratuito do carro, quando em conjunto com 4 bilhetes inteiros.

SOUTHERN FERRIES
auto-estrada flutuante para o seu carro

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art.º 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», projecto apresentado pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE para o estabelecimento, junto ao Posto de Combustíveis da SONAP (Tavira), freguesia de S. Tiago, concelho de Tavira, de uma linha aérea a 15 kV, com 352 m, do apoio n.º 6 da linha Subestação de Tavira — Serviços Municipalizados de Tavira ao posto de transformação aéreo destes Serviços Municipalizados, junto do «Posto da SONAP», em Tavira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Camara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Junho de 1971.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Actualidade internacional

Kennedy favorável à publicação dos documentos do Pentágono

WASHINGTON, 18 (F. P.) — O senador Edward Kennedy declarou-se ontem partidário da publicação da série de documentos secretos do Pentágono pelo «New York Times», publicação essa que foi interrompida provisòriamente por decisão judicial.

Os dois artigos que o jornal deveria publicar, na sequência da série de documentos dados a publico no domingo, segunda e terça-feira desta semana, deviam referir-se, especialmente, ao papel do presidente Kennedy na intervenção americana na Indochia.

O senador do Massachusetts declarou: «espero que, depois de terem surgido os documentos relativos a administração Johnson, o «New York Times» publique os textos relativos a presidência de Kennedy. Ignoro o que contêm e o que da sua publicação vai resultar, mas em ultima análise, e ao povo americano que cabe fazer um juizo sobre os acontecimentos do período dos anos sessenta, e mesmo antes, no que respeita ao Vietnam. O povo americano foi enganado e em o direito de exigir o acesso a essas informações».

VITÓRIA DO «NEW YORK TIMES»

NOVA YORK, 18 (F. P.) O «New York Times» evoca hoje na primeira página, a três colunas, o malogro da tentativa do governo americano de o obrigar pela via legal a devolver os documentos secretos que serviram para a publicação, agora interrompida, de artigos acerca das origens do empenhamento dos Estados Unidos no conflito vietnamita.

O jornal interpreta como uma vitória o facto de não ter consentido em fornecer mais do que uma lista dos documentos e não os próprios documentos, receando revelar as fontes da informação.

O jornal consagra seguidamente duas páginas interiores ao caso, sendo meia página consagrada às intervenções entre os advogados do jornal, o procurador federal que representa o governo e o juiz federal Murray Gurfein, acerca dos pontos principais da audiência de quinta-feira na qual o jornal aceitou fornecer a lista dos documentos. Meia página contém extractos de editoriais de jornais influentes americanos e estrangeiros que aprovam a posição do jornal e o felicitam por ter tomado a iniciativa de revelar que o Governo tinha procurado limitar o conhecimento do povo americano quanto às proporções do empenhamento dos Estados Unidos no Vietname do Sul.

De Paris, os representantes do Vietnam do Norte e do Vietcong nas negociações para a paz citam o «New York Times» em apoio dos seus argumentos segundo os quais os Estados Unidos são autores de uma agressão. De Ottawa, o governo canadiano desmente que não tenha sido mais do que um moço de recados entre Washington e Hanoi de 1964 a 1965 e ter assim diminuído o sue papel como membro da Comissão Internacional de Controle.

De Moscovo, o correspondente do «New York Times» menciona o enorme relevo que é dado ao caso na URSS e que dá assunto á Imprensa para criticar a politica sul-vietnamita do presidente Nixon.

Por ultimo, Theodore Sorensen, antigo conselheiro do presidente Kennedy, declarou, pelo seu lado, em Nova York, que a liberdade da Imprensa era indispensável para impedir o governo de tentar disfarçar os seus erros.

POMBO MASCOTE NOS COMUNS

LONDRES, 18 — (A. N. I.) — Alguns membros da Câmara dos Comuns adoptaram um pombo que tratam como um lorde. O animal, que só tem uma perna, recebeu o nome de «Fred» e é tratado por uma criada do refeitório dos deputados que lhe dá comida três vezes ao dia.

«Ele gosta de uma ou duas azeitonas como aperitivo e delicia-se com pastéis de massa folhada, que prefere ao milho» — afirmou o deputado Walter Cleg.

Rejeitada pelo Congresso dos EUA a marcação de uma data para a retirada total do Vietnam

WASHINGTON, 18 (R.) — O Congresso americano, apesar da crescente campanha contra a guerra no Vietnam, rejeitou uma proposta legislativa destinada a fixar a data da retirada total das tropas americanas.

A Câmara dos Representantes, por 256 votos contra 152, rejeitou ontem uma proposta para que seja fixada a data de 1 de Janeiro próximo como limite para a retirada.

Este resultado constituiu assim um triunfo para o presidente Nixon, que se opõe á fixação de uma data, alegando que precisa de manter a sua liberdade de movimentos a fim de seguir uma politica flexivel.

O congressista republicano Charles Whalen, após a votação declarou que muitos dos congressistas que votaram contra a marcação de uma data são no entanto favoráveis á retirada total das tropas americanas.

«Não crio, portanto, que a votação represente os verdadeiros sentimentos do Congresso, julgando que eles não quiseram hostilizar o presidente.»

Entretanto, no Senado onde duas moções para a fixação da data da retirada foram derrotadas na quarta-feira respectivamente por 55 votos contra 42 e por 52 votos contra 44, os partidários da retirada projectam novas diligências para levar a sua ávante.

Manifestações de apreço a Ferreira de Castro na sua visita ao Brasil

RIO DE JANEIRO, 18 — (A. N. I.) — Ao agradecer a homenagem promovida pelo Elos Clube do Rio de Janeiro, durante o jantar que aqui reuniu 300 convivas num dos principais restaurantes desta cidade, declarou o escritor português Ferreira de Castro, ora em visita ao Brasil: «Estou absolutamente convencido de que, no futuro, os homens serão melhores e a Humanidade muito mais feliz.»

Depois de o jurista Carlos de Araújo Lima ter lido uma mensagem do governador do Amazonas, representado pelo vice-governador, juntamente com o seu colega do Pará, o autor de «A Selva» foi saudado, em nome da direcção do Elos Clube, pelo desembargador Povina Cavalcanti.

O presidente do clube, marechal Augusto Magessi, disse algumas palavras de agradecimento ao escritor, por ter aceite o convite para visitar, novamente, o Brasil, e citou uma frase de Jorge Amado para proclamar que Ferreira de Castro, pela sua obra literária, parcialmente ligada ao Brasil, «Nossa honra e nosso orgulho».

Uma rodovia e uma rua com o nome do romancista

Foi, depois, anunciado que o ministro dos Transportes, Acio Andreazza, decidira dar o nome de Ferreira de Castro a uma estrada da Amazónia.

O escritor português agradeceu a homenagem e a manifestação de tantos amigos, na sua grande maioria brasileiros, entre os quais os académicos Pedro Calmon, Silva Melo, Josué Montelo, Odilo Costa Filho e Peregrino Júnior, o prof. Artur César Ferreira Reis, presidente do Serviço Nacional de Cultura; os ministros Venâncio Igrejas e Danilo Nunes, o jornalista Teófilo de Andrade, Lucy e Adolfo Bloch, da «Manchete»; escritores, artistas, oficiais-generais das Forças Armadas, poetas, livreiros, directores da Federação das associações portuguesas e luso-brasileiras e o escritor Noel de Arriaga.

Ferreira de Castro é recebido hoje na Academia Brasileira de Letras e inaugura, em Teresopolis, a Biblioteca António Nobre e uma rua com o seu nome.

Será recebido pelo Pen Clube, e sua esposa, a pintora Elena Muriel, fará uma exposição dos seus quadros na galeria da «Manchete».

Ferreira de Casto visitará as cidades históricas de Minas Gerais e irá à Baia, a convite de Jorge Amado. Regressa a Lisboa a 11 de Julho, por via marítima.

A COSTA DO MARFIM ABANDONOU A CONFERÊNCIA DA OUA

ADDIS ABEBA, 18 — (R.) A Costa do Mafim abandonou hoje o 17.º Conselho Ministerial da Organização de Unidade Africana.

A delegação da Costa do Marfim, chefiada pelo ministro dos Estrangeiros Arséne Assouan Usher abandonou a sala das conferências em consequência do desacordo sobre a discussão da questão do diálogo com a Africa do Sul.

Após o abandono da delegação, os delegados do Gabão e do Alto Volta saíram também da sala. O Gabão é a favor do diálogo com a Africa do Sul e recusou-se a assistir á sessão, se o assunto fosse discutido.

A GUINÉ PREPARA-SE

ABIDJAN, 18 — (R.) — O presidente Ahmed Sekou Touré realizou duas conferências com as Forças Armadas guineenses para discutir estratégia e equipamento, segundo anunciou a noite passada Rádio Conakry.

Fornecendo pormenores de preparativos para defrontar um esperado novo ataque contra a Guiné de solo estrangeiro, Rádio Conakry disse ainda que as conferências de 31 de Maio e de terça-feira passada assistiram membros da secção politica do Partido Democrático, que governa a Guiné, e os chefes de Estado-Maior das Forças Armadas e os comandantes da Gendarmaria, Polícia e Milícia Popular.

Em estado muito grave o último dos nove gémeos

SYDNEY, 18 (R.) — O ultimo sobrevivente dos nove gémeos Brodrick, que pesava á nascença cerca de 340 gramas encontra-se em estado muito grave, anunciaram hoje os médicos.

Um informador do hospital declarou á Reuter que os médicos continuavam a lutar para salvar a vida da criança, do sexo masculino. A rapariga do casal que restava faleceu hoje cerca das 7 horas da manhã em consequência de complicações pulmonares.

Entretanto num dos ultimos boletins publicados, os médicos anunciaram que o sobrevivent tinha recebido uma transfusão de sangue na quarta-feira passada porque o seu fígado se encontrava num estado de imaturidade tal que não conseguia funcionar correctamente.

Geraldine Brodrick e o marido revelaram a notte passada que tinham decidido dar o nome de Vitória á filhã que faleceu hoje de manhã.

Contudo, ainda não tinham escolhido o nome para o rapaz, pois só na zona de Camberra ha 32 Brodricks do sexo masculino, tornando-se difícil arranjar um nome de seu agrado que não seja repetido.

O REI DO «CROCHET». Desde que deixou de fumar, Jimmy Walters, de 31 anos, ganhou outro «vício» — o de fazer «crochet». Diz ele que a atenção que é forçado a pôr nas agulhas e na linha o impedem de pensar nos cigarros. Recentemente, Jimmy ganhou um concurso nacional de «crochet» em Inglaterra, o que lhe deu direito a umas férias em Malta

O tufão «Freda» afasta-se de Macau

HONG-KONG, 18 — (R.) — O tufão «Freda», que atingiu a costa chinesa com rajadas de 128 quilómetros por hora, entre Hong-Kong e Macau, dirige-se agora sobre Cantão depois de ter causado nesta colónia inglesa dois mortos e muitos estragos.

Durante a noite oito navios que se encontravam fundeados no porto partiram as amarras e quatro embarcações pequenas viraram-se, mas os seus 25 ocupantes conseguiram salvar-se a nado. Árvores arrancadas e outros destroços juncam as ruas de Vitória e Kowloon enquanto chuva torrencial continua a cair, ameaçando provocar derrocadas sobre os bairros de lata onde vivem milhares de pessoas em condições precárias.

Segundo anunciou a Polícia, um homem morreu electrocutado ao tocar num cabo eléctrico partido pelo vento e uma mulher afogada foi encontrada a flutuar nas águas do porto.

Os serviços meteorológicos anunciaram que o centro do tufão está a uma centena de quilómetros a noroeste de Hong-Kong, deslocando-se lentamente para o interior.

A medida que o tufão se afasta o vento diminui de intensidade em Hong-Kong, mas as escolas e muitos estabelecimentos comerciais e escritórios continuam encerrados.

AS ORIGENS DA NAÇÃO RUSSA

(Continuação da 3.ª página

tória conheceu... Lenine serve-se da fome de 1921, que lhe assegura a passividade das massas, para fuzilar ás dezenas bispos, padres e leigos e dar á Igreja «uma lição de que ela deverá recordar-se durante decénios» (são as suas próprias palavras).

Quando o patriarca Tikhon morre em 7 de Abril de 1925 o Governo proíbe a reunião de um concílio, depois uns após outros os «locum tenens» designados pelo defunto. Um deles, o metropolita Sérgio, não sairá da prisão (para onde fora enviado pela última vez) senão mediante uma declaração de submissão total ás autoridades (1927). A sua política de compromisso espanta os confessores da fé e despedaça a Igreja sem poder salvá-la da destruição. A colectivização dá a Estaline a ocasião de enforcar as Igrejas rurais; o terror de 1937 varre os últimos vestígios visíveis da Igreja.

A salvação vem, contra todas as expectativas, da guerra. O extraordinário renascimento religioso nos territórios ocupados pelos alemães e a atitude espontaneamente patriótica de monsenhor Sérgio forçam Estaline a inflectir a sua política anti-religiosa. Um concílio de dezanove bispos apressadamente convocado elege patriarca monsenhor Sérgio (1943). O patriarca Alexis, que lhe sucede nove meses mais tarde, não só continua a sua política, mas leva-a até ás suas últimas implicações: o lealismo para com o Estado transforma-se em servilismo, o que faz com que Estaline não procure desapossar a Igreja das posições adquiridas durante a guerra, muito embora se oponha enérgicamente á sua extensão.

É o sr. Kruchtchev que, sem dúvida para mostrar a sua firmeza ideológica, retoma a luta violenta contra a Igreja que o degelo favorece perigosamente. Após a sua queda, o seu homem de confiança, o sr. Kuroiedov, prossegue a sua política, que visa, simultâneamente, sufocar a Igreja e submetê-la cada vez mais ao Estado.

UM MOMENTO DECISIVO

O décimo-quinto patriarca de Moscovo e de todas as Russias e quarto após o restabelecimento do patriarcado em 1917, assume o poder num momento decisivo para os destinos da fé cristã na Russia. A situação é bastante paradoxal. Por um lado, a descristianização do povo, tanto mais para temer que a fé lhe é arrancada com a cultura que esta tinha produzido, continua a progredir. Mas, por outro lado, perante o vazio espiritual do comunismo, nunca antes o cristianismo beneficiou, depois da Revolução, de semelhante atracção entre os jovens. Nas grandes cidades, onde as ideias podem circular, as conversas são tão numerosas como inesperadas.

Infelizmente, a margem de manobra da Igreja-instituição nunca foi tão reduzida. Não só os representantes oficiais da Igreja devem apoiar em tudo e não contradizer em coisa alguma os actos do Governo, mas são além disso obrigados a entregar aos delegados do Governo até mesmo a administração espiritual; a um grupo de fiéis que pedia a nomeação de «locum tenens» (após a morte de mons. Alexis), para apoiar a sua pretensão de reabertura de uma igreja o orelado deu esta resposta atroz: «Se as autoridades civis não derem o seu acordo, Deus não pode abençoar a vossa iniciativa...»

O «contrôle» da Igreja é total de baixo para cima, desde os fiéis e padres vigiados pelos sacristães, até aos bispos acompanhados nas suas funções por delegados do Governo. E contudo... Em 1959, o sr. Kruchtchev previa a erradicação do cristianismo para 1980. O patriarcado revelou-se mais sólido do que o seu adversário. A nove anos de um desfecho de que já não se fala um novo patriarca é solenemente entronizado em Moscovo. Aos olhos dos homens os augúrios não lhe são favoráveis. Mas quem sabe se o futuro não reserva qualquer reviravolta inesperada de que o passado longínquo ou recente da Russia já prodigalizou mais de um exemplo?

Ferido a tiro quando fugia de um automóvel

PORTO, 18. — Ás seis horas da manhã de hoje andava ás voltas na Praça Marquês de Pombal, um automóvel com dois indivíduos que se tornaram suspeitos ao agente da P. S. P. ali em serviço, o qual mudou de local para o fazer parar. Nesse momento, e por se terem apercebido das intenções do agente de autoridade, aqueles imprimiram mais velocidade ao carro, mas fizeram-no sobre uma curva, originando que o veículo capotasse.

Os dois indivíduos tentaram fugir, mas um deles foi perseguido pelo agente de autoridade, e já na Rua Aurélia de Sousa, onde está situada a Escola Industrial do mesmo nome, o fugitivo tentou saltar um muro, mas foi atingido por um tiro da pistola que o agente da P. S. P. disparara. Muito ferido, foi levado ao Hospital de Santo António e ali identificado. Trata-se de Abílio Armando de Sousa Castro, de 23 anos, solteiro, empregado comercial, morador na Rua de Montalegre, 82.

Verificaram os médicos de serviço que apresenta uma ferida perfurante na região lombar direita e por isso ali ficou internado, sob prisão, recolhendo á sala de observações.

Quanto á identidade do companheiro, não a indicou por — segundo disse — a desconhecer.

A TAP INAUGURA UM NOVO HANGAR

No próximo dia 21, ás 10 horas, o Presidente da República visita as instalações da TAP no aeroporto de Lisboa e inaugura o novo hangar Boeing 747 e o refeitório para o pessoa daquela companhia de aviação.

Necrologia

SUFRÁGIOS

Capitão António do Amaral

Por alma do capitão António do Amaral, da Guarda Fiscal, é rezada depois de amanhã, ao meio dia, na igreja dos Jerónimos, missa de sufrágio, assinalando o 30.º dia do falecimento.

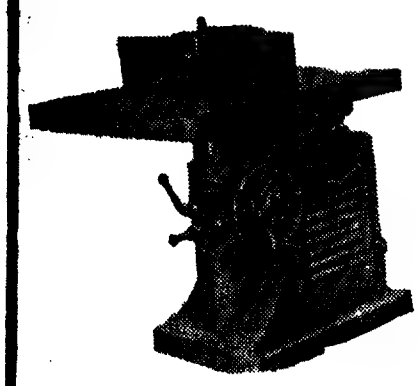
QUATRO FERIDOS NO EMBATE DE DOIS VEÍCULOS

PORTO, 18 — Cerca das 9 horas de hoje no lugar de Mira, Arcozelo (Vila Nova de Gaia) embateram um automóvel e uma furgoneta, do que resultou ficarem feridos os quatro ocupantes do veículo pesado.

São eles: o condutor, sr. António Lino Luís dos Santos, de 37 anos, casado marceneiro, residente na Rua das Musas 19; Américo Moreira dos Santos de 21, solteiro, também marceneiro e morador na mesma artéria no número 13, Rui Casimiro Pinto dos Santos de 15, empregado de escritório do Bairro Fernão Magalhães, bloco 15 entrada 160 casa 34, e Fernando Pinto dos Santos, de 18, também solteiro e marceneiro, Rua Cardeal D. Américo, bloco 15 casa 34.

Foram conduzidos ao Hospital de Santo António onde o condutor ficou internado, por ter sofrido traumatismos diversos. Os restantes depois de tratados seguiram aos seus destinos.

«MIDA»



UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Modelo TV-3

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

CHEGOU O VERÃO!
TEM PROBLEMAS DE MODA?
NÃO PROCURE MAIS.
VISITE
Cidade de Lisboa
BOND STREET
RUA BRAAMCAMP N.º 9 — LISBOA
ONDE AOS MELHORES PREÇOS ENCONTRA AS MELHORES SUGESTÕES

PRÉDIO
BOA-HORA
Construção moderna de cimento armado, revestido a descornel e mármore, composto por 4 pisos, hab. de 5 e 6 e. a., cozinha, 2 casas de banho, despensa e hall.
PREÇO — 2.850.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 359384/5/6 - 328232/3 361756

Comarca de Coimbra

3.º JUÍZO — Ac. Esp. de Just. Ausência n.º 109/70 — 1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER QUE, pela 1.ª secção do 3.º Juízo da comarca de Coimbra e nos autos de Acção Especial de Justificação de Ausência requeridos por Maria da Nazaré Dias, casada, doméstica, residente no lugar e freguesia de Antanhol, desta comarca, foi, por sentença de 26 de Maio de 1971, que transitou em julgado, julgada justificada a ausência do requerido Manuel Simões Abade, viúvo, proprietário, ausente em parte incerta, com último domicílio conhecido na Rua Direita, n.º 25, nesta cidade de Coimbra.

Coimbra, 8 de Junho de 1971.

O JUIZ DE DIREITO,
(a) Francisco Xavier de Morais Sarmento

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(a) Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do art.º 26.º, e do § único do art.º 32.º dos Estatutos, convoco os membros efectivos da Direcção da Secção Feminina, e das Comissões Directivas das Secções de Actividade e Profissionais, e seus representantes, previstos no art.º 23.º dos mesmos Estatutos, a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 25-6-71 às 21,30 horas, nas instalações do Sindicato, na Rua do Alecrim, 46-1.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação da situação do pessoal de diversas empresas em consequência de reformas antecipadas, supressão de regalias, etc.

Se à hora indicada não estiver presente ou representada a maioria dos associados que nela tem lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 16 de Junho de 1971.

O 2.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral
Hermínio de Ferreira Nunes

†

João Ortigão Ramos

Participação e Missa do 7.º Dia

Margarida Mendes d'Almeida Bello Ramos, António Bello de Ortigão Ramos sua Mulher e Filhos, João Bello de Ortigão Ramos, sua Mulher e Filhas, Manuel Bello de Ortigão Ramos sua Mulher e Filhos, José Maria da Fonseca Bello sua Mulher e Filha, Isabel Ortigão Ramos Jorge, Isabel Burnay Bello, António d'Almeida Bello, Boaventura d'Almeida Bello e sua Mulher, Maria do Amparo Mendes d'Almeida Bello participam que por alma de seu Marido, Pai, Sogro, Avô, Tio, Irmão e Cunhado, será celebrada missa amanhã, sábado dia 19, pelas 12.45 na Igreja de Santos-o-Velho.

†

João Ortigão Ramos

O pessoal do Cinema Alvalade tem o desgosto de comunicar que o sr. João Ortigão Ramos, director daquela casa de espectáculos, faleceu no passado dia 13 e que amanhã, às 12,45 será rezada missa do 7.º dia sufragando a sua alma.

†

João Ortigão Ramos

O pessoal do Cinema São Luiz tem o desgosto de participar que o sr. João Ortigão Ramos, proprietário e director daquela casa de espectáculos, faleceu no dia 13 do mês em curso e que pelo seu eterno descanso será rezada missa do 7.º dia amanhã, sábado, às 12,45 na Igreja de Santos-o-Velho.

†

JOÃO ORTIGÃO RAMOS

CINEASSO — Cinemas Associados, Lda. participa que amanhã, sábado pelas 12.45 horas na Igreja de Santos-o-Velho será rezada missa do 7.º dia pelo eterno descanso de João Ortigão Ramos, Sócio Gerente da Firma A. Ramos, Lda., nossa associada.

†

DR. JOAQUIM DO COUTO-TAVARES

Conservador do Palácio Nacional da Pena — Sintra

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Maria Teresa da Conceição Gaspar Couto-Tavares e sobrinhos participam que seu marido e tio faleceu no passado dia 13 e que será celebrada missa do 7.º dia no próximo sábado, dia 19, na Igreja de S. Martinho, na vila de Sintra, pelas 19 horas.

P. N. A. M.

FORAM ESCOLHIDAS DOZE FINALISTAS PARA DISPUTAR O TÍTULO DE «PRINCESA DAS TEEN-AGERS» PORTUGUESAS

O concurso para eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» entrou agora na sua fase mais animada com as escolhas das dez finalistas que participarão na eleição final a realizar no dia 3 de Julho. Ontem à tarde, no Departamento de Relações Públicas da Bayer, firma que desde sempre tem colaborado com o nosso jornal nesta iniciativa, o júri nacional esteve reunido durante mais de quatro horas para apurar, de entre setenta candidatas escolhidas na primeira fase, quais seriam as finalistas. Por sua vez, dezenas de jovens participantes tomaram contacto pela primeira vez com a orgânica deste concurso estabelecendo desde logo um agradável clima de convívio e camaradagem.

Como se previa o júri teve um trabalho difícil para seleccionar as candidatas, não só pelo elevado número das que ultrapassaram a primeira fase —70 contra 40 no ano passado — como pelos atributos revelados pela maioria. A par da graciosidade e beleza de uma grande parte das concorrentes quase todas evidenciaram um excelente nível intelectual, havendo algumas delas já frequentando cursos superiores. Outras, boas alunas, tinham já dispensado de exames. E havia ainda aquelas que, mesmo tendo exames á porta, sempre conseguiram um bocado de tempo para tomar parte numa iniciativa que encontrou franca adesão da juventude

Enquanto aguardavam a sua vez, de serem entrevistadas as «teen-agers» rapidamente fizeram amizade

Duas finalistas de 1970 outra vez apuradas

O facto de concorrer uma vez não é impeditivo de voltar a concorrer no ano seguinte desde que a candidata se encontre nas condições exigidas pelo regulamento. Duas finalistas do ano passado — Ana Bela Viegas Cirilo e Isabel Winter — contam-se este ano de novo entre as concorrentes. Muito jovens ainda qualquer delas voltou a ser escolhida pelo juri.

Ana Bela Cirilo uma delas, explica o motivo por que concorreu este ano.

— *Gostei muito da maneira como decorreu o concurso no ano passado. Houve boa camaradagem e convívio. Por isso concorri mesmo sem qualquer pretensão de ser apurada. Viver de novo este ambiente já era para mim agradável.*

Quer ser hospedeira de bordo e acha que o concurso «está este ano ainda mais giro», acrescentando que «*as moças habituaram-se mais a estes concursos e estão mais desinibidas*»

Isabel Branco é aluna do 7.º ano liceal e modelo da Juno. Concorre pela primeira vez. Foi outra das finalistas apuradas e mostrou-se agradàvelmente surpreendida com o ambiente que veio encontrar.

— *Achei interessante e vi que era um concurso feito para a juventude sem o inconveniente dos concursos de beleza pois, como jovem, gosto de ser apreciada mas em todos os aspectos, principalmente como pessoa intelectualmente bem formada.*

— *As minhas colegas entusiasmaram-se a concorrer* — disse-nos Maria de Lourdes Barreto de Carvalho, uma jovem guinecnse aluna da Faculdade de Ciências.

— *É mais uma experiência e uma forma de conviver. Gosto de ver alegria e juventude á minha volta porque isso me faz feliz.*

Portimão bem representada

Portimão começa já a ter uma certa tradição no concurso das Teen-Agers. No ano passado deu uma finalista efectiva e outra suplente. Este ano a representação algarvia era constituída por três jovens alunas do Liceu de Portimão: Maria Verónica Ferreira, Maria Odette Veríssimo Hilário e Maria Margarida Soromenho. O motivo que as levou a concorrer é o desejo de conhecer gente, viajar, conviver. Os colegas e amigos são em geral quem as entusiasma. Os «papás» esses nem sempre estão de acordo mas depois de se inteirarem da natureza do concurso aprovam também. E a Maria Margarida conta-nos o que se passou com ela:

— *O meu pai não sabia que eu tinha concorrido. Quando a minha mãe lhe mostrou a fotografia publicada no «Diário de Lisboa» respondeu: realmente é parecida com a Margarida. E chama-se Margarida e tudo...*

Paulo de Carvalho — o mais preferido;

Os sonhos e as preferências de «Teen-Agers» apresentam por vezes certos contrastes. O que é a vontade maior este ano deixa de o ser um ano mais tarde. Mas opiniões há que não mudam. No somatório das preferências musicais das Teen-Agers deste ano, Paulo de Carvalho surge como o cantor mais votado, por larguíssima margem. Quase não houve uma concorrente que não citasse o seu. A profissão de hospedeira de bordo é também a mais desejada tornando-se quase uma constante nos projectos de futuros deste grupo de «Teen-Agers», tal como já tinha sucedido no ano passado. A verdade é que muitas são objectivas nos seus desejos e trabalham para os realizar. Algumas das concorrentes de 1970 tornaram-se de facto hospedeiras de bordo com excelente capacidade profissional.

Claro que nem todas podem ser apuradas

Perante um grupo tão diversificado de jovens, mas ao mesmo tempo tão rico de valores humanos, o ideal seria apurá-las todas. Claro que isso é impossível. Tem que haver uma classificação. Simplesmente essa classificação de modo algum diminui ou supera as concorrentes consoante se classifiquem ou não. É uma classificação relativamente á ideia de «Teen-Ager» que muitas vezes pode não corresponder em valor absoluto Maria Teresa Nabais é uma das jovens que não foi apurada mas igualmente se destacou pelos seus pontos de vista de jovem moderna.

— *O ano passado quis concorrer mas tinha o 7.º ano para fazer. Este ano no Técnico, onde sou aluna, os colegas convenceram-me. Sou a única rapariga numa turma de 107 rapazes. Estou a tirar Electricidade mas mais tarde quero fazer Nucleares. Aprecio muito Vanessa Redgrave na sua interpretação de Isadora.*

Alargado para 12 o número de finalistas

Em virtude das dificuldades surgidas pelo elevado numero de concorrentes, com pontuações práticamente iguais o juri decidiu alargar para 12 o numero de finalistas efectivas.

Após as entrevistas efectuadas foram escolhidas como fi-

(Continua na página seguinte)

uma iniciativa do DL

COM O PATROCÍNIO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO
E JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

E A COLABORAÇÃO DE:

PRINCESA DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS 1971

Bayer Portugal
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
Centro de Estética Feminina
Viagens Apolo
Crédito Predial Português
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Riopele
Nacional Rádio (Rádios GRUNDIG)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCEE)
Escola de Manequins JUNO
H. STern Joalheiros
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)

PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS» 1971

Bayer Portugal
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Tróia-Mar
Agfa-Gevaert
Crédito Predial Português
Clarse Turismo
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCEE)
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
H. Stern Joalheiros
Restaurante Folclore

Um concurso dentro de um concurso

A Agfa promove um Concurso de Fotografia entre as concorrentes ao concurso mundial

No próximo dia 4 de Julho, domingo, as concorrentes ao título de Princesa Mundial das «Teen-Agers» — 1971 irão, com as suas comitivas, conhecer o Estoril, Cascais, Sintra e Lisboa.

À partida para o passeio, a Agfa Gevaert, a mais prestigiosa firma de artigos fotográficos da Alemanha, oferecerá a cada uma das «teen-agers» um conjunto «Lady-set».

O conjunto «Lady-set» compõe-se de uma máquina fotográfica «Parator — Iso pak C»; três cubos de «flashs»; películas «Agfa» a preto e branco e «Agfacolor»; uma bolsa de cabedal para a máquina e ainda um estojo prateado onde tudo está acondicionado.

Durante o referido passeio as «teen-agers» poderão fotografar tudo o que quiserem.

No final todos os rolos serão entregues à Agfa que os revelará e onde um júri de técnicos de fotografia, escolhido pela Agfa, premiará as melhores.

Quatro dias depois, durante o baile de gala das «tenn-agers», no Hotel Ritz, a Agfa divulgará os resultados e entregará às vencedoras os prémios que lhes couberem.

As fotografias consideradas pelo júri como as melhores serão publicadas no «Diário de Lisboa».

A Agfa associa-se assim à nossa iniciativa, promovendo e patrocinando um concurso de fotografia dentro do concurso para eleição da Princesa Mundial das «Teen-Agers» — 1971.

Em cima — A maioria das «teen-agers» não descurou a sua «toilette». Os «hot-pants» pontificam. Em baixo — As três representantes de Portimão

A selecção de finalistas

(Continuação da pág. anterior)

nalistas as seguintes concorrentes:

N.º 5 — Maria Isabel Rodrigues Branco, 18 anos, estudante; n.º 7 — Ana Bela Viegas Cirilo, 18 anos, estudante, de Lisboa; n.º 14 — Maria da Conceição Martins Loureiro, 18 anos, estudante, de Lisboa; n.º 18 — Maria de Lourdes Barreto Carvalho, 18 anos, estudantes, de Lisboa; n.º 20 — Maria dos Prazeres Pizarro Beleza, 15 anos, estudante, de Lisboa; n.º 28 — Maria Manuela de Moura Guedes Outeiro Pereira, 15 anos, estudante, de Torres Vedras; n.º 34 — Maria Carla Soares Moreira de Castro, 16 anos, estudante, de Lisboa; n.º 35 — Maria Lucia SanPayo de Lemos, 18 anos, estudante, de Lisboa; n.º 36 — Isabel Winter, de 15 anos estudante, de Lisboa; n.º 47 — Ana Maria Inácio Guedes Lebre, 15 anos, estudante, de Lisboa; n.º 59 — Luisa Rosa Campinos Marinho, 17 anos, estudante, do Porto; n.º 69 — Fátima Castanheira, 18 anos, estudante, do Estoril. Suplente: n.º 44 — Maria Manuela R. Parente, 18 anos, estudante, de Lisboa.

As doze concorrentes apuradas finalistas e cujos nomes publicamos devem comparecer amanhã, às 11 horas, no «Diário de Lisboa» — Rua Castilho, 185-2.º, a fim de receberem os cortes de tecido e a importancia necessária para a confecção dos vestidos.

LOTARIA DE S. PEDRO

Foi vendido pelo Cambista Testa o n.º 12 787 da última lotaria, ao qual coube o prémio de 300 contos.

Naquela casa de lotarias estão à venda os bilhetes que habilitam à «tabuada» de 5000 contos da lotaria de S. Pedro.

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas 1971

PRÉMIOS

PARA A 1.ª:

- **Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLON);**
- **Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina).**

PARA A 2.ª:

- **Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO).**

PARA TODAS AS FINALISTAS:

- **Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500$00 (mil e quinhentos escudos) no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS (oferta do Crédito Predial Português);**
- **Um rádio GRUNDIG modelo «Élite Boy 209» com alimentador Grundig modelo TM 12 (oferta da Nacional Rádio SARL);**
- **Hot-pants e túnica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);**
- **Um corte de DRALON IMPRIME e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Bayer Portugal, SARL);**
- **Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Riopele);**
- **Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);**
- **Produtos REVLON da linha NATURAL MONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);**
- **Produtos LYNCEE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.);**
- **Produtos BRECK (oferta da Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.);**
- **Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.)**

PRÉMIO BAYER DE ELEGÂNCIA:

- **Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME.**

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGÂNCIA:

- **Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE.**

AGOSTINHO

MENDES

Amanhã e depois

AGOSTINHO E OS «OUTROS» NO «NACIONAL» DE FUNDO

Cumprindo o calendário (façamos votos por que não á rotina) disputa-se amanhã depois, na região da Bairrada, o Campeonato Nacional de Fundo.

Não parece destinada a grande espectáculo, a competição. Na verdade ela «parte» afectada (como sucedeu ao Porto-Lisboa) pela ausência de alguns nomes que, no nosso ciclismo (pobre) são sonantes e fazem falta. Ás vezes, é bem certo que para só comparecerem. Mas mesmo assim, Porto e Coelima, representados na «Volta á Suíça» e no Prémio Fagor, respectivamente; e o Sangalhos «desfalcado» de alguns valores, nomeadamente Joaquim Andrade e Joaquim Santiago, cuja presença no «Fagor» já é um «caso», surgem no campeonato em posição desvantajosa... que se reflecte, naturalmente, no próprio campeonato.

Como quer que seja sempre há um aliciante: que é o ver se Joaquim Agostinho chegará a quarto título consecutivo.

Há corredores com possibilidades de contrariar a série: resta saber se se disporão a arriscar, num ciclismo que, como o nosso, é dominado por tácticas (?) exageradamente defensivas. E Agostinho partirá favorito: por força da sua força e porque o campeonato serve as suas características, com uma corrida em linha Sangalhos-Sangalhos, na distancia de 198 km, amanhã; e, no domingo, um contra-relógio, também Sangalhos-Sangalhos, num total de 60 quilómetros. Particularmente, no tocante á quilometragem do contra-relógio (que, segundo tudo indica decidirá o campeonato) há poucas possibilidades de, em condições normais, Agostinho ser batido. A não ser que ele parta a pensar na Volta á França, ou que um adversário mais ousado se decida a «enfrentar» o campeão. Mas não vemos muito *quem*, mau grado o belo começo de época de Fernando Mendes. A não ser que a equipa do Benfica (a que parece mais bem prtparada) consiga alguma coisa na corrida em linha...

Mas tudo que venha além disso e de uma vitória de Joaquim Agostinho, será surpresa...

PRÉMIO «SUPER-BOCK»

Numa iniciativa dos Bombeiros Voluntários de Leça do Balio vai disputar-se, nos dias 10 e 11 de Julho, uma prova de ciclismo, denominada «Prémio Super-Bock».

Para dar a conhecer aos órgãos da Informação o traçado da prova e outros pormenores, realizou-se ao fim da tarde de ontem uma reunião dos organizadores, na qual estiveram também presentes directores de clubes e dirigentes associativos.

O jornalista desportivo Alvaro Braga agradeceu a todos quantos vão colaborar na prova e salientou os pormenores mais significativos, especialmente no que toca ao regulamento Jorge Lara falou em nome da Associação de Ciclismo do Porto e pelos órgãos da Informação usou da palavra João Manuel

A prova cobre um percurso de 116.5 quilómetros e consta de três etapas.

HÓQUEI EM PATINS

BENFICA — VOLTREGA AMANHÃ, NA LUZ

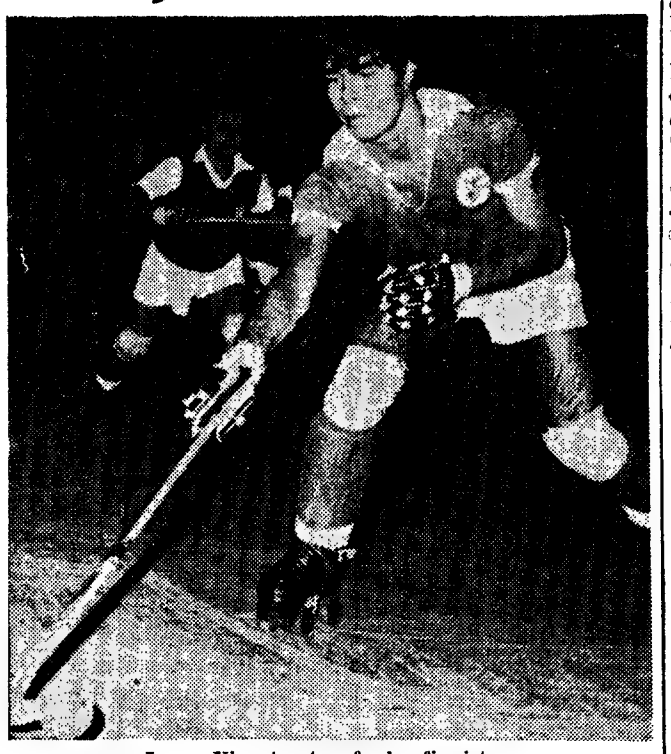
É verdade. O hóquei em patins português que, nos últimos anos, apenas excepcionalmente tem «falhado» sancionar a sua condição de melhor do mundo, nunca conseguiu chamar a si o título europeu de clubes. E já vão cinco edições do Torneio... ainda por cima todas ganhas pelos adversários a quem *sabe melhor* vencer...

Cinco Torneios, cinco vitórias espanholas, uma delas — a primeira — exactamente pelo clube que participa na competição deste ano, adversário do Benfica na primeira eliminatória, com primeira «mão» amanhã, no Pavilhão da Luz.

Fresca, ainda, na memória de todos, a vitória sobre a Espanha, que nos «devolveu», o mês passado, o título europeu de Selecções — eis um incentivo e fortes razões de esperança em que, finalmente, o hóquei português alcance o título que teima em não vir.

Um jogo de propaganda feita, que proporcionará o encontro de alguns dos melhores jogadores mundiais. No Benfica, Ramalhete, Casimiro, Garrancho, Jorge Vicente, Vítor de Sousa e Rodrigues. No Voltegra, Cabanas, Ordeix, Sala, Camprenhi, Nogué e Pons.

A campanha começa amanhã, na Luz, ás 22 horas. Mas que o Benfica se lembre que o Volt... rega os espera... depois, em Espanha.



Jorge Vicente: trunfo benfiquista

Acontecimentos DE ONTEM

VOLEIBOL

Com jogos em Lisboa e no Porto, começou a disputar-se a «Taça de Portugal» em voleibol.

Na capital, o Benfica eliminou o Ext. Moscavide, ao vencer o encontro por 3-0 (15-7, 15-7 e 15-10). Sob a arbitragem de Alfredo Silva e João Veiga, as equipas alinharam:

BENFICA — Carlos Figueiredo, Orlando Gomes, João Campelo, Alfredo Duarte, Moisés Nobre, Manuel Santos, Hélder Antunes e António Parreira.

MOSCAVIDE — José Sales, Carlos Brilhante, Vítor Gomes, Fernando Riça, Vítor Melo, José Ramon, Jaime Mortágua e António Balsinha.

A vitória do Benfica nunca esteve em causa, embora a formação da equipa fosse mais uma vez, bastante diferente da habitual.

A turma de Moscavide, acusou a falta de competição, actuando bastante desligada, o que tornou o encontro de certo modo monótono.

No Porto, o C. D. U P. venceu o Desportivo da Póvoa, por 3-1 (15-12, 15-17, 17-15 e 15-13), eliminando-o assim da competição, após um encontro bastante equilibrado e emotivo quanto ao vencedor, tal como o próprio resultado reflecte.

☆

Para o Torneio de Encerramento da A. V. Lisboa, em juniores, o L. Ginásio venceu o Benfica por 3-0 (15-5, 15 10 e 15-13).

«PRÉMIO FAGOR»

Joaquim Andrade venceu a etapa Novo Redondo-Gabela do «Prémio Fagor» de ciclismo (que está a disputar-se em Angola) e reconquistou a «camisola amarela».

É perseguido pelo espanhol Galdamez.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato metropolitano de hóquei em patins (I Divisão): Rossiense, 2-Paredes, 18.

BASQUETEBOL

Torneio de basquetebol do Ateneu: Técnico, 59 - Ateneu, 53; Cruz Quebradense, 56 - CIF, 52; CUF, 62 - Nacional, 54.

«VOLTA À SUÍÇA»

Continua a «Volta à Suíça» em bicicleta e continua, igualmente, o quase anonimato dos ciclistas do F. C. do Porto na prova. Classificação actual dos portugueses: José Azevedo (33.°), Joaquim Leite (35.°), Joaquim Leão (36.°), José Ascasivari (40.°) e José Pacheco (44.°).

RÂGUEBI

A SELECÇÃO AO TRABALHO

Terminou a época, mas os dirigentes federativos, numa iniciativa muito louvável, quiseram desde logo assentar as bases em que irão trabalhar as selecções na próxima época. Assim convidaram Luis Miramon para seleccionador nacional, dr. Pedro Cabrita para orientador técnico, César Pegado para preparador físico e Luis Matos Chaves para treinador adjunto.

Esta equipa técnica convocou para os primeiros trabalhos, que começaram já na semana passada, os seguintes jogadores: N. Lince, Tibério, Didio, Pimentel e Freitas (Medicina); A. Penha e Costa, José Filipe, Bessa, L. Penha e Costa, Chico Guedes, Correia Pereira, (C. D. U. L.); P Lince, P. Moura, J. Freitas, Vasconcelos, Albergaria (Agronomia); Raul, Gomes da Silva, Branco, Duque, Manzano Olavo; R. Lince, C. Martins (I. S. T.); Lourenço, Gaspar Ramos, Trindade, João Carlos, Mário Silva, Neto, Leite e Minhoto (Benfica) Pegado, C. Fernandes, Santos e Soares (Académica); Afonso (C. D. U. P.); Branco, Monteiro e Melo (Belenenses); Aguilar, Martinho, Tomé e Sequeira (Direito).

Segundo os planos já traçados pela equipa técnica, teremos, no mês de Julho, 4 sessões de pesos e halteres por semana, duas obrigatórias e duas facultativas, além de várias reuniões com os jogadores com exibição de filmes para uma mentalização tanto de ordem técnica como táctica.

Ainda com relação a treinos, na próxima época realizar-se-ão, todas as quartas-feiras, treinos da selecção e, quinze dias antes dos jogos, esses treinos passarão a ser diários.; Haveria ainda interesse por parte do seleccionador que a nossa Federação marcasse jogos, ou internacionais ou de zona Norte-Sul. Além destes aspectos práticos têm os dirigentes a intenção de mostrar aos seleccionados aspectos fundamentais do jogo e suas implicações e desde já estão programadas conferências de pessoas abalizadas versando assuntos de regulamentação, preparação física, alimentação e medicina desportiva.

Apraz-nos registar com satisfação o interesse dos responsáveis para que a nossa próxima presença no Torneio das Nações seja positiva Só começando cedo e a boas horas se pode alcançar algo de util para o desporto português.

Vamos a ver se não é só fogo-de-vista.

C. JACINTO

VELA EM LEIXÕES

A partir de amanhã e até ao próximo dia 24, num percurso olímpico traçado ao largo de Leixões vão realizar-se as «III Regatas Internacionais Vasco da Gama» organizadas pelo Sport Clube do Porto. A prova terá a participação de especialistas de «Snips» da Europa e da América, incluindo o vice-campeão do mundo, Reinald Conrad (medalha de bronze do México), que se desloca a convite particular do clube organizador e ainda uma equipa brasileira chefiada por Gastão Altmayer

Estão previstas várias recepções em honra dos velejadores estrangeiros e acompanhantes.

HOJE À NOITE

ATLETISMO — Torneio de captação, no Estádio José de Alvalade, ás 21 e 30.

BADMINTON — II Torneio de Não-Federados, na Escola Nuno Gonçalves, ás 21.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão: Amadora-Belenenses, Futebol Benfica-Vilafranquense. Liga de Algés-Cimento Tejo e Cascais-Educação Física, ás 22 e 15, nos rinques dos primeiros.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Juvenis: Academia da Ajuda-F. C. Lisboa e Rio Seco-Económicos, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

Campeonato Individual de Senhoras (1.ª série), nas mesas da R. Apolo e Ateneu, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio de Encerramento de Juvenis: Benfica B-Passos Manuel, ás 18 e 45; e Benfica A-Lisboa Ginásio B, ás 19 e 45, no Liceu D. Pedro V.

Taça de Portugal: Lisboa Ginásio-Técnico, ás 21 e 30, na Escola Josefa de Óbidos.

XADREZ—Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria: Amadora-Associação de Surdos, Sporting Juventude e Benfica-C. D. U. L., ás 21, nos tabuleiros dos primeiros.

DOMINGO FUTEBOLISTICO

VITÓRIA — SPORTING

Toda a atenção em Setúbal

Em Setúbal (Estádio do Bonfim) o Vitória e o Sporting vão disputar a honra de alinhar no Jamor, na final da «Taça de Portugal». Este é, lógicamente, o jogo mais importante de um domingo pouco fértil em acontecimentos futebolísticos.

Veja-se o calendário dos demais encontros programados:

TAÇA RIBEIRO DOS REIS — Belenenses-Cuf e Seixal-V. Setubal (10.30); Sp. Braga-Famalicão, Vizela-Vt. Guimarães, Riopele - Varzim, Penafiel-Salgueiros, Leixões-Tirsense, Boavista-Sp. Espinho, Sanjoanense-U. de Coimbra, Gouveia-Beira Mar, U. Leiria-U. Tomar, Tramagal-Marinhense, Sintrense-Atlético, Oriental-Peniche, Benfica-Torriense, Barreirense-Montijo e Portimonense-Sp. Olhanense, ás 17 horas.

JUNIORES (2.ª mão dos quartos-de-final) — Varzim-F. C. Porto, Boavista-Sp. de Covilhã, Académica-Benfica e V. Setubal-Sporting, ás 10,30.

Amanhã (ás 21 e 30) Académica e União de Lamas enfrentam-se para a Taça «Ribeiro dos Reis», em jogo antecipado.

SR. CAPITALISTA
Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades
ORCOSI
Rua 1.º Dezembro, 65-3.º
LISBOA
Telefs 36 74 44 32 31 72

PRÉDIOS
MORADIAS
QUINTAS
VENDEM-SE
HIPOTECAS
Temos capital para 1.ªs hipotecas em Lisboa e arredores. Juro de lei, com facilidades que permitem a realização imediata das escrituras
JOSÉ SANTOS, LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
R. dos Correeiros, 101, 1.º
Telefs.: 30707 - 362662

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.
Av. 5 de Outubro, 122 — LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS
PARA
EMPRESA NOSSA CLIENTE
(ARREDORES DE LISBOA)

Agente Técnico de Engenharia

MUITO QUALIFICADO PARA OFICINA ESPECIALIZADA EM MOLDES DE INJECÇÃO

●

QUALIFICAÇÕES REQUERIDAS:

— Conhecimento para projectar e construir moldes de injecção de grande precisão;
— Conhecimentos de construção de máquinas;
— Prática de planificação de trabalho;
— Idade: entre 28 e 34 anos;
— Serviço militar cumprido.

OFERECE-SE:

— Lugar de trabalho modernamente equipado e com óptimo ambiente;
— Trabalho de muita responsabilidade, ao qual corresponderá bom vencimento, compatível com a experiência e qualificações do candidato admitido.

●

Respostas para a **NORMA**, acompanhadas de «curriculum» completo. INDICAR O VENCIMENTO PRETENDIDO. Rigorosa confidencialidade. Indicar Ref.ª 147/DPA/DL

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
NOVO REDONDO*	30 de Junho	LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA E NACALA.
S. TOMÉ*	2 de Julho	LUANDA (se necessário), LOBITO (se necessário) E CABINDA
MOÇAMBIQUE*	5 de Julho	CARREGA EM LISBOA ATÉ 27 DE JUNHO. FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CABO, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA E P. AMÉLIA (se necessário)
LEIXÕES*	5 de Julho	LOURENÇO MARQUES, BEIRA E NACALA.
AGÊNCIA DE CARGA AÉREA		DIARIAMENTE PARA TODO O MUNDO
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO		SERVIÇOS ESPECIALIZADOS PARA TODO O MUNDO

* Com escala prévia por Leixões.

LISBOA—R. DO COMÉRCIO, 85; TEL. 323021; Reserva de Passagens: 34764-369172
AGÊNCIA NO PORTO: NORTEMAR—R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

PASSAGEIROS SEM BILHETE

Comunica-nos a C. P. que, a partir de 15 de Junho de 1971 aos Srs Passageiros encontrados sem bilhete em comboios tranvias ou que façam serviço de tranvia e que tenham embarcado em estações ou apeadeiros com venda de bilhetes, ser-lhes-á feita a cobrança de bilhete da Tarifa Geral com o recargo de 20 % em todo o percurso em que pretendam viajar. Esta cobrança não poderá ser inferior a 20$00.

No próprio interesse dos Srs Passageiros, que utilizam os referidos comboios, a C. P. lembra a conveniência de adquirirem

SOCIEDADE «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas.

VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES
Válidos para 10 semanas

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	461$	461$	462$
Consolidado 3%	475$	—	475$
Consolidado 3 1/2%	592$	—	592$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	—
Externo 1.ª série	—	596$	—
Externo 2.ª série	607$	607$	—
Externo 3.ª Série	—	650$	700$
Externo 3.ª Série	—	700$	750$
Cautelas 3.ª Série	—	160$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	890$
C P 4 1/2% 55	—	810$	—
C P 5 1/2% 61	—	—	—
C U F 6%	—	930$	—
C U F 6% 58	—	940$	—
Gás Elect 4% 48	870$	865$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	870$	865$	—
Gás Elect 5% 54	865$	—	870$
Gás Elect 5% 55	—	850$	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 60	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
M E A Alentejo 5%	—	—	—
M E Cávado 5%	—	—	—
M E Cávado 6%	—	760$	—
M E Douro 5%	—	970$	—
M E Douro 6%	—	760$	770$
M E Norte Port 5%	—	970$	—
M E S Estrela 6%	—	—	—
M E Zêzere 5% 55	940$	930$	—
M E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lanifícios 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	950$
Metropolitano 5 3/4%	—	890$	900$
Moçambique 5%	—	—	950$
Nac Elect 5%	670$	650$	—
Nitratos 5%	760$	755$	765$
Nitratos 5% 60	740$	700$	750$
Petroquímicc 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	940$
Siderurgia 5% 1.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	720$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	720$	—
Sonete 5%	—	740$	—
T A P 4%	—	815$	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 5 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	73$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	195$	200$
Angol	—	—	—
Cab	—	66$	—
Cabinda	195$	195$	98$
Diamantes Angola	2.050$	2.050$	2.060$
Ind C Revue	615$	615$	650$
Inc St Príncipe	—	—	—
Moçambique	—	—	—
Sonete A	395$	395$	—
Sonete B	405$	403$	407$
Zambézia	66$	65$	67$
Diversas			
Cadia	6.850$	6.800$	6.900$
Cim Leiria	4.400$	—	4.450$
Cim Tejo	—	—	—
Co Navegação	—	—	1.520$
C U F	1.400$	1.400$	1.430$
Ina Alianç	—	—	—
Nac Navegação	—	3.600$	3.850$
Petroquímicc	1.180$	1.200$	50$
Port e Colónias	—	3.800$	3.000$
Port Celulose	—	—	3.830$
Port Pesca	—	—	220$
Port Tabacos	590$	588$	590$
Sacor	3.850$	3.840$	3.860$
Siderurgia Nac	2.330$	2.325$	2.350$
Sacor	3.300$	3.290$	3.320$
Tabacos de Portugal	1.480$	1.460$	1.490$
Tabaqueira	—	6.050$	6.100$
U C Azoto	635$	635$	640$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa P	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	415$	425$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.125$	1.125$	1.260$
C P Electricidade A	1.110$	1.108$	1.112$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beira	—	—	—
Gás Electr	376$	375$	376$
M E Alto Alentejo	175$	175$	175$
M E Norte Portugal	230$	229$	230$
M E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	195$	195$	196$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	202$4	208$5
F I D E S	—	127$6	131$4

Acções Banco	Efec	Compra	Venda
Agricultura	2.260$	2.255$	2.260$
Alentejo	1.130$	1.125$	1.135$
Angola	4.230$	4.220$	4.230$
Burnay	—	—	—
Crec Predial	7.400$	7.350$	7.450$
E Santo	6.560$	6.560$	6.580$
E Santo A	—	—	—
Fonsecas e B	27.000$	27.000$	27.500$
Fomento	—	2.700$	2.800$
L e Açores P	—	—	—
L e Açores A	—	—	—
P Atlântico P	6.450$	6.450$	6.480$
Portugal A	—	3.550$	3.580$
Portugal P	—	4.000$	4.050$
Totta Aliança	6.850$	6.840$	6.880$
Ultramarino A	4.130$	4.130$	4.140$
Ultramarino P	4.480$	4.470$	4.480$
Seguros			
Alentejo	39$	39$	40$
Douro	—	2.450$	—
Mundial	985$	980$	990$
Sagres	—	3.000$	3.600$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açucar de Angola	—	—	—
Ag Casseque	—	665$	675$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54—LISBOA—Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	11/6/71	17/6/71	18/6/71
GERAL	150,6	149,9	150,4
METROPOL.	146,6	146,7	146,9
ULTRAM.	180,2	173,4	175,7

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	7$90	8$25
América		
— Dollars de 1 a 20	27$80	28$30
— de 20 a 50	28$10	28$60
— de 50 a 1.000	28$20	28$70
Argentina — Peso Novo	4$50	6$00
Austria — Schilling	$14	$19
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$30	5$60
Canadá — Dólar	27$60	28$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	5$90	7$15
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	37$00	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Papeis de credito
Notas estrangeiras
Tel 23127/8

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
Concurso n.º 55—REPARAÇÃO GERAL DOS GERADORES A VAPOR DA CENTRAL TÉRMICA DO HOSPITAL DE S. JOSÉ

RECEBEM-SE PROPOSTAS ATÉ ÀS 10 HORAS DO DIA 14 DE JULHO PRÓXIMO PARA O MENCIONADO CONCURSO.

OS CONCORRENTES PODERÃO PEDIR NO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA (Hospital de S. José), EM QUALQUER DIA ÚTIL DAS 9 ás 11.30 e das 14 ás 16 HORAS E AOS SÁBADOS DAS 9 às 12 HORAS, AS CONDIÇÕES DO CONCURSO

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA EM 16 DE JUNHO DE 1971.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro

PRÉDIO
ALMADA

Bem servido de transportes, construção moderna de cimento armado, revestido a marmorite, composto de 4 pisos, 8 inq.os, hab. 4 div. soalhadas, cozinha e c. banho, despensa, marquise e hall. Alugado com rendas baixas.
PREÇO — 1.360.000$00

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

LEIA ISTO!

Gostaria de ganhar mensalmente até 7.000$00 trabalhando em part-time? Posso indicar-lhe como. Sou uma pessoa séria, portanto deverá sê-lo também. Um investimento de 6.000$00 absolutamente garantido em produtos, pode ser o caminho para o seu sucesso.
Telef. Mr Milianti 775659.

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 15 e 21.30
2.ª SEMANA
Uma das melhores comédias do ano!
LUA DE MEL COM URTIGAS
Às 18.30
«Ballet» pelas alunas de Georgina de Villas-Boas
(Espectáculo para todos)

CONDES
(Adultos) Tel 322523-326710
2.ª SEMANA
4 SESSÕES
Às 14.15 16.30 18.45 e 21.45
Charles Bronson em
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO
Technicolor

VOX
(Adultos) Tel 720808
Às 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA TRIUNFAL!
Um filme onde a crítica, a análise, o quotidiano e a malandrice andam á solta e de que maneira!
UM MARIDO INFIEL
(Junto á Av. de Roma)

ROMA
(Adultos) Tel. 78778
4.ª SEMANA
As 15.30 e 21.45
O BELO ANTONIO
com Marcello Mastroiani, Claudia Cardinale e Pierre Brasseur

MUNDIAL
(Adultos) Tel 538743
3.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
As 18.30 e 21.45
George Peppard, Carrol Baker, Alan Ladd e Martn Hoper
OS INSACIAVEIS
Um filme de Edward Dmptrvk
Cinemascope — Technicolor
Metro Estação Picoas

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
DARLING KELLY
com Tony Richardson

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Agora no Cinema!
Mick Jagger é
NED KELLY
Um filme notável de Tony Richardson

ESTUDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779895
6.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme de François Truffaut
O MENINO SELVAGEM

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 865037
ÀS 15 e 21 h.
Rock Hudson — Ivone de Carlo
GIGANTES EM FÚRIA
E LEIO NOS TEUS OIHOS
Agnes Spaan — Nino Tarante

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
2.ª SEMANA
Às 15,30 e 21.45 h.
Uma aventura incomparável!
PERDIDO NO DESERTO
Dirkie Hames — Janne Hames
Technicolor

Atenção — Por motivo de obras de beneficiação este Cinema encerra a partir de 2.ª feira, dia 21, reabrindo no próximo mês de Julho.

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Às 17 e 21.30 h.
INTERNATO DE RAPARIGAS

(M. 6 anos) Às 15.30
SÁBADO — Matinée infantil

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45923
Às 21 horas
CAPITÃO BRANCALEONE
OURO DE LONDRES

LUMIAR
(Adultos) Às 21 h.
RAQUEL, RAQUEL
JOVENS DE SANGUE ARDENTE

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel 555131
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Aventura! Acção Espectáculo!
O TESOURO DE «EL CONDOR»
com Jim Brown, Lee Van Cleef, Marina Hill e Patricia O'Neal
No «écran» gigante de 70 mm

SATÉLITE
(Adultos) Tel 562882
As 15.30, 18.30 e 21.45
17.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 21 e 30
Em continuação de estreia
5.ª SEMANA
LOUIS DE FUNES em
O GENDARME EM FÉRIAS
Colorido

(M. 12 anos) As 15.15
Última exibição
LAWRENCE DA ARABIA

(M. 6 anos) As 18.30
SÁBADO E DOMINGO
MATINÉE INFANTIL
A PEDIDO
Todo o mundo incomparável do desenho animado
GRANDE PARADA WALT DISNEY
c/ Pato Donald, Guffy, Rato Mickey, etc., etc.
Colorido

APOLO 70
CINEMA ESTUDIO
Av. Júlio Dinis
(M. 1? anos Tel. 763319
4. SEMANA
As 14.30, 16.45 e 21.45
Uma obra-prima do cinema americano
O VALE DO FUGITIVO
com Robert Redford e Katharine Ross
Scope Technicolor

Às 19 h. (Adultos)
RUMO A FELICIDADE
de Ingmar Bergman

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Christopher Lee, Boris Karloff e Barbara Steele
A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO
Colorido

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 4.ª SEMANA TRIUNFAL
UM FILME DE QUE TODOS FALAM PELA SUA NOBREZA DE PENSAMENTO
ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
A história de um grande amor que despreza a cor da pele...
Eastmancolor

BERNA
(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE ÊXITO!
SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITÓRIA)
Candice Bergen e Peter Straurs
Em Panavision e Technicolor
(à Av. Marquês de Tomar)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30 h.
Um filme de Amor como não se vê muitas vezes...
De Jacck Clayton com argumento de Harold Pinter
DISCUSSÃO NO QUARTO
com Peter Finch, Anne, Brancroft e James Mason

ESTUDIO
(Adultos) Tel. 555134
5.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme de Godard
ALPHAVILLE
com Anna Karina, Eddie Constantine e Akim Tamiroff

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
TOM JONES
CAMINHOS PERIGOSOS

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320017
Às 15 e ás 21 h.
VIDAS PROIBIDAS
O QUARTO INTERDITO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327250
3.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Poderá um amor durar sempre ou apenas um momento?
Christopher Jones e Pia Degermann em
AQUELES DIAS CONTIGO...
(Briel Season)
Colorido

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
ÀS 15.45 E 21.45
John Wayne num filme de John Huston
A incomparável aventura da descoberta do Oriente pelo mundo ocidental...
O BÁRBARO E A GUEIXA
Cinemascop — Cor de Luxo

LIDO
(M. 12 anos) Às 21.30 h.
O primeiro filme português em maravilhoso 70 m/m
ANGOLA NA GUERRA E NO PROGRESSO

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 2? e 45: «A Querida Mamã» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 2? e 45: «Jogos de Sociedade» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h: «Cala-te Boca» (17 anos)
ACADEMIA — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «A Capital» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só as borboletas são livres»

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «A Hora do Fumo» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Essa Mulher» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A Promessa» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Deixem-me viver» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «A Mulher Serpente» (17 anos).
JARDIM — Às 21 h: «King o Homem Secreto» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Senhor das Ilhas» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Internato de raparigas» (17 anos); ESPLANADA — Às 21 e 30: «Os 7 magníficos» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Alta traição» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Contestação geral» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Um homem irresistível» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Amor de perdição» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Ofício de matar» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: Chamam-me... Mr. Tibbs» (17 anos).

● PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — À 21 e 45: «A Batalha Naval» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O exército da sombra» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A visita» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Califórnia» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «O Distraido» (12 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «A Piscina» (17 anos)
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Cidade Violenta» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Rio Bravo» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «John e Mary» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Frente a frente» e «A ira de Aquiles» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Amores Proibidos» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «O Bastardo» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A conquista do Oeste» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Ripopo» (17 anos)
TIVOLI — Às 21 e 30: «Detective particular» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

ALCANTARA — Dileme, R. Aliança Operária 49-A (t. 636620 ✲ **Costa,** Rua dos Lusíadas 3, (telef. 636704 ✲ **Vieira e Rosa,** Rua Prior do Crato 74 (tel. 660 87).

ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel. 728277

ALVALADE — Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 0-D (á Avenida D. Rodrigo da Cunha (telef. 722384 ✲ **Cabrita,** Campo Grande, 22, (tel. 772397 ✲ **Sanex,** Avenida da Igreja, 3-C (telef. 776905 ✲ **Rio de Janeiro** Avenida Rio de Janeiro 4-C (á Avenida Estados Unidos da América (tel. 72 409

AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge (ás Galinheiras (telef. 790969

ARCO DO CEGO — S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (tel. 534027

AREEIRO — Algarve, Avenida de Roma 7-B (tel. 777478

ARROIOS — Pancada, R. Rebelo da Silva 9 (telef. 43340 ✲ **Castro,** Avenida Almirante Reis, (t. 44373)

AVENIDA DA LIBERDADE — Liberal, Avenida da Liberdade 2 9 (Te. 4364 (

AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar 20 (tel. 44995 ✲ **Cruz Nunes,** Praça Duque de Saldanha, 4 (tel. 4'845

BAIRRO ALTO — Sanitas, Praça Luís de Camões 24 (tel. 322798)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (telefone 32'2 6)

BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 26 (tel. 326575

BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (telefone 6 454)

BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira 34-A (telef. 704828)

CAMÕES — Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (tel. 322798

CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide 54-A (tel. 684424,

CAMPO DE OURIQUE — Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686'76 ✲ **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, .9 (tel. 662838 ✲ **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 62-A (telefone 669485) ✲ **Pinheiro,** Rua de Campolide, 3' (tel. 686640)

CARNIDE — Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel. 780969)

JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327)

LAPA — Mota Capitão, R. de S. Félix 45-A (telefone 660120.

LUMIAR — Central, R. do Lumiar 17 (telefone 790480

MARQUES DE POMBAL — Liberal Avenida da Liberdade 2 9 (tel. 4364 (

MOURARIA — Silva, Calçada de Santo André, 16 (telef. 862074,

OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 99 (Olivais-Sul) (telef. 3136 0 **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais Norte (telefone 3'5539.

PENHA DE FRANÇA — Bastos, Rua Morais Soares 9-F (telef. 884350 **Branquinho** Rua de Sapadores 87 (telef. 84 725)

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa 6-A (telefones 720703-728395

RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato 3-C (telef. 68 947)

RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 0-A (á encosta do Restelo (telefone 6'2248

SANTO AMARO — Gomes Rua da Junqueira, 326 (telef. 638 93.

S. BENTO — Fenix R. da Cruz dos Poiais 52 (telef. 57853 (

S. MIGUEL — S. Miguel, Praça Francisco de Morais (telef. 77 469)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Novais, Avenida Luís Bivar (telefone 443,4

SETE RIOS — Curie, Avenida Madame Curie, 5-A (telef. 778439. **Laranjeiras** Rua Filipe da Mata 60 (telef. 76 035)

SOCORRO — Silmar, Rua de S. Lázaro 28 (telefone 42829

XABREGAS — Conceição Calçada de D. Gastão 30 (telef. 38 27??

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 81 (telef. 212048).

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, -A (tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 86 (tel. 2432034)

OEIRAS — Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro (tel. 2430485)

PAREDE — Macau — R. José Elias Garcia, 60-C (Tel. 247 785)

S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263052)

ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (telef. 261 86)

MONTE ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, 1 (tel. 2603911).

CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (tel. 280170) ✲ **Nova** — Est. de Alvide — Fontainhas (tel. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — Rua Elias Garcia, 209 (tel. 9300'9) ✲ **Flama** — Rua Elias Garcia 78-B (telef. 932485) ✲ **Confiança** — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-A (tel. 938 49)

DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão 9 (Tel. 970523)

QUELUZ — André — Av. Elias Garcia 5' (Telefone 95012) ✲ **Queluz** — Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 95 3 4')

CACEM — Garcia — Av. dos Missionários 4 (Telef. 294 8

MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim,** (Tel. 980456)

SINTRA — Marrazes, L. Rainha D. Amélia 20 — (Te. 980 55)

COLARES — Colares — Abreio — (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, (tel. 34 3?

ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA — Central — Rua de Olivença, 11 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima** — Est. Nacional, 22-B (Telefone 224 4

BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 16 (Te. 2273035)

COVA DA PIEDADE — **Rainha Santa** — Est. das Barrocas 50-A (Telefone 2750 32

MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (tel. 39025)

MONTIJO — Moderna — R. Bulhão Pato 60 (Telef. 230 56

SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (tel. 229028)

SETUBAL — Normal do Sul — Praça do Bocage (Te. 222'6)

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (telef. 2218580).

● PORTO

Ameal, Rua do Ameal, 447 (Tel. 48550) ✲ **Birra,** P. da Liberdade 25 (Telefone 20463 ✲ **Costa Lima,** Av. da Boavista 855 (Tel. 60606 ✲ **Falcão,** R. Santo Ildefonso 6 (Telefone 2 566 ✲ **Invicta,** R. do Bomfim, 330 (T. 5 2'2) **Lapa** R. Antero de Quental 2'1 (Tel. 40697) ✲ **Martins Sucr.,** P. Marquês de Pombal, 22 (T. 40747) ✲ **Ordem da Trindade,** R. H. e Mart. de Ang. (Telefone 27420 ✲ **Ramos,** P. do Exército Libertador 9' (Tel. 64935) ✲ **Santa Teresa,** P. G. Gomes Fernandes 00 (Tel. 357 3 ✲ **Terreiro** R. da Reboleira, 2 (Tel. 23576) ✲ **Vaz Teixeira Sucs.°,** Rua do Heroísmo, 56 (Tel. 52851) ✲ **Vilarinho,** Rua do Vitorino 6 (T. 682014) ✲ **Nacional,** Rua Senhora da Luz 56-Foz (T. 680833)

● COIMBRA

Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767) ✲ **Sitália** — Largo da Sé Velha (tel. 23234) ✲ **Luciano & Matos** — Rua da Sofia (tel. 22147 e 22148).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo ou pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Coimbra, Beja, Alvalade, Elvas e Régua, 27°; mínima: Montalegre, 3°,9.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 19°; Penhas Douradas, 13°; Coimbra, 17°; Lisboa e Funchal, 19°; Faro, 21°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 19°; na água do mar: 15°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco a moderado dos quadrantes de Norte.

Amanhã
Nascer ás 6 e 11
Ocaso ás 21 e 4

Dia 23 Dia 30 Dia 8 Dia 15

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 12 e 27 (3,5 m). **Dia 19** — 0 e 59 (3,6 m); 13 e 33 (3,6 m). **Dia 20** — 2 e 02 (3,7 m); 14 e 34 (3,8 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 5 e 44 (1,3 m); 18 e 11 (1,4 m). **Dia 19** — 6 e 41 (1,2 m); 19 e 10 (1,2 m). **Dia 20** — 7 e 35 (1,1 m); 20 e 06 (1,1 m).

SPIRO AGNEW VEM A PORTUGAL

WASHINGTON, 18 — (A. N. I. — Visita Portugal o vice-presidente dos Estados Unidos. Spiro Agnew, que a 27 de Junho parte de Washington para uma viagem de um mês á Ásia, á Africa e á Europa.

«O objectivo da viagem é demonstrar a manutenção do interesse pessoal do presidente Nixou pelos países que visitou e aumentar o conhecimento directo dos seus problemas e progressos» — anuncia um comunicado da Casa Branca.

«O vice-presidente Agnew — acrescenta se no comunicado — procurará conhecer as opniões dos chefes de Estado e de Governo que contacte acerca de assuntos de interesse mútuo, de modo a poder dar as suas impressões directas ao presidente.»

A viagem de Agnew inicia-se pela Coreia do Sul, onde assiste á posse do presidente Park Chung Hee. Depois visitará Singapura, o Koweit, a Arábia Saudita, a Etiópia, o Quénia o Congo (Kinshasa), a Espanha, Marrocos e Portugal Em parte desta viagem será acompanhado pela esposa

NAS 202 ESCOLAS E SECÇÕES DO PAÍS

COMEÇARAM HOJE OS EXAMES DO CICLO PREPARATÓRIO

Com as provas de Trabalhos Manuais, começaram esta tarde, ás 15 e 30, os exames finais do Ciclo Preparatório, nas 202 escolas e secções existentes no País (Metrópole e Ilhas).

Como, porém, a prova de Trabalhos Manuais se destina apenas aos alunos externos menores de 18 anos (que não tenham, evidentemente, sido dispensados ou reprovados) os exames amanhã começam a «mobilizar» todo o Ciclo, com a prova de Língua Portuguesa, ás 15 e 30.

O facto de haver a possibilidade de não ir a exame final (por dispensa ou reprovação) impede, por enquanto, qualquer estimativa sobre o numero de alunos envolvidos nas provas. Com efeito, esse numero total só poderia ser obtido se cada uma das 202 escolas e secções de todo o País fornecesse a parcela que lhe diz respeito, o que se torna impraticável.

Segundo informações da Direcção-Geral do Ciclo Preparatório, os alunos matriculados no ensino particular (externos menores de 18 anos) são 11 900. Tal seria o numero de alunos hoje a prestar provas de Trabalhos Manuais, se não fossem as dispensas e as reprovações. Acrescenta-se, por outro lado, que o numero de alunos internos matriculados no segundo ano ascende a 45 700. Temos, portanto, um total de 57.600 alunos teóricamente envolvidos em exames: dispensados, reprovados e a prestar provas.

A Direcção-Geral do Ciclo informa-nos ainda de que foi feita uma média de 70 a 80 mil pontos para cada disciplina.

Porto e arredores: mais de 4600 alunos

PORTO, 18 — No Porto e arredores, apresentam-se a provas, nos exames finais do Ciclo Preparatório, mais de 4600 alunos, assim distribuídos: Escola Preparatória Gomes Teixeira — 640; Secção de D. João IV — 177; Liceu Alexandre Herculano — 123; Liceu D. Manuel II — 181; Liceu Carolina Michaelis — 298; Escola Preparatória António Nobre (Matosinhos) — 109; Escola Preparatória de Gondomar — 328; Escola Preparatória Teixeira Lopes (Gaia) — 872; Liceu Garcia de Orta — 98; Escola de Clara de Resende — 328; Escola de Aurélia de Sousa — 475; Escola de Ramalho Ortigão — 585; Escola Preparatória D. Martins Peres (Valongo) — 56; Escola Preparatória D. Pedro V (Fiães, Feira) — 13?

MARCADOS OS EXAMES DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DO ENSINO TÉCNICO

Foram marcados os exames finais dos Cursos de Formação do Ensino Técnico que se realizarão de acordo com o seguinte horário:

1.ª CHAMADA
1 DE JULHO
(Quinta-feira)

Português (Cursos Industriais, excepto o de Formação Feminina) — 9 horas.
Francês (Curso Geral do Comércio e de Formação Feminina) — 11 horas.

2 DE JULHO
(Sexta-feira)

Matemática (Cursos Industriais) — 9 horas.
Inglês (Curso Geral do Comércio) — 11 horas.

3 DE JULHO
(Sábado)

Elementos de Física e Química (Cursos Industriais) — 9 horas.
Ciências Físico-Naturais (Curso Geral do Comércio) — 11 horas.

5 DE JULHO
(Segunda-feira)

Cálculo Comercial (Curso de Formação Comercial) — 10 horas.

6 DE JULHO
(Terça-feira)

Português (Formação Feminina e Formação Comercial) — 10 horas.

2.ª CHAMADA
7 DE JULHO
(Quarta-feira)

Português (Cursos Industriais, excepto o de Formação Feminina) — 9 horas.
Francês (Curso Geral do Comércio e de Formação Feminina) — 11 horas.

8 DE JULHO
(Quinta-feira)

Matemática (Cursos Industrais) — 9 horas.
Inglês (Curso Geral do Comércio) — 11 horas.

9 DE JULHO
(Sexta-feira)

Elementos de Física e Química (Cursos Industriais) — 9 horas
Ciências Físico-Naturais (Curso Geral do Comércio) — 11 horas.

10 DE JULHO
(Sábado

Cálculo Comercial (Curso de Formação Comercial) — 10 horas.

12 DE JULHO
(Segunda-feira)

Português (Formação Feminina e Formação Comercial) — 10 horas.

13 DE JULHO
(Terça-feira)

Matemática Moderna (Comercial e Industrial — Turmas-Piloto — 10 horas.

EXAMES DA 4.ª CLASSE

Por sua vez, os exames do 2.º grau de Instrução Primária (4.ª classe) estão marcados para o dia 1 de Julho, com início ás 9 horas.

CONFRATERNIZAÇÃO DOS EMPREGADOS DO BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Os empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor realizam depois de amanhã, no restaurante «O Guizo», de Cascais, o seu tradicional almoço de confraternização anual.

Antes do almoço, na praça de touros local, realizar-se-á uma garraiada.

Participam na confraternização empregados do banco vindos dos mais diversos pontos do país, incluindo representantes das filiais de Luanda e de Lourenço Marques.

A «Jornada Nacional da Itália» na F. I. L.

Decorre hoje a «Jornada Nacional da Itália» na Feira Internacional de Lisboa. A Itália participa oficialmente na F. I. L., tendo-se colocado no primeiro lugar, entre os 24 países participantes, com 192 expositores. Aquele país apresenta ainda um vistoso pavilhão, com uma exposição colectiva do Instituto Italiano do Comércio Externo. (I. C. E.), compreendendo máquinas e tractores agrícolas; maquinismos para a construção civil; carros elevadores; máquinas de lavar roupa para uso industrial; etc.

Promete, portanto, ser brilhante a «Jornada de Itália», que terá início ás 18 horas, com a reunião no dito pavilhão do I. C. E. de altas individualidades italianas (Embaixada, Câmaras de Comércio, etc.) e portuguesas (dirigentes da Feira e de altas entidades económicas).

Depois de uma troca de discursos de elevado interesse para as relações comerciais luso-italianas, realiza-se uma recepção seguida de jantar no restaurante da F. I. L.

Na sala de cinema da Feira serão exibidos documentários técnicos e turísticos de Itália.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua D. João de Castro, L.º do Rio Seco, Vila Rodrigues e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

3.º Sector — Rua Feliciano de Sousa, Rua da Cruz a Alcântara, Trav.ª Sebeiro, Trav.ª do Gibraltar e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — P.ª dos Restauradores entre as Ruas Jardim do Regedor e dos Condes e a Trav.ª de Santo Antão n.os ímpares. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Estações de Sul e Sueste. Torreiro do Paço. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Cd.ª do Sacramento de 2 a 52. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Av.ª Almirante Reis de 162 a 186-B, Rua Carlos Mardel de 43 a 51, Rua Ferreira da Silva de 2 a 10-C e de 1 a 11-B. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — B.º da Cruz Vermelha, B.º da Musgueira, Az.º de Entre Muros e Az.º da Musgueira. (Das 8 ás 12 horas).

1.º Zona — Concelho de Oeiras: DAFUNDO: Rua Sacadura Cabral (parte), Rua Clemente Vicente, Rua José Maria da Costa, Rua Pereira Palha e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

2.º Zona — Fontainhas, em Paço de Arcos. (Das 8 ás 14 horas).

3.º Zona — **BURACA:** Est.ª Nacional 6/2 (parte), Est.ª Militar (parte), Rua António Ferro, Rua Professor Dr. Egas Moniz, Rua Padre Cruz, Rua Padre Américo e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

4.º Zona — **Concelho de Cascais:** Manique de Baixo. (Das 8 ás 14 horas).

5.º Zona — **GALIZA:** Bairro da Martinha. (Das 8 ás 14 horas)

6.º Zona — **Concelho de Sintra:** Alto do Ulmeiro — Cacém. (Das 8 ás 14 horas).

7.º Zona — **QUELUZ: (Bairro Queluz Ocidental).** Rua Principal, Rua A, Rua B e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

8.º Zona — **TERRUGEM:** Terrugem a Sul do Cemitério. (Das 8 ás 14 horas).

9.º Zona — **Concelho de Mafra:** Milharado. (Das 7 ás 15 horas).

10.º Zona — **LIVRAMENTO: Sítio da Bandalhoeira em Livramento. (Das 8 ás 14 horas).**

11.º Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira: Alhandra (toda). (Das 8 ás 14 horas).**

Aproveitamento de adegas para restaurantes ribatejanos
— sugeriu o dr. Strecht Ribeiro no I Encontro de Turismo do Ribatejo

SANTARÉM, 18. — «A concepção tradicional de hotel está ultrapassada» — afirmou o dr. João Strecht Ribeiro, chefe de repartição da Industria Hoteleira da S. E. I. T., ao intervir, hoje, numa das sessões do I Encontro de Turismo do Ribatejo, a decorrer na Feira de Santarém.

O dr. João Strecht Ribeiro, chefe de repartição da Industria Hoteleira da S. E. I. T. salientou que *«o estabelecimento hoteleiro dos nossos dias, para ser agressivo, não pode limitar-se tão-só a oferecer alojamento e refeições»*, e sugeriu para o caso concreto do Ribatejo o aproveitamento de adegas, lagares e celeiros para a instalação de restaurantes, em vez de *snack-bares* sem qualidade:

«Porquê «snack-bares»? — perguntou. — *Creio que temos de oferecer quer a nacionais quer a estrangeiros o que é genuinamente português, tudo quanto, na realidade, nos individualiza e identifica. Se, em vez de pomposos nomes, como o que citei, em que há a perocupação do cromado, do laminado, do plastificado, do anodizado, do mistificado se procurasse, aqui, no Ribatejo a instalação de restaurantes em edifícios intimamente ligados ás suas actividades tradicionais quanto não se ganharia? Porque não aproveitar para esse efeito, adegas onde o vinho a servir sairia directamente da pipa para a pichelra, das instalações de lagares ou até de celeiros? Porque não dotar todas essas instalações, com a típica lareira que no Inverno tornasse acolhedor o ambiente sem o poluir, como outros meios mais modernos de aquecimento?»*

Segundo o dr. Strecht Ribeiro, a maioria das sete agências de viagens licenciadas na região ribatejana é *«inoperante»*: *«o seu movimento de turistas, quer á escala nacional quer á escala internacional é práticamente nulo»*.

Por outro lado, o responsável, na S. E. I. T., pelo sector da Industria Hoteleira, afirmou que *«será de encarar sèriamente a hipótese de um estímulo financeiro a conceder aos operadores económicos interessados na exploração dos circuitos turísticos desta região»*. De acordo com o dr. Strecht Ribeiro, esse *«estímulo financeiro poderá ser garantido através da ocupação mínima dos autocarros, considerada rentável, ou através de comparticipação nas despesas de promoção e de publicidade ou outros julgados de interesse»*.

Estas afirmações foram feitas no decorrer da terceira sessão de trabalhos do Encontro, esta tarde realizada, sob a presidência do eng.º Neves Clara.

Apresentaram também comunicações o dr. Manuel Rocha («Aspectos a considerar no aproveitamento turístico do meio rural português»), o conde de Gerardo Franssinato e o padre Henri de Farcy, que falaram, respectivamente, sobre as experiências italiana e francesa.

O Encontro encerra-se amanhã, presidindo á sessão final o secretário de Estado da Informação.

Criança carbonizada na Quinta do Rosal

Um incendio, esta manhã, causou a morte de uma criança na Quinta do Rosal, ao destruir a barraca em que vivia.

A infeliz chamava-se Maria de Fátima de Jesus David, de 9 anos, e era filha de José Manuel David e de Constância dos Santos David, os quais, bastante queimados, recolheram, respectivamente, ao Hospital de Santa Maria e ao Hospital de S. José.

Outros dois filhos do casal — João e Lídia, de 13 e 12 anos — receberam tratamento naquele segundo estabelecimento hospitalar.

Opinião do leitor

Plantar eucaliptos para quem?

A. CARDOSO HENRIQUES

O nosso leitor Amadeu Cardoso Henriques, de Lisboa, enviou-nos, com o pedido de publicação, o texto que a seguir inserimos e no qual trata de um problema de grande interesse para a agricultura nacional: a florestação do País e perspectivas económicas e industriais da mesma. O assunto já aqui foi debatido, mais do que uma vez, mas os pontos de vista do nosso leitor trazem uma nova abertura à questão, aduzindo argumentos e suscitando perspectivas polémicas que merecem ser divulgadas.

Nos últimos anos, o país tem sido incitado à florestação, prescrita como particularmente apropriada às condições dos nossos terrenos e às características do nosso clima: uma árvore cresce nos nossos solos mais depressa do que, nos da maioria dos produtores de madeira e a nossa celulose tem uma quantidade que a impõe (ou poderia impor), no mercado internacional. Além disso, reconhecendo-se, por um lado, as carências da nossa agro-pecuária, tão mal compensadora dos seculares mas sempre desgovernados esforços que lhe têm sido dedicados, a actual falta de braços com a consequente carestia de mão-de-obra (relativamente aos preços dos produtos) e tudo o mais que se sabe e tem sido repetido, e, por outro lado, a crescente procura da celulose, que cada vez abrangerá mais largos sectores do consumo — não há dúvidas de que esse estímulo à florestação se apresenta coerente e fundamentado. A florestação seria o remédio para muitos males, uma fonte de riqueza, uma defesa do meio natural, uma beneficiação dos solos e do clima.

Por tudo isso, os persistentes depoimentos de agrónomos, economistas, etc., que se vão lendo na imprensa acerca das vantagens da florestação parecem merecedores do maior crédito — e são-no, de facto —, se o desligarmos de certas realidades.

Plantar árvores, portanto. Produzir celulose. Modificar para perspectivas mais rendosas e até mais cómodas, a paisagem rural portuguesa. Mas pergunta-se agora: plantar para quem, para que compradores? Para que mercados? E a que preço? Teremos uma indústria de celulose e uma receptividade de mercados que acompanhem o fervor que a agricultura pôs na resposta ao incentivo que lhe foi feito? Será a cotação das madeiras suficientemente compensadora?

Vejamos. Não há dúvidas que existem em Portugal largas dezenas de milhares de hectares de terrenos, baldios e até não baldios, onde o plantio de eucalipto poderá assegurar teòricamente um rendimento muito superior ao das culturas tradicionais, se esse rendimento continuasse pelo menos igual ao que tem sido até aqui. Mas que acontecerá dentro de meia dúzia de anos se continuarmos a fomentar e a proceder á plantação de eucaliptos, se esta não for acompanhada da instalação de novas unidades industriais para o consumo da madeira dos próximos cortes e da abertura de mercados estrangeiros em que possamos confiar?

NOVA REALIDADE SURPREENDENTE

No momento presente, em que se fala insistentemente de carência de matéria-prima para o abastecimento das nossas fábricas de celulose, afinal a realidade já é outra: existe já excessiva oferta e existe um começo de desilusão. Para não dizer mesmo pânico. Tanto na lavoura como nos empresários de cortes de madeira. O que irá suceder num futuro próximo? E dentro de dez anos?

Quais os motivos destes contratempos? Algumas fábricas que apregoam directa e indirectamente falta de madeira e incitam os proprietários de terrenos á florestação, deixaram de receber madeira por possuirem stocks elevadíssimos, o que

Cont. na pág. 8

Será a beleza um luxo?

«Não é permitido criar o feio, porque a beleza não custa mais cara.»

SEJOURNE

«Hoje em dia, no limiar da revolução científica e técnica, redescobre-se aquilo que os filósofos tinham dito claramente no princípio da revolução industrial: que será necessário proclamar o direito de cada um viver com o belo; que a estética constitui uma dimensão da felicidade na civilização colectiva; que o indivíduo só se poderá reconhecer dentro da sociedade se aí puder satisfazer as suas aspirações estéticas»

Num piedoso voto, este preliminar do capítulo 3 das «Reflexões para 1985» evoca um sentimento de frustração mais ou menos confusamente sentido por cada um de nós, uma das causas do desencantamento dos nossos contemporâneos, apercebendo-se de que o frenético prosseguimento dos progressos técnicos não assegura o desenvolvimento esperado.

É-nos portanto necessário estabelecer a triste constatação da situação presente: apesar das imagens brilhantes que dela dão as fabulosas ofertas nos leilões, a pintura, no seu conjunto, apenas beneficia dum polido acolhimento. Amamo-la, ou fingimos amá-la nos museus, nas exposições e nos salões, mas não a compramos, a não ser, por vezes, como valor de investimento. A maior parte dos pintores vive mal, e continuam á parte da sociedade. Os escultores apresentam ainda uma impressão mais triste e encontram-se muitas vezes num estado próximo da miséria. Quanto á situação dos músicos, parece ser a de sacerdócio.

A arquitectura parece ser a menos maltratada, por causa do seu valor económico, tendo a coisa construída um valor de

Cont. na pág. 11

O povo em três imagens

A arte popular merece-nos hoje relevo especial: uma bordadeira de bilros, encontrada (trabalhando) na Avenida da Liberdade, em Lisboa; o folclore autêntico, recolhido por Fernando Lopes Graça e Michel Giacometti, em entrevista com este último (gravura do meio); e a arte da gravura em madeira analisada após um encontro com Manuel Cabanas, artista e cidadão exemplar (exemplo na imagem da esquerda).

ASSIM VAI O MUNDO

Grã-Bretanha

Entre os estudantes britânicos que terminaram os seus estudos universitários no último ano, 10 % não encontraram emprego a tempo inteiro. Há 5 anos, esta percentagem era apenas de 5 %.

Quase todas as sociedades britânicas importantes reduziram severamente o seu recrutamento em diplomados universitários, mesmo desde que o número destes últimos que chega ao fim dos estudos aumenta 7 % em cada ano. Em média, a indústria privada na Grã-Bretanha empregará cerca de 15 a 20 % menos diplomados universitários em 1971 do que em 1970, que, no entanto, não foi um bom ano.

Certas firmas de primeira categoria diminuem este recrutamento para metade. Ford, por exemplo, este ano, empregará apenas 100 diplomados. Em 1970, o recrutamento foi de 150, depois de ter sido previsto, primitivamente, em 250. Unilever reduzirá cerca de 1/3 o emprego de diplomados, Shell e British Leyland cerca de 15 % em relação ao ano precedente.

Numerosas empresas de menor dimensão suprimiram totalmente o recrutamento de diplomados. Nos bancos, o número de ofertas de emprego aos diplomados universitários que acabam de terminar os estudos, sofrerá, este ano, uma queda espectacular.

O único domínio privilegiado no sector privado será o de peritos contabilísticos para o qual se prevê que as ofertas de emprego aumentem 20 % em 1971. No sector público, as perspectivas são geralmente melhores para os diplomados. A administração britânica contratou 175 ou seja 100 % mais do que em 1970. As empresas nacionalizadas procuram, de um modo geral, empregar este ano, aproximadamente o mesmo número de diplomados que em 1970.

Concorrência

Informa uma edição da Unicoope dedicada à protecção e defesa dos consumidores: «A Comissão Económica Europeia, baseada nas disposições do Tratado de Roma relativas à concorrência, intentou uma acção contra os construtores de automóveis franceses e alemães que exigem preços diferentes para modelos idênticos. Certas sociedades francesas pedem quase 500 francos (cerca de 3000 escudos) a mais por modelos vendidos no mercado alemão e impedem os concessionários estabelecidos junto da fronteira alemã de venderem as viaturas aos alemães. Alguns construtores alemães aplicam uma política equivalente em sentido inverso».

Monopólios

Ainda segundo a mesma fonte: «A Comissão Federal do Comércio dos E. U. A. estará a examinar a concorrência industrial dos produtos farmacêuticos, da construção de automóveis, dos aparelhos eléctricos, de produtos químicos, do petróleo e de outra espécie de energia. Segundo declarações do Presidente da Comissão perante a Comissão Económica do Congresso que «a despeito de várias dezenas de anos de intensa vigilância sobre os preços», num regime de oligopólio, «nós sabemos na realidade muito pouco de certas questões específicas, tais como a maneira como os preços se impõem e a sua uniformidade se mantêm entre concorrentes...»

Acrescentou que escasseavam os precedentes jurídicos na aplicação da actual legislação antitrust para agir de uma maneira eficaz relativamente às concentrações existentes.

Insuportável

Os salários dos «operários especializados» têm subido. A Ford está a pagar quase (em moeda portuguesa) 900$00 por dia!

E no entanto esses operários não dão mostras de grande afecto pelo lugar. Na citada Ford, o ano passado, 25 por cento dos «operários especializados» despediu-se! (Fortune). E em Detroit o absentismo no trabalho em cadeia é de 10 a 15 por cento, aliás a média mundial...

O «busílis» está nas condições de trabalho: o homem apêndice da máquina, o mesmo gesto de tantos segundos durante 8 horas... Fazendo gazeta a partir da obtenção do *mínimo* com que viver, ou a páginas tantas atirando com a albarda ao ar, o «operário especializado» mostra dessa forma como lhe é insuportável isso a que brilhantemente se chama «organização científica do trabalho».

Pedagogia

Os cubanos consideram o «trabalho produtivo» além do mais como factor pedagógico. «Para lograr nas novas gerações uma consciência de produtores e não de consumidores, deve incluir-se a todos os níveis do ensino a participação programada e periódica do estudante nas actividades produtivas.» (Da Declaração do recente Congresso Nacional de Educação e Cultura).

Mulheres

Na União Soviética em 1965, para 100 homens activos, existiam 102 mulheres que trabalhavam. Na Holanda não havia senão 31, em França 50, nos Estados Unidos 52, e na Grã-Bretanha, 53.

Todavia, segundo as Nações Unidas, esses indicadores baixarão para os soviéticos, alemães e japoneses.

Com efeito em 1965 existiam na U. R. S. S. 100 homens para 118 mulheres. Em dez anos só existirão, provàvelmente, segundo a mesma fonte 102 ou 103 mulheres. No interior do Mercado Comum, 1980 trará 100 homens para 100 mulheres.

As previsões do número de mulheres activas para 100 homens em 1980, eram as seguintes em diversos países:

	1962	*1980*
U. R. S. S.	102	93
Japão	65	—
Alemanha	56	53
Reino Unido ...	53	54
França	50	52
Bélgica	43	48
Itália	37	38
Holanda	31	31

A descida na União Soviética deve-se à diminuição progressiva da mortalidade infantil, nos últimos anos, que tinha uma incidência especial entre os seres masculinos. A diminuição da mortalidade infantil nos últimos anos levará a uma equivalência entre o número de homens e mulheres adultos.

Sondagens

Duas sondagens realizadas pela S. O. F. R. E. S. permitem concluir que os franceses são contra a semana de 4 dias. Assim:

— 34 % dos franceses preferem trabalhar 10 horas por dia e durante 4 dias;

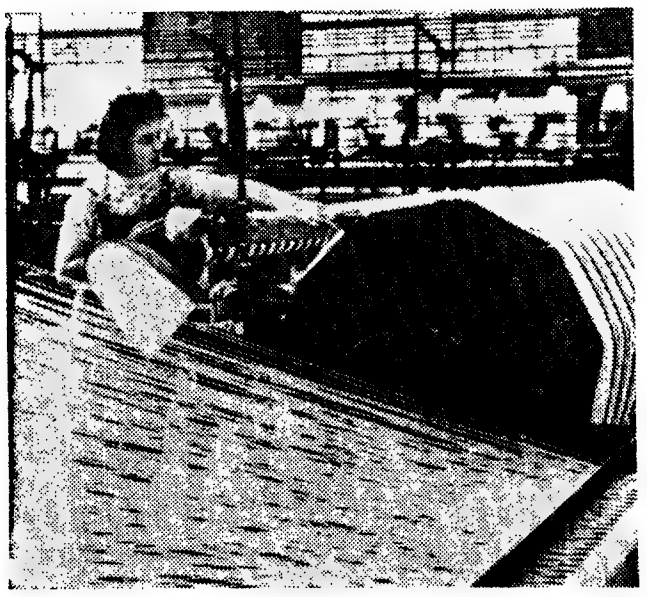
— 55 % dos franceses preferem trabalhar 8 horas por dia e durante 5 dias.

Note-se que a minoria dos franceses que se interessam pelos 4 dias × 10 H não é negligeável em certas categorias: entre os jovens 43 % interessam-se pela semana de 4 dias. Entre aqueles que têm «responsabilidades» industriais, quadros superiores, profisões liberais etc. a proporção alcança os 44%.

Exactamente

Diz o Director do serviço de relações públicas da Companhia do Canal do Panamá: «Sem duvida, as negociações com os panamenhos serão difíceis. Mas uma coisa é certa: eles não seriam capazes de fazer funcionar o canal».

É exactamente o que diziam franceses e ingleses em 1956, nas vésperas de Nasser nacionalizar o canal de Suez.



Alemanha

Na Alemanha, as mulheres não têm possibilidades de acesso ao «top management», e isto por causa do «despotismo e da vaidade» dos homens. Os resultados do inquérito de Jaerg Laubtr, Conselho de Recrutamento em Dusseldorf provaram que a presença feminina entre os quadros superiores e dirigentes era de longe inferior a 1%. À parte as detentoras de capital, não existe uma única mulher na R. A. F. que seja membro de um conselho de administração.

Ao nível dos quadros médios, contam-se 2 % de mulheres; mas com funções iguais, elas ganham sensivelmentt menos que os seus colegas masculinos (mais 40 000 marcos por ano) e confiam-lhes menos responsabilidades do que a estes, embora elas possuam os mesmos diplomas.

ASSIM VAMOS NÓS

Infância

O Jardim Infantil da Vera-Cruz, em Aveiro, aproxima-se dos 6 meses de existência com uma inciativa em que os problemas da infância são a nota dominante. Assim, de 15 a 30 de Junho, terá lugar, nesta cidade, a «Quinzena de Estudo sobre os problemas da Criança», cujo programa, nas suas linhas gerais, será o seguinte:

— Dia 15, às 21 e 30, abertura de uma exposição de trabalhos das crianças do Jardim Infantil, diapositivos sobre a vida do Jardim e mesa-redonda sobre o direito de ser criança

— Dia 19, passagem de um filme para crianças e adultos no cinema Avenida, ás 15 horas, seguida de colóquio á noite, sobre a criança e o cinema; exposição e venda de livros infantis e sobre a criança.

— Dia 22, ás 21 e 30, colóquio sobre a criança e os novos processos de educar.

— Dia 26, sessão de teatro de fantoches, de sombras e infantil, no Avenida, ás 15 horas, e colóquio á noite, sobre a criança e as leituras.

— Dia 27, festa para crianças realizada pelas crianças do Vera-Cruz, do Internato Distrital e Grupo de Lobitos; á noite, haverá uma conferência e colóquio sobre o ensino religioso, a criança e a família.

Estes trabalhos abertos a professores, pais e médicos, serão orientados pelo prof. Calvet de Magalhães e sua equipa, Matilde Rosa Araujo, José Vieira Marques, Paulo da Trindade Ferreira e Escola Preparatória de Abrantes.

A iniciativa que visa não sòmente as crianças do Vera-Cruz mas todas as crianças da cidade, é cocrente com as preocupações da comissão administrativa do Jardim Infantil, cuja reflexão se baseia no reconhecimento de que a criança nem sempre goza daquela protecção especial ou tem oportunidades e facilidades para se desenvolver de maneira sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade «e de que as crianças são os homens de amanhã mas nem sempre serão amanhã pessoas humanas».

Moçambique

Segundo o relatório e contas do conselho de administração e parecer do conselho fiscal da S. H. E. R., sociedade hidroeléctrica do Revué S. A. R. L., a distribuição em alta tensão tende a aumentar aceleradamente. Assim foram vendidos cerca de 93,5 % (254 703 225Kwh), sendo o restante absorvido pelos consumos internos da sociedade As quantidades de energia vendida aumentaram 9,1% em relação a 1969, sendo a receita atingida, 39 156 206$50, superior em 19,2% à desse ano.

Da energia vendida, 126 327 235 Kwh foram consumidos em Moçambique e os restantes 128 376 000 Kwh exportados para a Rodésia. A venda no mercado moçambicano produziu a receita de esc. 60 913 486$60 ou seja o preço médio de esc. $48,2 por Kwh. Este preço aumentou de 9,3% relativamente ao verificado em 1969, em consequência do Governo ter dado satisfação ao pedido de alteração de tarifas.

Profissionalismo

O Banco Português do Atlântico, revelando fortes preocupações com a formação profissional dos seus funcionários, publicou um livro sobre «Créditos Documentários».

Segundo parecer do Jornal Português de Economia e Finanças, a referida obra «dir-se-ia ser um livro de preparação de funcionários bancários e técnicos especializados nas dificuldades e complicações possíveis em operações de crédito documentários».

Comunicar: onde, como, para quê?

Mesa-Redonda realizada na sede da Cooperativa «Proelium», em Queluz, com a participação de sócios desta Cooperativa e da «Vis», da Amadora. Foi moderador José António Melo e nos debates intervieram, nomeadamente: Raul Gonçalves, Fernando Guerreiro, Martins Coelho, Maria da Encarnação, José João Alexandre, Romeu do Rosário, Vítor Silva e José Joaquim Correia.

MODERADOR — *Em sequência de uma reunião havida há tempos entre os membros da Comissão Redactorial do Boletim das Cooperativas Vis e Proelium, na qual se versaram problemas que tocam de perto a realidade que são estes tipo de cooperativas, tendo-se focado ainda as possíveis razões conducentes a uma fraca aderência, não só dos sócios mas também das massas populacionais onde as mesmas estão inseridas.*

Assim, seriam três as circunstâncias limitadoras da acção das cooperativas, a saber:

a) *o facto de as cooperativas existirem em zonas fortemente despolitizadas e a-culturalizadas e, logo, a verificação de uma grande dificuldade de os sócios em geral e as massas populacionais, irem de encontro às cooperativas;*

Maria da Encarnação

b) *a diferença de nível — sociocultural dos promotores das cooperativas e seus grupos animadores, frente aos sócios e às massas em geral;*

c) *poderia ainda juntar-se ao exposto a localização excêntrica das sedes e o relativo conforto que elas podem proporcionar ao sócio.*

Primeiro de tudo gostaria que discutíssemos a validade ou a não validade destas três circunstâncias e, em segundo lugar, se se reconhecer a existência de um fosso entre os grupos animadores e os sócios em geral quais as propostas e vias de acção para ultrapassar este impasse.

COELHO — Parece-me que, a acrescentar ao que o Melo disse não me parece que haja talvez uma grande diferença cultural entre as pessoas que fizeram as cooperativas, os animadores das mesmas e as massas populacionais que cá habitam. Tenho a impressão que o fundamental estará em saber se as actividades que as mesmas levam a efeito traduzem as esperanças, ou vão ao encontro dos anseios das populações ou correspondem ao que as mesmas esperariam ver numa cooperativa como esta.

José Correia

MANUELA — Parece-me que no caso concreto da «Proelium» o que se passa é que, como se verifica habitualmente, a seguir a um entusiasmo, a uma primeira explosão há uma quebra e é isso que se está a passar agora aqui na nossa cooperativa; ela deu-se e agora está na nossa mão chamar novamente as pessoas e cada vez em maior número por intermédio de programas que fassamos lhes chamem a atenção e que as traga cá; por outro lado também me parece que a situação da nossa sede não é a ideal, pois fica fora de sítio, as pessoas maçam-se um bocado em vir cá,chegam tarde a casa e depois já não lhes apetece sairem novamente. Por conseguinte, parece-me que no caso tanto da «Vis» como da «Proelium» é procurarem uma série de actividades que as traga à cooperativa; acho contudo que este impasse não é de lamentar pois creio que vamos recuperar, mais ou menos lentamente, mas parece-me que é possível.

COELHO — Respondendo à Manuela, em parte concordo que a localização tenha influência na assiduidade da comparência dos sócios aqui à noite; para já as sedes são relativamente pequenas e pouco confortáveis; assim, a malta que quiser estudar não virá aqui porque vai para a café onde tem mais sossego e mais ambiente para o fazer; mas por outro lado, nos dias em que há realizações culturais na cooperativa as pessoas também não vêm cá, pràticamente, em maior quantidade que nos outros dias. Daqui se pode concluir que são as actividades que lhes não interessam. Como passar disso? Aqui, no caso da «Proelium», recordo-me de que aos sábados, como hoje, vêm muitos sócios e a maior parte das actividades que os sócios desejariam ver discutidas são-no efectivamente aqui; muitas delas estão em funcionamento e contudo não dizem muito à maior parte das pessoas. Portanto, não é só um problema das direcções, não é só um problema das actividades escolhidas mas acontece também que as pessoas não sabem concretamente aquilo que querem. Penso também que há um fosso entre aquilo que as pessoas fazem e aquilo que desejariam fazer.

DIFERENÇAS DE CULTURA

MODERADOR — *De certo modo em relação à primeira intervenção do Coelho, insisto, por tal me parecer muito importante, na distinção de nível cultural entre as pessoas promotoras das cooperativas e das suas actividades culturais e as massas onde elas se inserem.*

Quero também acrescentar que estas massas de indivíduos que vivem na Amadora como em Queluz estão sujeitos à acção de meios de cultura de massas, como é o caso da Rádio, Televisão, grande Imprensa e o espectáculo desportivo (já ouvi aqui hoje dizer, talvez para justificar o fraco número de sócios presentes, o facto de estar a ser transmitido, na TV um encontro desportivo). Por outro lado penso saber também que o nível cultural médio das pessoas que promoveram e criaram as copoeratívas, cifrar-se-á talvez pelo universitário ou pouco menos e que o nível de instrução das massas é bastante inferior. Temos na «Vis», exemplos nítidos do que digo (foram citados alguns exemplos). Dada a importância com que se me apresenta este problema, gostaria que alguém se lhe referisse.

FERNANDO GUERREIRO — Se bem percebi, acho que o problema é extemporâneo pois quando as pessoas sabem o que querem há sempre possibilidades de entendimento; essa tal terminologia que os universitários empregam é muito fácil de dosear, pois se as pessoas os não entendem é preciso que desçam desse pedestal e fazerem-se entender. Para mim, e penso que também para uma maioria, as pessoas só têm algo de valor na vida quando se fazem entender em todos os extratos sociais! Penso assim que, se de facto há pessoas que nos não entendem é porque teimamos em empregar uma terminologia «difícil» e não queremos desistir dela; se, por outro lado, não estamos a entender os outros, isso é capaz de também ser defeito nosso. Isso lá de uma pessoa por ter uma cultura universitária, querer ditar lei, isso não!

ENCARNAÇÃO — Ao tentar analisar as pessoas que moram aqui em Queluz, verifico que, na sua maioria são empregados bancários, empregados de organismos corporativos, professores primários, etc., enfim pessoas que têm pelo menos o 5.º ano liceal e que já pertencem à classe operária; vemos pois que são pessoas às quais nunca nada nem ninguém lhes despertou o gosto pelo trabalho associativo e a elas é muito difícil chegar. Vejo isso pelas minhas colegas de trabalho: tenho falado imenso sobre a cooperativa e isto não lhes diz nada. Assim parece-me que o que seria importante para as cativar talvez fosse a organização de uma cooperativa de consumo, uma coisa prática palpável e também fazer um infantário, não só para crianças de três ou quatro anos como também para mais velhos. Enfim coisas concretas pois colóquios não lhes dizem nada. Aliás veja-se que com as sessões de cinema no Lido não conseguimos arranjar nenhum novo sócio.

COELHO — Um outro perigo que aqui vejo é a preocupação de «chegar às massas» sem no entanto se ter em conta a população que aqui vive. Se na verdade as realizações, colóquios etc., lhes não dizem muito respeito, talvez fosse de considerar muito a sério as vias práticas propostas pela Encarnação, as quais, até pelo factor económico atraem as pessoas; isso talvez fosse um bom passo para depois as levar para um caminho mais profundo.

INTERESSES IMEDIATOS, INTERESSES A ADQUIRIR

JOSÉ JOÃO — Vou tentar um certo recuo em relação ao que tem sido dito ùltimamente pois parece-me que se tem estado a fugir aos pontos dados. Temos aqui dois problemas que me parece fundamental tratar: o que diz respeito aos sócios, indivíduos pressupostamente que têm já interesses num certo tipo de actividades e os problemas dos não-sócios que são a massa amorfa, o restante da população. Se a problemática está sobretudo em definir porque as pessoas não vêm à cooperativa, temos de dividi-la de dois modos: em relação aos sócios, primeiro, e em relação aos não-sócios. Quanto aos primeiros poder-se-á dizer que são as condições de vida desses indivíduos a razão do problema; quanto aos segundos a questão complica-se.

Claro que se pode dizer que se uma pessoa está mesmo muito interessada, pode fazer sacrifícios mas para isso é necessário muita coragem e nem todos são heróis! Quanto ainda aos não-sócios eles nunca virão por uma actividade cultural; claro que eles nunca virão para discutir problemas; claro que não será nunca essa a via de contactar com eles; a única via é procurar os seus interesses. E quais são eles? É não terem onde pôrem os filhos, é não terem as batatas «mais baratas três tostões», é terem problemas de emancipação ao nível do estudo oficial; portanto, é toda uma problemática do dia-a-dia que temos que resolver e essa será a única via para os trazer a uma actividade cultural. Por outro lado e embora não esgotando este problema eu passaria a um terceiro ponto que aqui foi focado: o entedimento ao nível da linguagem que existe entre os sócios os não-sócios. Esse problema pode-se pôr e os não-sócios. Esse problema pode-se pôr em muitos termos, em termos de linguagem, de não entendimento; em problemas de intelectualismo ou pseudo-intelectualismo e não-intelectualismo; pode-se pôr ainda em levar a cultura ás massas ou toda uma série de chavões que as pessoas costumam usar. Tenho a impressão que discutir esse problema é discutir o sexo dos anjos. Portanto, em relação aos problemas da linguagem, pouho-os nestes termos: quando um indivíduo domina os conceitos faz-se entender, seja por um operário seja por um indivíduo que tenha estudos superiores. Isto porque os conceitos são abstracções da realidade, são significações mas o seu domínio só será real se voltarem à realidade, portanto se operarem. O que acontece em Portugal é que em determinados extratos ditos interessados por problemas sociais há indivíduos que fazem a sua promoção não através de um curso oficial mas pela via do intelectualismo. Em resumo devemos pôr-nos de sobreaviso contra tais pessoas pois pertencem a uma classe pequeno-burguesa que se diz estar muito interessada nas condições sociais, nas condições da massa e na maioria das vezes não o está. Uma cooperativa é uma escola da vida; todos aqui estamos a aprender fundamentalmente a viver e ao nível do simples, do primário, ao nível das nossas necessidades. Já aqui falei das necessidades para os não-sócios. Enfim — e em relação às palavras do Melo — ele o disse um pouco de passagem — pois é verdade que somos pequeno-burgueses e é preciso uma análise extraordinàriamente honesta daquilo que as pessoas querem.

Raul Gonçalves

QUE LINGUAGEM?

MODERADOR — *Em primeiro lugar quero dizer que quando falei em linguagem sòmente houve uma pessoa que me percebeu. Confesso que me expliquei mal mas eu referia-se não tão-só ás palavras que são usadas mas da sua significação social e cultural.*

Cont. na pág. 10

Martins Coelho

tem a palavra o leitor

Para que serve a Feira do Livro?

«Este escrito, sem pretender esgotar o assunto, é uma tentativa de reflexão sobre a Feira do Livro e nasceu do autor se ter perguntado «O que é, e para que serve uma Feira do Livro?»

Julga o autor que muitas pessoas se terão interrogado e respondido do mesmo modo; se resolveu escrevê-lo foi apenas porque o não viu escrito antes e crê que, da sua meditação, outros poderão fazer com que a Feira do Livro venha a ser mais proveitosa para todos os Portugueses.

Uma feira é um acontecimento social em que se pretende intensificar a venda de produtos expostos; de um modo geral a venda desses produtos implica a existência de informação sobre os mesmos.

No caso de uma Feira do Livro é este o objecto de venda e, para que a feira resulte comercialmente, será necessária uma informação vasta e bem dirigida aos possíveis compradores.

Parece-nos portanto que, numa feira deste tipo, além da exposição de livros é importante, para a sua venda, que se faça uma informação activa sobre as obras apresentadas pelos vários editores.

Temos assim, como funções da Feira do Livro expôr livros e informar activamente sobre eles.

Parece-nos ainda que, para que se não perca a dimensão Humana, deve a Feira do Livro contribuir, através de alguma da sua informação, para o desenvolvimento de um critério de escolha por parte do comprador.

Finalmente, se se pretende vender maior quantidade de livros, deve o seu preço torná-los acessíveis a qualquer bolsa.

Em resumo, julgamos que uma Feira do Livro deverá preencher as seguintes funções:

1 — Expor livros

2 — Informar activamente sobre os livros expostos e outros

3 — Contribuir, pela sua informação, para que o comprador forme um critério de escolha dos livros a comprar

4 — Tornar os livros que expõe acessíveis a qualquer bolsa

A Feira do Livro de Lisboa não está, pelo que pudemos avaliar, a cumprir todas as funções que enumeramos e nos parecem importantes.

Quanto à exposição ressente-se, por um lado, da falta de agrupamento espacial de editores segundo os temas predominantes nas suas edições e, por outro, de não haver, em cada editor, a preocupação de expôr por assuntos. Estes dois pontos são, no que respeita à exposição, os que mais dificultam o trabalho de quem quer escolher e comprar.

No que se refere à informação publicitária achamo-la muito deficiente. Cremos que seria útil usar os meios de difusão hoje correntes para informar activamente sobre os autores e obras expostas e as condições de venda praticadas na Feira do modo a motivar o comprador.

No que respeita ao papel formativo da informação, se nos não enganamos, a Feira abdicou completamente; nós pelo menos, não ouvimos dizer que se realizem quaisquer palestras de divulgação sobre Eça, Aquilino, António Sérgio ou qualquer outro dos muitos e bons escritores que temos tido.

Quanto ao nosso ponto 4 quer-nos parecer que o preço dos livros na Feira está longe de os tornar acessíveis a qualquer bolsa, permitindo sim que, quem já tinha capacidade económica para na livraria comprar um cer-

Cont. na pág. 10

para uma certa forma de vida...

...comprar uma casa para viver. Viver dentro de um parque ajardinado, com garagem, piscina, salão de chá e centro comercial privativos. Viver ao pé do Sol.

Amar ao pé do Mar. Ter uma casa de acordo com a sua vida: diferente, tranquila, elegante e activa. Comprar uma casa para bem viver no ALTO DA BARRA.

ALTO DA BARRA

junto à Estrada Marginal - OEIRAS

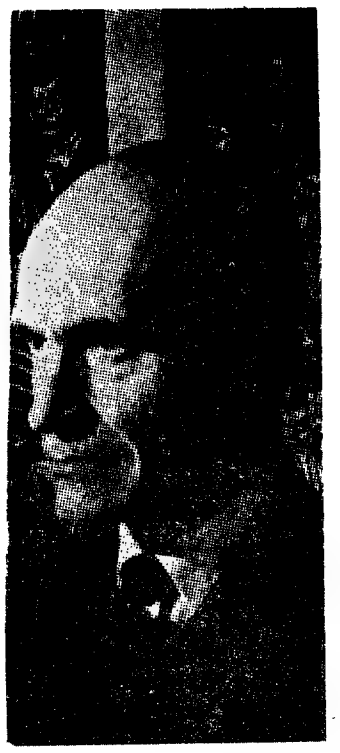
Um empreendimento da MERCATOR, SARL - Telefones: Lisboa 53 76 97 - Oeiras 243 35 90

espiral

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Manuel Cabanas ou a euforia de ser útil



Manuel Cabanas, artista do povo, ferroviário de muitos anos, cidadão de carácter exemplar cuja luta pelos direitos cívicos remonta, sem interregnos, à primeira República. Conhecido como homem do Barreiro, é de origem algarvia, mantendo muito vivas as suas recordações e afeição à terra natal, Vila Nova de Cacela.

Gravador na madeira, a sua arte recupera a dos artistas anónimos que permitiram a impressão dos primeiros instrumentos públicos de cultura. Neste tempo de fácil comunicação social, da industrialização da cultura e respectivos processos, Manuel dos Santos Cabanas encontrou na gravura um modo de expressão própria, um instrumento de luta, uma razão de utilidade social que, como diz, «lhe permita encarar a reforma sem a imagem constante dos bancos de jardim».

ARTE POPULAR?

Autodidacta, Manuel Cabanas travou uma luta cultural apaixonante, através dos livros. A leitura teve, portanto, uma influência decisiva na sua arte. Apesar de uma certa espontaneidade e ingenuidade — pelo menos na recusa dos métodos industrializados de criação — a obra de Cabanas reflectirá mais uma expressão popular da arte do que uma amostra da arte popular pura. As grandes figuras da literatura, os homens lutadores que o fascinaram, a recusa de dedicar-se a figuras proeminentes bem instaladas na vida, o extremo carinho com que, em trabalho mais pessoal, gravou figuras populares ou motivos da luta quotidiana do povo trabalhador, demonstram uma intenção definida, um saber estar no mundo, uma linha política que ultrapassam o carácter artesanal, baseado em expressões tradicionalistas de contestação popular, tão próprio da ingénua e por vezes anónima arte popular.

Conta-nos Manuel Cabanas:

Retrato de António Aleixo por Manuel Cabanas

— Há pouco tempo, um colega seu perguntou-me a razão pela qual eu não desenho e gravo a figura de certas individualidades políticas ou religiosas. E, perante um exemplo concreto, respondi-lhe em vez desse, gravei o João Chegadinho, pedinte que visitava semanalmente a casa de meus pais e que foi um dos meus grandes amigos de infância. Era doente, as mães assustavam os filhos pequenos com o seu nome e a sua figura, mas a verdade é que ele era um tipo alegre, inteligente, que se ria dos ricos e guardava em si toda uma filosofia da vida que nunca mais esqueci.

João Chegadinho, na verdade, é uma das figuras mais curiosas e comoventes das 121 gravuras que o artista expôs no Clube de Campismo de Lisboa e, agora, na cooperativa «Proelium», de Queluz. Espécie de «Zé-povinho» extremamente humanizado, fàcilmente identificamos a gravura com as recordações de Manuel Cabanas. Mas, para lá destes exemplos de criação própria, o que é notório na obra deste velho democrata a rondar os setenta anos, são as figuras de escritores e artistas, obras de arte conhecidas, expressões que marcaram de maneira importante a sua voluntária aprendizagem cultural.

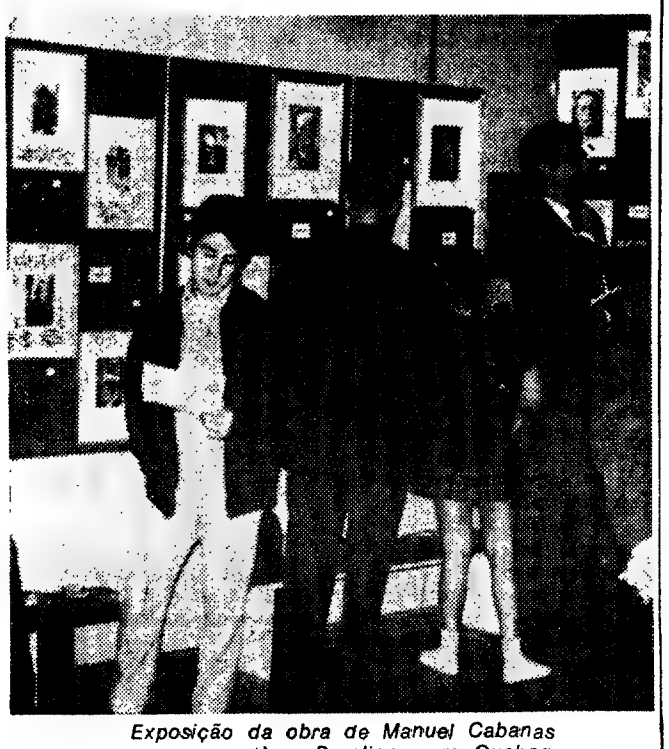
TÉCNICA LABORIOSA

Manuel Cabanas trabalha a madeira com canivete e formão, ao contrário dos outros gravadores conhecidos na Europa, que utilizam o buril. Por outro lado, as gravuras do artista português são válidas independentemente da reprodução, ao passo que os artistas do género servem-se da madeira com o único intuito de reproduzir a gravura. Manuel Cabanas, que aprendeu o valor da sua obra através de uma técnica muito laboriosa e extremamente sensível, não vende os originais. Vai doá-los à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, sede do concelho natal, com a obrigação de a obra que deixar estar permanentemente ao alcance do público.

GERAÇÃO FRUSTRADA

No colóquio realizado na cooperativa «Proelium», Manuel Cabanas dissertou, com grande vivacidade, sobre os seus trabalhos e, sobretudo, acerca das motivações históricas que influenciaram a sua actividade cívica e o levaram a escolher o caminho que escolheu. A sua afirmação de confiança na juventude de hoje teve como contraponto o desabafo de que a sua (dele) geração «foi uma geração frustrada». O que provocou viva controvérsia e propiciou uma certa definição de posições: Manuel Cabanas é um homem jovem, fiel ao que ser jovem significava para os militantes românticos e íntegros da descoberta democrática portuguesa do princípio do século. As coordenadas, políticas ou artísticas, são outras hoje; mas dele nos será sempre útil o seu exemplo de trabalho, generosidade, coragem permanente e confiança no homem. Homem do povo, do povo não sairá. Mesmo com prestígio além-fronteiras e sala de museu.

A. PEREIRA DA SILVA



Exposição da obra de Manuel Cabanas na cooperativa «Proelium», em Quebeq.

GENERAL ELECTRIC

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

COMPLETAMENTE AUTOMÁTICAS

GE = ALTA QUALIDADE

ASSISTÊNCIA ASSEGURADA

agentes em todo o país

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Rua do Norte, 5 · LISBOA Rua Sá da Bandeira, 585 · PORTO

Entrevista com Michel Giacometti

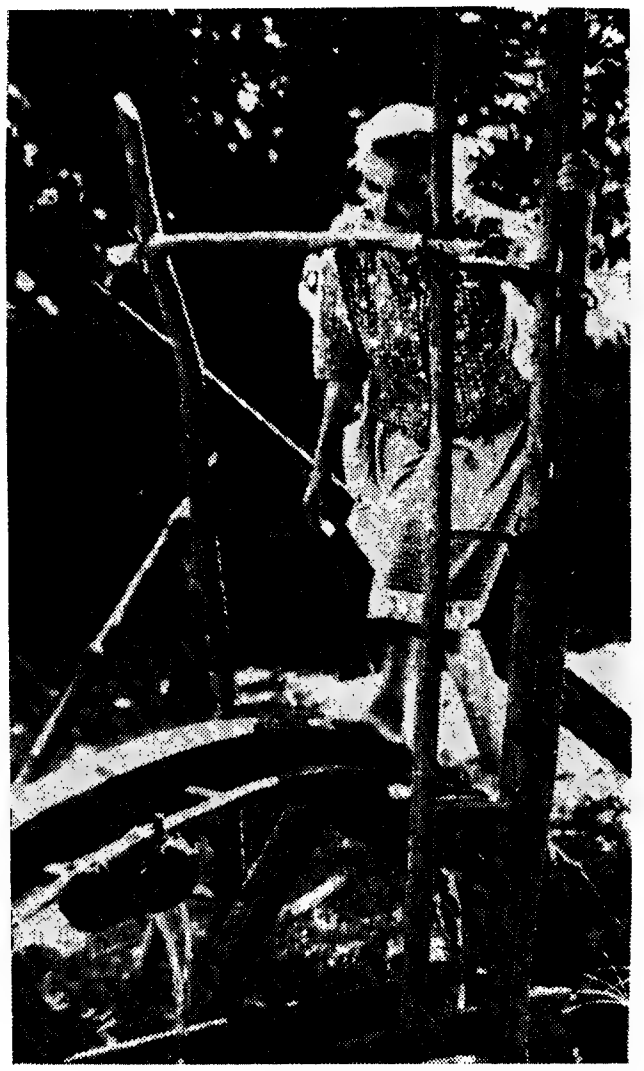
«As canções tradicionais sobrevivem na m

Entrevista conduzida por MÁRIO VIEIRA DE CARVALH

A recente publicação de mais um disco da «Antologia da Música Regional Portuguesa» organizada por Michel Giacometti e Fernando Lopes-Graça, disco que contém uma amostragem da prospecção realizada durante cerca de dois anos na Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral, é a causa próxima desta entrevista.

Quando tomamos contacto com as manifestações genuínas do folclore musical, com os ritmos trepidantes de certos «cantos de romaria», como a «Senhora do Almurtão» (restituído ao seu ambiente ritual e coregráfico africano»), com canções ou ritmos de trabalho como a «Bacelada» ou o «Bendito», com o estilo selvático e pagão do «S. João» do Rosmaninhal, com a melopeia dolente da «Cantiga da Roda», com a espontaneidade reivindicativa do «De quem é o Carvalhal?» («o céu é de quem o ganha e a terra de quem a amanhã»), com a «lengalenga» mista de canto e de fala do «Alvoio» — para citar apenas exemplos colhidos ao acaso no disco das Beiras — quando descobrimos, portanto, a música autêntica do povo autêntico, começamos a fazer uma ideia da leviandade com que, entre nós, se costuma falar de folclore, folclorismo música folclórica, música popular, música portuguesa.

No meio da confusão reinante na matéria, o depoimento de Michel Giacometti pode ser decisivo para uma tomada de consciência.



Mulher de Dornelas do Zêzere (Pampilhosa da Serra) «tocando» a roda

— Quando é que começou a interessar-se pela investigação etnomusicológica em Portugal?

— Em 1959, quando li, no Museu do Homem, uma obra póstuma do musicólogo norte-americano Kurt Schindler, que esteve no Nordeste de Trás-os-Montes em 1928 e registou algumas melodias tradicionais da região. Pretendi retomar esse trabalho e procedi a uma rápida investigação no mesmo local, tendo recolhido alguns documentos de valor que apresentei á Comissão de Etnomusicologia da Fundação Gulbenkian, composta pelos Profs. Artur Santos, Jorge Dias e Lopes-Graça. A votação foi-me favorável por dois votos contra um (o do primeiro), mas mesmo assim não consegui o patrocínio que me permitiria continuar a prospecção (na altura, tencionava limitar-me ao Nordeste transmontano).

Em face da decisão negativa da Fundação, Fernando Lopes-Graça demitiu-se da Comissão de Etnomusicologia, e foi então que lhe propus que trabalhássemos juntos, pelos nossos próprios meios. Voltámos a Trás-os-Montes, onde passámos mais três meses em condições muito difíceis. O material recolhido nesta prospecção e na anterior está na origem do primeiro disco da «Antologia da Musica Regional Portuguesa», publicado em 1960: Tínhamos decidido fazer a cobertura sistemática do país.

— Para recolha dos documentos utilizaram, portanto, meios mecanicos de gravação e não a notação musical escrita.

— A notação escrita não oferece as garantias do registo directo em fita magnética. Alguns aspectos estilísticos que caracterizam uma canção folclórica escapam á transcrição. Os camponeses não cantam as canções duas vezes da mesma maneira e não se subordinam a uma regra geométrica do ritmo. Quando muito, a notação limita-se a assinalar o recorte da melodia.

— Anteriormente já tinha sido utilizado no nosso país o método do registo magnético de documentos folclóricos?

— O primeiro a utilizá-lo em Portugal, com verdadeiro espírito de investigação etnomusicológica, foi o já citado Kurt Schindler. As gravações que realizou encontram-se depositadas na Universidade de Columbia nos Estados Unidos.

Entretanto, não tenho conhecimento de que algum organismo português oficial ou privado, procurasse obter cópia. Eu próprio tentei fazê-lo e escrevi nesse sentido á Universidade norte-americana, mas infelizmente ainda não pude satisfazer as condições financeiras exigidas.

Depois de Kurt Schindler, é de assinalar a prospecção realizada em 1940 pela Emissora Nacional, que enviou uma brigada por todo o país durante cerca de quatro semanas, trabalhando sob a orientação de Armando Leça. Esta missão teria importado em muitas centenas de contos. Só que os documentos registados, conservados em caixas durante quase vinte anos, ao que parece sem nunca terem sido radiodifundidos ou por outra forma utilizados, acabaram por deteriorar-se parcialmente. Das poucas dezenas que restam, apenas uma meia duzia terá interesse musicológico.

Há que referir ainda os trabalhos de Artur Santos, este limitado aos Açores (S. Miguel, Santa Maria e Terceira) e publicado já depois dos primeiros volumes da nossa «Antologia», de Virgínio Pereira e Ernesto Veiga de Oliveira, que beneficiaram duma bolsa da Gulbenkian, tendo realizado obra honesta e valiosa, e finalmente do próprio Lopes-Graça, que fez uma primeira prospecção da Beira-Baixa em 1953, utilizando meios de gravação rudimentares.

— Devo concluir, no entanto, que antes da vossa «Antologia da Musica Regional Portuguesa», não foi dada a publico qualquer outra edição fonográfica do folclore musical português...

— A não ser discos de «ranchos folclóricos», que não astisfazem óbviamente a um critério etnomusicológico...

— Devo concluir também, do que me disse atrás, que todo esse trabalho tem sido realizado á custa de recursos pessoais, sem subsídios de qualquer espécie.

— De 1959 a 1965 trabalhámos isolados, sem receber subsídios. Em 1965, conseguimos um primeiro subsídio da Junta Distrital de Évora e depois outros das Juntas Distritais de Beja e Portalegre. Subsídios modestos, mas que auxiliaram numa certa medida o trabalho de campo.

A prospecção das Beiras foi subsidiada pelas diversas Juntas Distritais, por duas empresas privadas—o Laboratório JABA, de produtos farmacêutico e a Sociedade BEGERAL, L.ª—, pelo Rotary Club da Covilhã e pelo Jornal do Fundão.

— Quantos discos já publicou no ambito da «Antologia da Musica Regional Portuguesa»?

— Até 1965 publicámos os volumes relativos a Trás-os-Montes, Algarve e Minho. Em 1965 saiu o disco do Alentejo e, há poucos meses, o das três Beiras. Além destes, publicámos, em formato reduzido, um disco dedicado a um cantor popular de Trás-os-Montes, Chico Domingues, outro de «Cantos Tradicionais do Distrito de Évora» e outro de «Bailes Populares Alentejanos». Estamos já a trabalhar na edição de mais doze discos.

— Os discos publicados não contêm, evidentemente, todo o material recolhido...

— O conjunto dos discos perfaz cerca de 6 horas de musica e nós recolhemos guardamos cuidadosamente em arquivo tudo o que recerca de duzentas horas. Mas gistamos. Se exceptuarmo a Hungria, estou convencido de que o nosso arquivo é o mais importante que existe, relativamente a um só país, de caracteristicas culturais dividualizadas.

— O disco pressupõe uma selecção entre a totalidade dos documentos registados. Mas na fase de recolha há desde logo uma primeira triagem. A que critérios obedecem uma e outra?

— Em primeiro lugar, nunca vamos ao acaso. Iniciamos o nosso trabalho a partir de informaçes colhidas em obras existentes sobre a região, ou fornecidas por pessoas conhecidas, ou em ultimo caso, obtidas no próprio local. Recorremos em especial ás pessoas idosas. Não eliminamos «a priori» os jovens; sabemos, porém, que é a gente idosa, e sobretudo as mulheres, quem conserva a tradição.

Quando chegamos a uma aldeia onde supomos valer a pena investigar começamos por reunir um pequeno grupo de mulheres e procedemos a um inquérito. Fazemos perguntas relacionadas com as características socioeconómicas da região. Perguntamos, por exemplo, se sabem cantigas acerca da «sacha do milho», quando é o caso de estarmos numa zona onde o milho é cultivado, etc.

É um problema de método e também um problema de sorte. Por vezes, deparamos com canções de que nem suspeitávamos a existência.

Depois de ouvirmos algumas dezenas de cantigas, registamos apenas aquelas que interessam a uma primeira selecção.

— Nessa selecção está talvez implícito um duplo critério: o da autenticidade e o da qualidade estética do documento.

— Há também um critério de estilo. Pode dar-se o caso de certos informadores saberem as canções, mas terem perdido o estilo local. Quando assim acontece eliminamo-las.

Claro que, se dispuséssemos de amplos meios, o ideal era registar tudo, bem ou mal cantado, com ou sem interesse. Porque aquilo que não tem interesse imediato, pode, daqui a 20 anos, revelar-se sob um prisma diferente, como objecto de estudos comparativos ou de fenómenos de «aculturação».

o cabelo conserva-se DIA a DIA

PERSONAL DIURNO OU NOCTURNO
O MELHOR TRATAMENTO DE TODOS OS DIAS

Para evitar e tratar a queda do cabelo, é necessário dar-se ao couro cabeludo um tratamento dietético com base em amino-ácidos, hormonas, vitaminas e outras substâncias essenciais. Porém, para que este tratamento possa actuar eficientemente, há que desenvolver também uma acção desinfectante, anti-bacteriana, anti-micótica e vaso-dilatadora, capaz de tornar o couro cabeludo receptivo à acção electiva e activa dos referidos elementos dietéticos.
Personal é a única loção capilar cientificamente estudada para obter resultados positivos neste campo.

PERSONAL
DIURNO – NOCTURNO

encontra-se à venda nas farmácias e perfumarias.

REPRESENTANTES: AYMAMI PEIG, LDA. AV. GRÃO VASCO, 45, R/C - ESQ. LISBOA
DISTRIBUIDOR CENTRO E SUL: J.C.Crespo, Lda Rua da Madalena, 193 a 197 Lisboa
DISTRIBUIDOR NO NORTE: Tubarão Mendes & Pinheiro, Lda. Rua de Santa Teresa, 14 Porto

memória colectiva do povo»

'ALHO

Neste momento o nosso objectivo é pressionado pela urgência. Trata-se de recolher, enquanto é tempo, o que nos parece mais indiscutivelmente importante.

— *E quanto à selecção do material que será depois publicado em disco?*

— Aí a selecção é muito mais rigorosa. Nessa fase é que intervém especificamente a colaboração de Lopes-Graça, que raras vezes pode ajudar-me no trabalho de campo. Forneço-lhe documentos registados com todas as informações possíveis sobre circunstâncias (etnográficas, sócio-económicas, psicológicas) em que foram obtidos. Lopes-Graça procede à análise musical desses documentos, quer de um ponto de vista etnomusicológico, quer de um ponto de vista estético. Depois, decidimos em conjunto quais os que devem constituir o disco.

— *Ao longo de doze anos de trabalho deve ter havido oportunidade de voltar a zonas que anteriormente já tinham visitado. Quando assim aconteceu, observaram alterações importantes no quadro etnomusicológico dessas zonas?*

— Voltei, várias vezes, aos mesmos locais até por experiência. E raramente obtenho resultados semelhantes: os nossos informadores, que já são velhos, dois ou três anos depois morreram, ou emigraram, ou, pura e simplesmente, deixaram de cantar as cantigas tradicionais. Em certas aldeias não havia rádios nem televisão: três anos depois, a divulgação de tais meios de comunicação de massa quase tinha apagado da memória das pessoas a recordação das coisas antigas.

Cito um exemplo concreto: o duma mulher que tinha gravado em más condições o romance de D. Mariana e que, quando voltei três anos depois, para recuperar o documento, não conseguia lembrar-se, acabando por mo cantar com a música duma canção ligeira então muito difundida na Europa («Marina, Marina»). Tinha havido uma ruptura brutal. O mundo a que pertencia a antiga «D. Mariana» já fora destruído pelo impacto da rádio.

— *Aí está uma questão que me parece indispensável abordar: factores que reflectem negativamente na música folclórica genuína, isto é, que agem contra a subsistência do folclore.*

— São os meios de comunicação (a rádio e, agora, a televisão), a emigração e, evidentemente, as mutações socio-económicas.

— *A respeito da emigração, porém, a sua opinião tem-se modificado...*

— Até à propecção das Beiras eu pensava que a emigração era um factor essencial que provocava a deturpação da música regional e mesmo a sua extinção. Os cantores emigravam em quantidade; mandavam dinheiro que podia ser aplicado na compra de telefonias e televisores; no regresso traziam novas modas que se sobrepunham às antigas, novas maneiras de pensar e de se comportar no meio social; as pessoas idosas sentiam-se inibidas de cantar coisas que já não correspondiam ao ambiente criado à sua volta...

Mas, agora tenho repensado o problema. Porque embora as Beiras sejam zonas de grande emigração, o êxito da prospecção que realizámos parece demonstrar que ela aí não actuou decisivamente. Constitui sem dúvida, um factor de desintegração da antiga sociedade, mas o que é certo é que as canções tradicionais conseguem sobreviver na memória colectiva do povo, ainda que, salvo algumas raras excepções, tenham deixado de ser utilizadas nas respectivas funções.

— *A esse respeito, recordo-me de ter ouvido dizer a Lopes-Graça que já se têm dado fenómenos inexplicáveis de renascimento da música tradicional.*

— Sim. Muitas vezes as modas novas que aparecem são cantadas durante um certo tempo e depois o povo volta às coisas mais tradicionais. Mas é raro isso acontecer.

— *E compreende-se que seja raro. A alteração das condições de vida, das estruturas socio-económicas a progressiva industrialização, tudo isso acabará por implicar, dentro de certo prazo, a extinção do folclore, enquanto manifestação caracteristicamente rústica.*

— Certamente, mas ao mesmo tempo há-de criar-se um novo tipo de «folclore».

— *Para já, penso que seria útil centrar a atenção numa questão prática, a saber: medidas a tomar para preservar o folclore e completar a prospecção em curso. E isto tendo em consideração quer a actual fase de desintegração mais ou menos caótica e anárquica, quer um futuro estádio de evolução histórica que permitisse pensar na planificação integral da educação, da cultura, do desenvolvimento socio-económico, conduzindo ao fim da contradição entre a cidade e o campo.*

— É muito difícil responder. Qualquer medida até poderia ser perigosa neste momento, dado que estamos numa situação de desequilíbrio social e de desintegração duma velha cultura. Para evitar que se agisse em sentido inverso do pretendido, seria indispensável um estudo preliminar cuidadoso e profundo das condições em que o processo está a desenvolver-se (e está a desenvolver-se mais ràpidamente do que parece à gente da cidade).

De um ponto de vista prático, o que é preciso fazer é intensificar a prospecção e recolher o maior número possível de documentos, mesmo daqueles que aparentam menor interesse musicológico.

Claro que não é de afastar a hipótese de os próprios meios de comunicação de massas promoverem a divulgação do verdadeiro folclore. Uma divulgação inteligente do folclore musical poderia contribuir para que os seus depositários o fizessem reviver nas suas manifestações mais representativas e o defendessem da acção corrosiva da música comercial.

— *O que tem acontecido entre nós é precisamente o contrário. A Rádio e a Televisão o apresentam execráveis contrafacções do folclore ou propagam maciçamente a música ligeira comercial. Em ambos os casos agem como factores de deterioração do gosto musical e da imaginação criadora do povo...*

— A dificuldade está em fazer tomar consciência do valor do folclore autêntico, quando tudo funciona contra essa tomada de consciência. A música urbana difundida através dos meios de comunicação significa para o povo algo que tem a ver com a promoção social a que ele aspira. E se tentarmos à viva força que se cantem coisas ligadas a um estádio anterior de evolução social o povo não vai aderir. O folclore não pode ser imposto.

— *Kodaly, com amplos meios postos à sua disposição pelo Estado, pôde edificar, em pouco menos de 20 anos, um sistema de educação musical que colocou a Hungria entre os países mais avançados nesse domínio. Uma das características do sistema é a prática em larga escala da música coral e nesta se compreendem sobretudo harmonizações ou arranjos de música popular (porque não se pode «macaquear» a espontaneidade do povo, cantando o documento tal como foi recolhido). Portanto, criadas novas condições socio-culturais naquele país, foi-se para a solução de fomentar o canto coral baseado no autêntico folclore nacional. Concorda com esta via?*

— É talvez a solução possível numa sociedade avançada. Simplesmente não podemos julgá-la aplicável a Portugal. A situação histórica dos dois países é diferente.

Na Hungria procedeu-se à recolha da música folclórica nos anos vinte, ou seja, numa altura em que ela permanecia viva, quando a industrialização ainda não tinha chegado ao país, nem muito menos os modernos meios de comunicação de massas, enfim, quando ainda não se exercia sobre ela o impacto dos subprodutos musicais da cidade. E deu-se esta circunstância espantosa: no momento da industrialização operou-se uma modificação radical que permitiu o aproveitamento nos melhores termos do património artístico tradicional. Houve uma ruptura no equilíbrio social, mas não propriamente uma ruptura na cultura musical do povo. Ora, o que se verifica entre nós é uma ruptura brusca e caótica dos antigos valores culturais, produzida pela influência nefasta dos detritos musicais difundidos através dos meios de comunicação.

Portanto, a solução húngara é, pelo menos neste momento, intransponível para Portugal.

— *Tem estabelecido contactos com instituições estrangeiras que também se dediquem à investigação etnomusicológica?*

— Lopes-Graça e eu estabelecemos esses contactos logo no início da nossa actividade. Até então (1960) a música folclórica portuguesa era inteiramente desconhecida no estrangeiro. Não existia secção de música portuguesa em nenhum museu do mundo. No Museu do Homem, por exemplo, estava integrada na secção espanhola e era constituída por um único disco... da Amália Rodrigues. O nosso trabalho, embora modesto, veio alterar esse quadro. Das nossas edições temos enviado sempre exemplares para a área de 50 institutos estrangeiros, com os quais viemos a estabelecer estreitas relações. É frequente acontecer que esses institutos manifestem a sua estranheza pelo facto de os Arquivos Sonoros Portugueses serem uma entidade tão pobre e tão desprovida de ajuda. A partir de 1967 passámos a contar com o apoio do Conselho Internacional da Música e do Instituto Internacional de Etnomusicologia Comparada de Berlim-Veneza dirigido por Alain Daniélou. Vão atribuir-nos uma subvenção e convidaram-nos a participar nas primeiras edições da colectânea de música tradicional europeia.

— *Está a dizer-me isso e eu a pensar na atitude que a Fundação Gulbenkian tomou para consigo em 1959... A propósito, tive conhecimento do colóquio, sobre música oriental, ali recentemente realizado com a participação de alguns elementos do I. I. E. C.?*

— Soubemos da realização desse colóquio, com grande antecedência, através do Director do Instituto, com quem mantemos regularmente correspondência. Mas a Fundação Gulbenkian, embora no corrente dos nossos contactos através do próprio Daniélou (que já mais de uma vez recomendou o nosso trabalho), não nos convidou para esse colóquio, nem a mim nem ao Lopes-Graça. Aliás tivemos oportunidade de trocar impressões com o Sr. Daniélou, durante a sua estadia em Lisboa.

Mas se fosse a contar todos os incidentes desagradáveis que têm resultado para o nosso trabalho das atitudes tomadas pelo Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, ainda teríamos muito que falar e falaremos quando julgarmos ter chegado o momento oportuno.

Mulheres de Rocas do Vouga (Sever do Vouga) cantando o Bendito

Tocador de flauta travessa de Reboleiro (Trancoso)

Opinião do leitor

Cont. da pág. 1

desde logo cria uma depreciação do artigo que a lavoura oferece. Já em começos de 1970 se esboçara uma disparidade sintomática entre os interesses da indústria da celulose e da lavoura, quanto à valorização do eucalipto e ao estabelecimento de preços que dessem segurança ao mercado. Não tendo as partes chegado a acordo, o Secretário de Estado do Comércio fixou, por despacho, um preço para a madeira de eucalipto, me vigor pelo período de 180 dias, após o qual se procederia a uma revisão desse preço. Já nos encontramos em Junho de 1971 e essa revisão ainda não foi efectivada.

E isto é apenas um aspecto dos factos. Algumas fábricas só recebem madeiras em certos dias, provocando uma aglomeração caótica e ansiosa de clientes, e mesmo nesses dias só recebem madeira de determinadas regiões, existindo controlos para o efeito, como na ponte sobre o Sado, em Alcácer do Sal. Que possibilidades têm os proprietários e os empresários de cortes de armazenar as madeiras á espera que a industria possa receber a produção? Para onde poderão escoar as madeiras recusadas pelas fábricas geográficamente mais acessíveis? Ultimamente, em em face destas condições, produtores afluiram a uma fábrica de Constancia, que, já saturada de enormes «stok», decidiu limitar a recepção de madeiras até ás 17 horas. Esta decisão, como seria natural, provocou grandes ajuntamentos de camiões, o que fez demorar e encarecer em muito os respectivos fretes.

A maioria dos empresários de cortes não têm condições económicas para retardar a entrega das madeiras nas fábricas, sobretudo na época de Março a Setembro, que é a mais indicada para o transporte de madeiras Mas não é só o aspecto económico, já de si tão influente, que está em causa. A retirada da madeira de eucalipto das matas impõe-se dentro de certos prazos, por causa da arrebentação. Mas como será isso possível, se é precisamente nessa época que as fábricas recusam ou condicionam a recepção das madeiras?

Considerado o problema com realismo, e embora as campanhas de plantio nos possam fazer crer o contrário, não existe escassez de madeiras para celulose, se relacionarmos a produção com as possibilidades actuais de escoamento. O que existe é insuficiência de unidades industriais que acompanhem a política de fomento da florestação. A nossa industria de celulose consumiu em 1970 cerca de 1 500 000 esteres de eucalipto. Actualmente essas fábricas trabalham com um *stock* de 1/3 das suas necessidades anuais. Em Dezembro de 1970, os industriais possuiam nos seus parques um milhão de esteres de eucaliptos. Havia, pois, o dobro das existências normais. Presentemente, os seus *stocks* são ainda superiores. Em face destes dados, como se pode fundamentar o alarme, deduzido de alguns artigos da Imprensa, de que se corre o risco de fazer estagnar ou comprometer a desejada expansão da industria de celulose por falta de matéria-prima?

Por outro lado, se analisarmos os relatórios de 1970 das duas principais fábricas consumidoras de madeira, impõe-se á nossa atenção uma perspectiva bem sombria do futuro do plantio de eucaliptos da parte da lavoura. Diz o relatório de uma dessas fábricas (que nos ultimos tempos só tem aceitado madeira proveniente do Algarve) que em 1970 consumiu cerca de 390 000 esteres de eucalipto. Ora, 25 % desse consumo já é garantido por matas proprias e tal proporção irá avultando rápidamente, visto que a empresa em questão desenvolve activamente os seus planos de florestação e, portanto, de auto-abastecimento. Se todas as empresas de celulose seguirem a mesma política, ao mesmo tempo que se encoraja, e cada vez mais, o plantio de eucaliptos entre os proprietários particulares, a que situação chegaremos? Que desilusões estaremos a forjar?

Outra importante industria de celulose divulga no seu relatório ter consumido em 1970 cerca de 450 000 esteres e possuir em *stock*, em 31 de Dezembro passado, 300 000 esteres. Além disso, reconhece que a oferta total de madeira de eucalipto foi superior ao que se esperava, do que resultou uma armazenagem imprevista e de tal ordem que os «stocks» existentes permitirão a laboração das fábricas durante cerca de um ano. Esta mesma empresa sublinha que prossegue no seu programa de florestação, em terrenos próprios e arrendados, com vista a produzir pelo menos 50 % da matéria-prima que lhe é necessária.

SATURAÇÃO, PARA BREVE

Apresentados estes elementos sumários, fácil e preocupante é concluir que a florestação particular está ameaçada de todas as bandas, por muito que se acentue que o consumo de celulose tende a aumentar em forte escala. Com efeito, em breve se atingirá uma saturação no mercado de madeira de eucalipto, com quase inevitáveis repercussões no preço da matéria-prima e com graves desequilíbrios económicos na lavoura que confiou num prémio assegurado para a reconversão florestal.

E, no entanto, continua de pé a evidência de que o nosso País pode e deve ser um grande produtor de celulose, continua indiscutível de que a florestação se apresenta como um dos mais importantes recursos da nossa economia, que seria incensato desdenhar. O que parece urgente é, pois, encorajar a florestação ao mesmo tempo que se criem mercados e, sobretudo, uma industria suficientemente dinamica e valtosa para absorver toda a matéria-prima por que clamamos sem cuidar de saber quem a vai comprar. A não ser assim, o nosso lavrador verá os seus eucaliptos a crescer sabendo antecipadamente que ninguém lhes consumirá

Damos autênticas notas de Banco
e pomos à sua disposição
as melhores marcas de

FRIGORÍFICOS · MÁQ. DE LAVAR ROUPA E LOUÇA · TELEVISORES · FOGÕES · ESQUENTADORES · ETC.

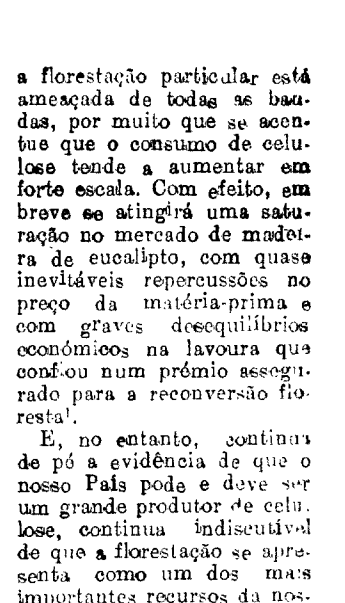
compre melhor nas lojas

Dardo

BOAS MARCAS . MENORES PREÇOS . MAIORES FACILIDADES

E LEVE ainda PARA CASA UMA NOTA DE 1000,00

LOJAS DARDO:
Av. da Liberdade, 131 ■ Rua S. Bento, 55 ■ Av. Almirante Reis, 124
P. de Londres, 7 ■ Rua D. Estefânia, 193 ■ Rua 1º de Maio, 146 - A
R. Gonçalves Crespo, 26 - A



LESTE EUROPEU

PARTIDA: 15 de Agosto

TUDO INCLUÍDO
17.440$00
Tarifa económica IT

VISITANDO
VARSÓVIA
MOSCOVO
LENINEGRADO
KIEV
BUDAPESTE

VIAGENS A CRÉDITO

Consulte o seu agente de viagens ou

SABENA
BELGIAN World AIRLINES

Queiram enviar me folheto detalhado
Nome:
Morada:
O meu Agente de Viagens é
Recorte e envie para
SABENA, Av da Liberdade 13 1º D LISBOA

lemos para si

A cultura que asfixia

Pode-se talvez *dar uma ideia* do livro de Jean Dubuffet, *Cultura Asfixiante* (1), dizendo que o motor que gera a sua energia é a oposição entre *criação*, inovação, o que o peso da cultura pode abalar (o que a cultura asfixia) e... a *cultura* peso do passado, diante da qual somos *de V. Ex.ª veneradores e obrigados*, da qual os *mestres de pensar* são *profiteurs*, mestres de pensar, são funcionários publicos e privados) especializados...

Basta isto para se ver quanto o livro é polémico. Polémico, estimulante, fecundo.

Poder-se-ia apontar na obra a noção de cultura exposta a pág. 44-45 (V. Antologia) e comentar quanto ela nos parece insustentável (a dos etnógrafos é bastante mais *explicativa*) ou fazer um reparo a Dubuffet pelo facto de ele considerar a cultura uma resultante apenas do condicionamento, quando a aprendizagem se efectua também por ensaios e erros, o que faz com que a explicação de Pavlov e seus seguidores se mostre incompleta. Mas tornar cavalo de batalha os pontos fracos (em nossa opinião) do livro de Dubuffet seria passar ao lado do que nele é mais importante. Não só a denúncia do papel que a publicidade tem hoje na cultura, de tal forma que se impõe uma vedeta das artes e das letras como se vende um detergente mas sobretudo observações de Dubuffet como aquela em que considera a cultura do passado uma representação desse passado escolhido por um seleccionador faccioso. Quem nos garante que as obras com interesse, ou até maiores de épocas passadas não nos são desconhecidas? Por muitas razões: porque se perderam (caso da música da antiguidade, por exemplo), etc., etc. e porque os funcionários da cultura da época os reprovaram colocando-as no rol do esquecimento. (Dubuffet aproxima os *mestres de pensar* dos professores — passa, reprova, 15 valores 10,4...) Seria interessante investigar, com esta preocupação a história da cultura. Provàvelmente algumas descobertas e reabilitações teriam lugar. Mas quem faria esta revisão?

Outros professores, com critério diferente, mas professores?

Estamos talvez nos domínios do paradoxo. E estaremos bem, pois esse é o domínio do livro. Todo ele é um grande paradoxo, o *bom* paradoxo: o que mostra (com malícia) o reverso da medalha aos repoltreados no anverso... E mostra-o paradoxalmente, pois contra a cultura, Dubuffet fez obra de cultura... *Incoerência* de que ele se dá perfeitamente conta. Pág. 123: «Aqueles que possuem acerca da cultura uma experiência vivida é que lhes caberá refutá-la. Por isso me dirijo aqui aos instruídos e na sua própria linguagem, na sua redacção de notário, porque me esforcei por adoptar essa linguagem ao longo destas notas para que eles me entendam. É das suas fileiras, das que eles orientaram e ensaiaram — portanto, bem avisados e armados contra ela — que sairão os contestadores, os seus obstinados adversários. Como o fogoso Átila, depois dos seus anos de principesca juventude, passados no seio da *gentry* de Roma, corria em seguida, com pleno conhecimento de causa, com os seus companheiros da Tartária colocando na estrada os seus carros vingadores».

São os administradores da cultura quem vai fazer a *revolução cultural?* Seria ir longe de mais no paradoxo... Porém, Dubuffet limita ao estabelecer a comparação exemplificante: «como fogoso Átila». Átila era turco cruzado de mongol. Se bem que ingressado no sistema (foi «federado» do império romano) e imbuído de cultura romana (sigamos o pensamento de Dubuffet, muito embora se saiba por Prisco que «Átila guardou a simplicidade dos seus antepassados e a gravidade que convém a um guerreiro», portanto não se aculturou tanto a Roma como isso, mas sigamos o pensamento de Dubuffet) Átila é um homem culturalizado romano *mas*... fundamentalmente um huno. Romanamente culto para saber o que é um huno para os romanos — *huno*. Em suma, o Átila é um bastardo. E os bastardos cultos são do pior que há. Dirigiu-se o pintor a quem devia dirigir-se.

Se a concepção de cultura de Dubuffet em várias passagens do livro nos parece inaceitável, noutras se nos afigura correcta. Pág. 23: «A ideia Ocidental em pensar que a cultura é um assunto de livros, de pinturas e de monumentos revela-se infantil»; pág. 40: «a cultura possui também à sua disposição uma espécie de cérebro feito com o seu grão, para colocar no lugar do nosso». Mas estas características da cultura não estarão em contradição com outras que Dubuffet enuncia ao longo da obra?

Deve-se dizer em nome de quê empreende Dubuffet a sua crítica de cultura. Em nome do indivíduo, melhor: do individualismo. Para o pintor (Dubuffet é um dos pintores contemporâneos franceses mais conhecidos) os interesses do indivíduo são conciliáveis com os da colectividade. Algumas das suas máximas são do mais anarquista individualista que se conhece, parentes próximas das de Max Stirner. E aqui (no conceito de indivíduo) está *o ponto crítico* do pensamento de Dubuffet. Tudo depende (pelo menos para se aceitar em bloco as teses de Dubuffet) de se aceitar este conceito de indivíduo. Pela nossa parte não o aceitamos.

Há porém outros pontos defendidos por Dubuffet com que estamos plenamente de acordo. Como por exemplo aquele em que nos diz ser mais importante a criação do que a criatura. O mais importante, também nos parece, é a alegria de criar. Que não deve ser privilégio dos «criadores». E para tanto: todos devem ser criadores, para que não haja criadores, os «artistas» (tão funcionários da criação como os mestres de pensar são funcionários da cultura?) Ora isso significa a participação de todos criando permanentemente a sociedade. Eis porque não opomos, numa relação de exclusão, indivíduo e sociedade. Trata-se de coisas conciliáveis. Numa autogestão social, esse Norte da bússola.

O funcionário da cultura e do jornal: J. F.

(1) Publicações Dom Quixote.

Pequena antologia

O primeiro Ministério da Informação foi criado na Inglaterra durante a guerra, num momento em que se julgou vantajoso falsificar a informação. Deixou de haver informação depois que todos os governos seguiram esse exemplo. O primeiro Ministério da Cultura foi instituído em França há alguns anos, e terá, ou teve já o mesmo efeito, que é aliás o que se deseja, de substituir a livre cultura por um sucedâneo falsificado, o qual agirá á maneira dos antibióticos, ocupando a totalidade do espaço sem deixar qualquer zona livre onde possa prosperar alguma coisa de diferente. (Pág. 8 e 9).

●

As considerações sobre a cultura são falseadas se se atribui a este vocábulo um sentido abusivamente extenso, incluindo esse, mencionado algures, de não mais borrar os cueiros. Por isso, deverá considerar-se então como fazendo parte da cultura não apenas o acto de falar em si mesmo e a língua em maternal, mas também a adopção do andar direito e até mesmo, saltando o nascimento, o pertencer á espécie e o respirar com o auxílio dos pulmões. Semelhante extensão dada á noção de cultura conduz simplesmente a fazê-la desaparecer sob pretexto de que os pontos onde começa e acaba o que está abrangido por essa noção não podem ser exactamente definidos. Todas as noções que se criam no nosso vocabulário e no nosso pensamento, encontram-se mais ou menos no mesmo caso, mas devemos no entanto utilizá-las apesar dos seus contornos enevoados, e se, arguindo sucessivos graus de analogia, prolongarmos muito a sua envergadura, acabamos por desnaturá-las. O pensamento deve, pelo contrário, ser hábil em manejar as noções de contornos vaporosos sem todavia os perder de vista. Tratando-se de cultura — e aqui precisamente da nossa —, adoptemos antes, que ela começa não já a partir da escolaridade mas a partir do que se chama os estudos secundários. É de facto nesse sentido que a palavra «cultura» habitualmente se utiliza e melhor se aplica. (Págs. 44 e 45).

●

O artista que não ocupe portanto qualquer lugar, assumirá aos seus olhos a figura piedosa de um eliminado, de um incapaz. Daí o esforço angustiado que todos os artistas fazem para se verem mencionados pelos corpos culturais e receberem daí os necessários diplomas; daí a sua cumplicidade com o aparelho de prestígios e promoções, de que esses corpos culturais possuem as chaves e fora do qual não podem esperar, para eles e para as suas obras, senão indiferença e desprezo. (Pág. 74).

FUJI
Stereo-Alta Fidelidade

Modelo C8T

Modelo B7T

• Luz avisadora para emissões em stereo • Gira-discos incorporado
• Potências de saída: 2×5W e 2×10W • Ondas Médias, FM e FM-Stereo
• Frequências de resposta: 60-15.000Hz e 20-35.000Hz • Colunas separadas

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS SABEL Rua D. Estefânia, 98 - LISBOA • Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO

você... o pintor

o seu carro...

Exija do seu pintor uma garantia de brilho para o seu carro

Um novo esmalte acrílico para repintura de automóveis

LUCITE®

• Um brilho perdurável
• Maior rapidez na execução
• Superior resistência

Agentes Gerais:
Bethencourt Bros. Ltd.
R. da Cruz Vermelha, 11-B e D
Telefs. 761449-761584-761585
Lisboa 4

Um produto DUPONT

Distribuidores no Norte:
Sória, Limitada
R. Sá da Bandeira, 214-216
Telefs. 523508 - 24705
Porto

® Marca Registada

Comunicar: onde, como, para quê?

Cont. da pág. 3

Quero agora, muito sucintamente, resumir o que se disse até agora. Assim, o Coelho disse reconhecer o falhanço do impacto das realizações das cooperativas face aos sócios; a Encarnação assinalou a necessidade da criação de um infantário, numa via de prestação de serviços pela parte da cooperativa; por fim o José João disse que a não aderência sistemática pela parte dos socios, ou pelo menos por parte de alguns deles, tal se deve ás dificuldades resultantes do tipo de vida que possuem, tipo esse resultante de uma situação conjuntural.

CORREIA — Em relação ás nossas actividades acho que elas estão erradas. São mesmo para intelectuais: colóquios, cinema, etc. E isso não chama as pessoas; porque com uma tal linguagem e tais problemas, muitas delas vêm cá uma vez e nunca mais cá voltam. Creio ser preciso fazer uma análise das pessoas que vivem em Queluz e a partir disso fazer actividades que correspondam aos seus interesses, nomeadamente em relação aos jovens, um certo tipo de jovens que não são universitários e que com estes tipos de actividades também não vêm cá. Mas, possivelmente, se nós dessemos bailes eles até vinham cá. O baile até talvez fosse um mal necessário, caso tivéssemos uma sede em condições. Porque é que não haveríamos de fazer bailes, baladas, cantares, danças, etc., actividades que pareçam á primeira vista prejudiciais?

RAUL — Uma coisa engraçada. Quando falei a certas pessoas na cooperativa, algumas disseram: «Mas qual é o interesse disso? Você anda a perder tempo, tem mais que fazer... Afinal de contas para que é que isso serve?» Uma das coisas que citei é que se tinha em vista a realização de cursos liceais gratuitos. Ora essas mesmas pessoas que me tinham feito aquele tipo de comentários, disseram então: «Ah! Sendo assim também vou para sócio e ponho lá os meus filhos a estudar á borla». Gostaria que se tomasse isto em consideração: há pessoas que mordem na isca e «maribam» no anzol. Era isto que eu queria dizer.

DEFINIR OBJECTIVOS

JOSÉ JOÃO — Ainda em relação ao ponto que há pouco foquei, sobre que a cooperativa deveria ser uma escola da vida, quero ainda dizer que nós temos de viver com os indivíduos com quem nos sentimos ideológicamente identificados e então deixam-se de pôr problemas de linguagem, entendimento, etc., porque até por gestos nos entendemos. Quando estamos unidos com certos indivíduos por interesses muito definidos, as pessoas entendem-se; logo o que é preciso é definir muito bem os objectivos pelos quais se vão unir, pelos quais vão lutar. Claro que esse processo de definição é lento e não sei, nem pouco mais ou menos, como é que ele é. Agora quando eu digo que isto deve ser uma escola da vida, pois se nós todos aqui temos uma fase pequeno-burguesa, como já foi admitido, isto enferma de um erro desde a partida: a junção de toda uma série de indivíduos que têm uma certa cultura e uma certa disponibilidade económica que lhes permitiram criar uma cooperativa, que têm toda uma série de interesses que lhes permitem fazer toda uma série de sacrifícios, a fim de se unirem em torno de uma sede.

VICTOR SILVA — Fala-se muito sobre a razão que leva as pessoas a não virem cá. E eu faço agora uma pergunta: — E porque é que elas hão de cá vir se a cooperativa ainda não fez nada por elas? Houve no princípio um entusiasmo grande; todas aquelas pessoas que têm pretensões a intelectuais, que são pequeno-burgueses, como vocês dizem e que não tinham onde se realizarem, pois têm interesses, acham que este ou aquele assunto tem interesse, gostam de conversar pura e simplesmente e não tinham onde se reunirem, vieram para aqui. O «paleio» também cansa um bocado e se essas pessoas têm um mínimo de honestidade, gostarão de fazer aquilo que pensaram que aqui se iria fazer. Mas nada se fez por enquanto, o que não admira, até porque isto é ainda muito novo. Agora vejamos se os colóquios são ou não são válidos. Eu acho que sim e acho também válido que a «Proelium» venda livros e não batatas, pois sem discussão não é possível lutar para obter qualquer coisa. Isto não implica que se não entre na via da prestação de serviços aos sócios, tais como a creche: penso nesta ultima porque, aliada, por exemplo, á organização de cursos gratuitos poderão ser um bom meio de trazer aqui pessoas, se bem que elas de início apenas venham por causa das vantagens que lhes daremos. Depois será possível puxá-las para outras coisas até porque começarão a vir quando virem que aqui se discutem assuntos que lhes dizem respeito. Agora que somos nós que temos que começar, isso é verdade.

Moderador — *Vou tentar, muito ràpidamente, fazer um balanço do que se disse até agora. Verifiquei que se fizeram várias propostas: uma delas diz que na formação desta cooperativa e de outras congéneres, houve um erro á partida que foi a intenção de levar a cultura ás massas, outra recomenda que as cooperativas deste género continuem fundamentalmente como grupos dinamizadores não só dentro da massa em geral como também dentro de associações já existentes nas localidades; outra ainda, propõe que se combinem os dois tipos de actividades: divulgação da cultura e a prestação de serviços. Contudo, houve pessoas que se manifestaram contra a inserção em outras associações em virtude do profundo estado de viciação em que as mesmas se encontram.*

Feira do Livro

Cont. do pág. 4

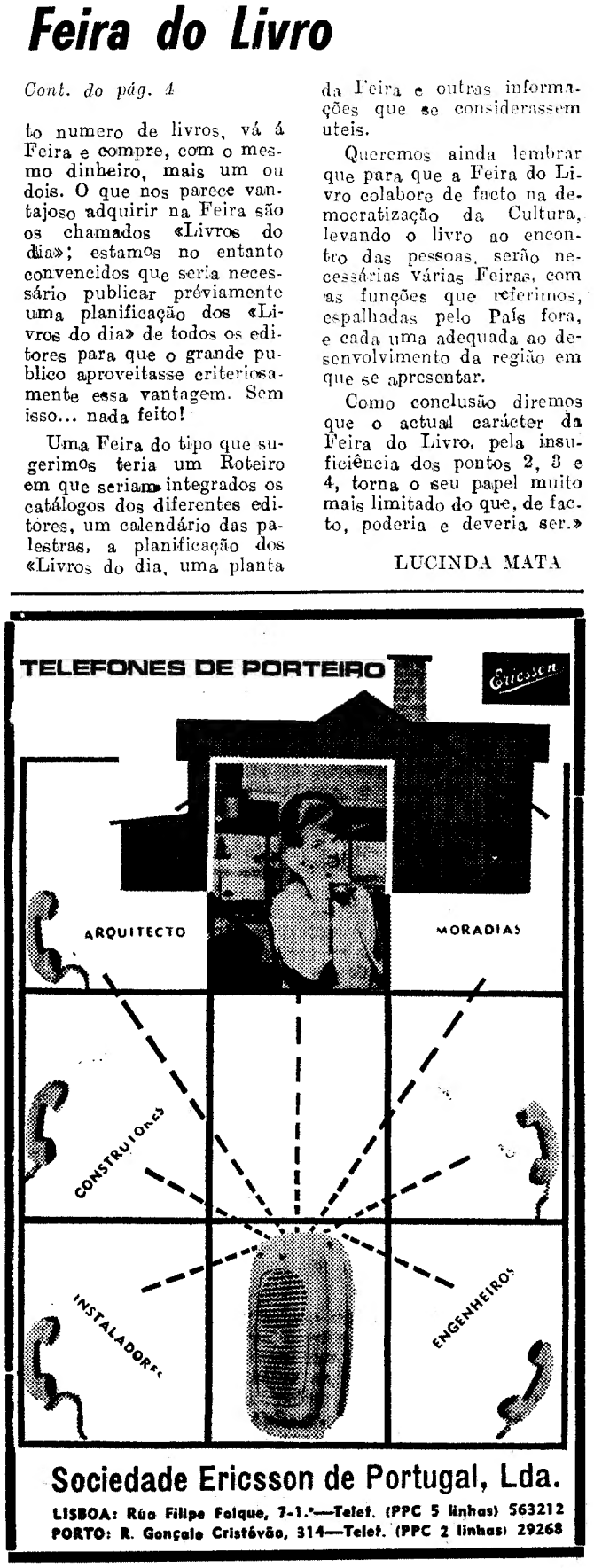
to numero de livros, vá á Feira e compre, com o mesmo dinheiro, mais um ou dois. O que nos parece vantajoso adquirir na Feira são os chamados «Livros do dia»; estamos no entanto convencidos que seria necessário publicar préviamente uma planificação dos «Livros do dia» de todos os editores para que o grande publico aproveitasse criteriosamente essa vantagem. Sem isso... nada feito!

Uma Feira do tipo que sugerimos teria um Roteiro em que seriam integrados os catálogos dos diferentes editores, um calendário das palestras, a planificação dos «Livros do dia, uma planta da Feira e outras informações que se considerassem uteis.

Queremos ainda lembrar que para que a Feira do Livro colabore de facto na democratização da Cultura, levando o livro ao encontro das pessoas, serão necessárias várias Feiras, com as funções que referimos, espalhadas pelo País fora, e cada uma adequada ao desenvolvimento da região em que se apresentar.

Como conclusão diremos que o actual carácter da Feira do Livro, pela insuficiência dos pontos 2, 3 e 4, torna o seu papel muito mais limitado do que, de facto, poderia e deveria ser.»

LUCINDA MATA



Será a beleza um luxo?

Cont. da pág. 1

mercadoria. Mas mesmo nessa situação, encontra os seus próprios limites.

Se as cidades são muitas vezes mornas e lassas, se os recentes conjuntos habitacionais são com frequência decepcionantes, se os campos são desnaturados, se os objectos usuais são muitas vezes inestéticos, apesar duma louvável preocupação de pesquisa, se, enfim, o nosso meio ambiente não nos permite as satisfações a que temos o direito de esperar, é preciso que nos interroguemos sobre as causas desta carência e tentar encontrar para isso um remédio.

Os espíritos do nosso tempo não estão de modo algum preparados para sentir, compreender e suscitar o belo. Não podemos defini-lo com rigor, porquanto não pertence nem ao domínio dos números nem ao das fórmulas, e apenas é possível evocá-lo como um frágil fantasma ràpidamente desaparecido. Entre os autores que trataram este tema, Blondel parece-nos tê-lo apreendido com felicidade ao evocar «esta ideia universal que nos faz ver, conhecer e saber ao mesmo tempo e s e m aborrecimento mil particularidades diferentes, e que, pelo seu arranjo e pela correspondência das suas proporções engendra aquilo a que se chama beleza, ou este conjunto harmónico que é a fonte, a origem e a causa de todo o prazer que daí recebemos.»

A beleza é o jogo harmonioso de elementos, ponto de encontro talvez de acordos preestabelecidos, e desaparecidos no mais profundo de nós mesmos, ou difundidos na natureza.

As difíceis relações entre o belo e a nossa sociedade têm origens numerosas. Em primeiro lugar a ignorância, que o nosso sistema de ensino, a todos os graus, nada faz para combater. E quando, por acaso, existe um ensino de arte, este é apenas analítico, classificador e histórico, ignorando a imaginação criadora. Ao relatar as suas recordações de prisioneiro de guerra, Jean Guitton escrevia: «Para nós, intelectuais, havia vantagem em considerar o trabalho artístico. Os escolares ignoram-no. E a razão disto reside em que a pedagogia consiste precisamente em introduzir na criança o gosto por este trabalho artístico desordenado na aparência, para lhe ensinar as regras, as horas e os bons hábitos. Mas, quando se atinge a idade de homem, é bom saber-se que existem muitas outras maneiras de trabalhar, muito diferentes das das classes e da idade jovem.» (1).

A riqueza do património artístico, a sua valorização, o seu chamamento quase permanente, dão assim uma boa consciência e um sentimento erróneo de que todos os problemas da arte estão regulados da melhor maneira possível e de uma vez para sempre, p a r t i c u l a r m e n t e para a França.

Pelo menos no seu início, a mecanização deu igualmente um sério golpe na arte, pelo desaparecimento progressivo do acto manual que provocou, e que trazia, ao serviço da realização de formas úteis, uma possibilidade de escolha e de invenção renovadas sem cessar — condição da própria arte. Ao separar o artesão e o artista da actividade económica e social, enquanto que fabricante, a mecanização empurrou-o para uma espécie de «ghetto». Num paroxismo de pesquisas e de invenções os artistas têm seguido assim o seu caminho solitário. Foi assim que se criou a arte pela arte, provàvelmente um impasse.

Em lugar da beleza considerada como uma espécie de religião esotérica não seria mais sensato valorizar a noção de objecto realizado com alma e arte. O que é reafirmar que a beleza não é estranha às actividades humanas, mesmo às mais modestas e mais quotidianas, mas sim uma qualidade, suplementar, uma qualidade de ordem sensível que se acrescenta, acompanha e esclarece as qualidades de utilidade, de necessidade e de economia.

É portanto o principal, o indispensável: a alma, tão frequentemente ausente na nossa época técnica, mecanizada, quase «robotizada», incessantemente solicitada por todos os produtos da nossa sociedade de consumo. No entanto, sob um móbil muito diferente, aqueles são objecto de algumas investigações até agora consideradas fora do domínio da arte; técnicas de difusão e de apresentação, procurando responder a este género de apetite difuso das massas de consumidores para um não-sei-quê que poderia ser a estética, tornando-se esta uma dimensão de felicidade na nossa civilização colectiva.

Em seguida, os preconceitos, que ligam a beleza ao luxo: forçosamente mal adquirido, este último, sendo considerado como duma essência contrária aos princípios democráticos, marca a primeira com um halo de pecado. Também os preconceitos negam à beleza qualquer utilidade. Por fim, existem aqueles para os quais o belo seria caro. E, ràpidamente, o belo seria perigoso, inútil e dispendioso.

Como ousar falar nisto, num momento em que os únicos critérios admitidos, no domínio da construção, em particular, são essencialmente quantitativos e económicos? Se, após um período de quinze anos de estagnação, a construção retomou o seu fôlego isto teve como objectivo primeiro atender ao mais urgente: reparar as ruínas da guerra, para depois prosseguir, e não proceder, ao fenómeno mundial da urbanização e a evolução cativante da nossa época nas suas maneiras de viver, de pensar e de gastar.

Ao mesmo tempo que se modificava a escala das preocupações iniciaram-se e s f o r ç o s extraordinários: novas matérias e processos de c o n s trução, prefabricação, industrialização, arrastando uma diminuição, depois da guerra, do tempo de construção de um metro quadrado. Da mesma forma, em dez anos, o preço do metro quadrado de construção dum HLM aumentou 12%, incluindo as amortizações de prestações, enquanto que os salários progrediram de 112% e os materiais de 50%.

Encontra-se assim um melhoramento análogo noutros sectores de domínio do recentemente construído, e dos quais algumas realizações, constituem um sucesso, sob um ponto de vista de aspecto e de integração no respectivo contexto urbano ou natural, provando assim que a beleza não custa mais caro, contràriamente ao preconceito mesquinho e pequeno-burguês para o qual a obra de arte só podia ser rara e única.

///

É preciso não opor a arte á técnica, a beleza á função, o sonho à realidade. Le Corbusier escreveu: «Constrói-se com madeira, pedra, cimento; fazem-se casas, palácios, é a construção. Mas, de repente, tocam-me fundo, dão-me prazer, sinto-me feliz e digo: é belo — eis a arquitectura, — a arte está aqui». Ele dizia ainda: «A unica coisa que não custa ao cliente é a proporção.»

Esta proporção não resulta duma descoberta imediata, mas é a consequência duma longa pesquisa. E é ainda necessário que o criador possua e domine o seu trabalho, ou seja, que ele tenha todas as competências: e estas terão de ser bastante profundas, porque a arquitectura é simultâneamente arte e técnica.

Se dentro dos limites previstos de financiamento, a obra deve corresponder a uma necessidade e a uma razão, deve também respeitar as regras intangíveis do nosso planeta: gravidade, estabilidade, efeitos do tempo, clima. O seu criador deve portanto lutar contra a inércia da matéria e contra a vida da natureza.

Mas tudo isto seria apenas arte de construir, com as famosas regras de arte, se não se lhe juntasse o que M a l r a u x chamava: «Aquilo pelo qual as formas se transformam em estlo»... e pelo qual a massa se torna escultura.

A sensibilidade sensorial não provém da riqueza dos materiais mas da composição, do jogo subtil dos cheios e dos vazios, duma sombra ou dum reflexo.

É a vida, o inefável, a parcela do maravilhoso, a dádiva dos homens para os homens.

Em que custa isto mais caro? A não ser em esforço, em fadiga, em preocupação, em tempo despendido ao seu criador; «Em arte — dizia F. L. Wright — o trabalho e o homem são amigos.»

Numa altura em que as necessidades são imensas, não será necessário provocar a intervenção cada vez maior daqueles que apresentam esta garantia de competência e de a tornar indispensável, de lhes dar meios para assegurarem os seus trabalhos da melhor forma, no contexto económico, favorecendo a sua evolução e de preparar a inserção dos jovens que o desejem fazer? Não será este o melhor meio de lutar contra uma das formas de poluição que ainda não foi suficientemente fustigada, a poluição arquitectural, factor de insalubridade nas cidades, nos lamaçais dos campos e de poluição dos espíritos?

A. W. CARGILL
E G. UNIAK

(*) Respectivamente, presidente do sindicato dos arquitectos de Paris e arquitecto D. P. L. G. Professor na unidade pedagógica n.º 4.
(1) No seu livro «Trabalho intelectual».

No meio da avenida estava uma mulher

HELENA NEVES

Conceição Gomes, ofício de bordadeira

Nome: Conceição Gomes. Idade: 51 anos. Viúva, estado de solidão. Bordadeira rural há 46 anos. Profissão não reconhecida. Portanto, reforma nem sonhar com ela. Haveres: uma mala velha de madeira, um saco de xadrez. Riquezas: a almofada cilíndrica cheia de palha de trigo, os bilros e as mãos. As mãos afadigadas, de palmas voltadas para baixo, guardando a memória dos gestos antigos, antigos como os primeiros bilros que dedos de mulher manejaram lá por terras de Vila do Conde.

— Foi lá que nasci. A minha mãe, também rendeira, é que me ensinou o ofício.

Em «terra de redes, terra de rendas», os dedos, logo de miúdos são chamados ao trabalho. Sim, porque isto de redes e rendas, só enriquece quem explora o labor das mãos que as lançam. Se as mãos dos homens lançam a rede ao mar, ainda catraios, ainda o medo navegando-lhes forte nos peitos, as mãos das raparigu**i**nhas emigram cedo dos folguedos para lançar os bilros á descoberta do ofício.

Por isso, Conceição Gomes fez noviciado de rendilheira aos cinco anos.

Então, lá na vila, meninas de vida folgada iam aprender a arte dos bilros á escola. Saíam casadoiras, cheias de prendas: lençóis e panos rendilhados por suas mãos, sabedoria em misteres caseiros e catequese. Mas para aquelas que, como Conceição, têm pai no mar e mãe afadigada com tantas bocas pedindo pão, não há tempo de escola.

Foi assim (eu vou contar como ela contou...): pequenina, a mãe a sentou no chão, pernas cruzadas á maneira dos antigos alfaiates, no colo almofada de vísceras de trigo e pele de algodão, e deu-lhe o pano, linha e quatro bilros. Acocorada ao pé dela, falou-lhe com palavras e gestos. Conceição aprendeu a *troca* (renda feita com quatro bilros). Não houve festa quando acabou a primeira obra como acontecia na esfera das meninas de vida folgada. Houve mais uns centavos e á ceia aconteceu mais um pouca de fartura de pão.

Depois da *troca* veio o *ilhó* (renda feita com 12 bilros). O resto, Conceição já esqueceu. Mas há muito que nenhum ponto da arte de bilros lhe é estranho. E no entanto, a terra onde a mãe lhe pôs nas mãos, os primeiros bilros não contém a sua fome. Em terra de redes e de rendas, bordadeira não tem lugar para o ganha pão.

— Em Vila do Conde, a renda é um trabalho doméstico que não dá para viver. Pagam pouco á gente, porque é para as fábricas arrecadarem mais dinheiro quando vendem ao comércio. Por isso, vim.

A terra vira saudade nos olhos de Conceição erguidos do trabalho. E continua:

— Agora ando de terra em terra. Já estive em Leiria e em Coimbra até vir para Lisboa. Pensei que era bom tempo. Era tempo de gente estranha de outros países, que gosta de renda. Compre-me este paninho que é só 70$00!... Vê com eu o faço? Demoro dois dias só 70$00 não acha barato?

Fita-nos com o rosto cavado por rugas: longas na testa, o esforço de concentração no ponto as desenhou; em torno dos olhos, são miudas, entreabertas pela fadiga:

— Já cá estou há 10 dias. Vim aqui para a avenida para ganhar. Mas o tempo vai mau. Não me compra este paninho que é só 70$00?

Arredia a esperança de vender paninho, cabe a Conceição Gomes a altura de perguntar:

— Mas isto para que é?

— É para o jornal, o Diário de Lisboa.

— Não conheço. E o que fazem os senhores?

— Escrevemos e tiramos retratos.

— Ora, isso não é trabalho! Trabalho é o meu!

Desinteressada de nós, atenta no bordado. Os bilros vingam desventuras, cavando maravilhas. São enxadas de madeira semeando renda no solo desenhado do pano. Suas *«mãos vão e vêm trabalhando»*.

São como as mãos de todas as mulheres trabalhadoras do meu país: «Ao pão e á água se parecem, ao trigo, aos países da lua, ao perfil da amendoa, ao peixe selvagem que palpita prateado no caminho dos mananciais».

Mãos tecendo o pão de cada dia, até ao dia sem reforma. Mãos de uma mulher que estava no meio da avenida.

«Os bilros vingam desventuras, cavando maravilhas»

Do ofício de bordadeira

«... Os bordados são pagos por uma tabela baseada no número de pontos exigido por cada desenho e prèviamente calculados. Assim, a «obra» leva o desenho passado e a indicação do preço do seu trabalho que a bordadeira aceita sem discutir. A importância correspondente às linhas é descontada nesse preço, isto é, a bordadeira paga as linhas que emprega.

A designação de ponto, neste caso ponto industrial, não corresponde aqui a cada vez que se espeta a agulha no tecido, mas sim a um conjunto de pontos que formam um «ilhó», uma «folha» ou um grupo de «granitos», equivalendo, cada metro de «richelieu», cordão, caseado e outros, ou cada centímetro quadrado de pontos de fantasia, a um determinado número de pontos industriais. Cada ponto industrial é pago por um centavo e meio.

As bordadeiras rurais ou profissionais, são consideradas trabalhadoras domésticas, não pertencendo a qualquer sindicato nem beneficiando de quaisquer vantagens de caixas de previdência ou fundo de desemprego. Pagam, porém, rigorosamente, o imposto estabelecido sobre todas as importâncias que recebem pelos bordados executados.

Quem vê qualquer peça nas mãos das bordadeiras, quando elas, sentadas á porta, ou em rancho, á sombra das árvores vão lavrando primorosamente o tecido, sem contudo ter com ele a menor cautela, mal pode acreditar que aquele pedaço de linho ou cambraia, enrodilhado, sujo, se transforme numa toalha com formoso bordado, impecàvelmente limpa e engomada.

Na verdade, a bordadeira, principalmente a bordadeira rural, não tem o menor escrúpulo em arrastar na terra o tecido que está a bordar, chegando mesmo a limpar as mãos com ele. A sua tarefa é executar o bordado, o resto é com a fábrica. Quando ali dá entrada, a «obra» parece, muitas vezes, um esfregão, mas o bordado lá está, resistente, certo, bastando lavá-lo para que ele ressalte, perfeito e lindo.

Se assim não for, se o trabalho apresentar deficiências, a bordadeira perderá o seu ganha pão e prejudicará a aceitação desta famosa indústria nos grandes mercados que a mantêm. Isto obriga-a a apurar, quanto pode, o seu labor.

Cabe ás operárias verificar se há imperfeições no bordado e remediá-las quanto possível. A tarefa de recortar o tecido é particularmente delicada e exige grande atenção. Cada fábrica tem várias secções, com operárias especializadas, desde lavadeiras e engomadeiras ás encarregadas de estampagem, contagem e empacotamento das peças.

... As operárias que trabalham nas fábricas de bordados são, como a maioria das operárias portuguesas, activas, hábeis, disciplinadas, mantendo-se, porém, á margem da vida proletária.

O seu nível de vida é baixíssimo; no entanto, sentindo embora o peso de incalculáveis dificuldades, elas não chegam a definir os seus próprios problemas, nem os discutem, nem se unem para lhes encontrar solução».

(In «AS MULHERES DO MEU PAÍS» por Maria Lamas)

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 18 DE JUNHO DE 1971 — N.º 99